



MUSEIA

A MATRIZ PORTUGUESA

UUSA

RIO DE JANEIRO 12 de outubro de 2007 a 10 de fevereiro de 2008

BRASÍLIA 26 de fevereiro a 4 de maio de 2008

SÃO PAULO 15 de junho a 9 de setembro de 2008



Fundado por D. João VI em 1808, o Banco do Brasil associa-se às comemorações, em 2008, do bicentenário da chegada da Família Real ao País, patrocinando LUSA – A MATRIZ PORTUGUESA. A mostra exhibe o diverso acervo de peças e documentos de um Portugal pouco conhecido pelos brasileiros: aquele anterior ao Descobrimento, período que se estende de sua pré-história até 1500, ao longo do qual transcorre, com narrativa das mais ricas, a formação da gente e do reino portugueses.

Estatuária, jóias, objetos sagrados e profanos, mapas, instrumentos científicos evidenciam que os grandes feitos de Portugal, a partir da Alta Idade Média, têm origem numa história densa, dramática, uma vez que povos tão diferentes quanto celtas e romanos, visigodos e árabes acabaram por se mesclar no extremo ocidental da península Ibérica. As lutas pelo território, as reconquistas se sucedem, mas sobretudo dão lugar ao comércio e aos ofícios, responsáveis pela expansão das cidades, espaço onde as catedrais têm um papel determinante no urbanismo como nas artes. Neste cenário, as comunidades cristã, islâmica e judaica exercitam durante séculos aquilo que viria a ser uma característica brasileira: a convivência. Sob esses traços de identidade, uma constante: o mar, isto é, a ciência da navegação repartindo-se em negócios, civilização e a elevada poesia que culmina em Os Lusíadas de Camões.

A montagem destaca as várias camadas de contribuição étnica e cultural, enquanto recria o sentido épico da ação portuguesa no mundo. Para isso, extensa pesquisa e coleta de material em instituições da nação irmã mobilizaram nove curadores especializados em disciplinas que vão da lingüística ao medievalismo cristão. Particularmente reveladores são os dados referentes à gênese da língua que falamos, com a apresentação do primeiro texto escrito no idioma.

Ao acolher LUSA – A MATRIZ PORTUGUESA, o Centro Cultural Banco do Brasil dá seguimento ao ciclo de mostras que aborda a constituição da nacionalidade brasileira e, ao mesmo tempo, mantém vivo o debate sobre a importância do passado face a uma contemporaneidade toda ela voltada para o presente. Pois certamente é inegável que conhecer bem Portugal é condição para melhor interpretar o Brasil.

Centro Cultural Banco do Brasil

	S U M Á R I O	
	Texto Marcello Dantas	12
	Cronologia	14
	As raízes pré-históricas do território português Luís Raposo	18
	O Portugal dos Romanos Maria Conceição Lopes	38
	Alta Idade Média em Portugal Santiago Macias / O ocidente peninsular entre Oviedo-Leão e Córdoba. Uma perspectiva “cristianocêntrica” Paulo Almeida Fernandes	58
	O Mediterrâneo em vésperas da Islamização Cláudio Torres	72
	O Medieval Cristão: a formação e consolidação de Portugal (séculos XII a XV) José Custódio Vieira da Silva	88
	A Presença Judaica em Portugal Maria José Ferro Tavares	106
	A construção da visão planetária do mundo: os descobrimentos marítimos portugueses Jorge Couto	122
	A Língua e o Comércio	156
	Versão em inglês	164

Lusa: A Matriz Portuguesa é uma exposição que conclui um ciclo sobre a formação étnico-cultural do Brasil. Essa iniciativa teve início em 2003, com a mostra *Arte da África*, que retratou as culturas ancestrais africanas antes de sua vinda ao Brasil. Em 2004 e 2005, realizamos a mostra *Antes: Histórias da Pré-História*, na qual focamos as culturas nativas das Américas antes do contato com os europeus. Faltava abordar o elemento europeu, particularmente o português, fundamental na formação do Brasil e que compartilha uma grande história conosco.

Lusa trata do percurso dos portugueses desde a Pré-História até a era dos descobrimentos, trazendo pela primeira vez ao Brasil seu passado mais remoto, os períodos romano, islâmico e cristão, a Idade Média, a presença judaica e a formação de nossa língua. Boa parte desse conhecimento é fruto de pesquisas recentes que trouxeram de volta à luz várias períodos da história de Portugal mantidos sob trevas durante séculos. Foi a diversidade étnico-cultural que fez de um pequeno país como Portugal um centro de conhecimento e intercâmbio, habilitando-o a tornar-se uma potência colonial nos séculos seguintes e dar ao mundo a primeira noção completa de contorno e a primeira globalização.

Essa exposição reúne um universo de acervos raríssimos garimpados em mais de 35 instituições e com curadoria de nove dos mais reconhecidos historiadores de Portugal, notórios saberes em suas áreas.

A mostra revela uma raiz miscigenada de Portugal, sua língua, formação e etnias; apresenta de forma dinâmica as muitas transições e influências, e em alguns momentos a adaptação e o convívio harmônico de diferentes culturas. O grande objetivo dessa exposição é apresentar a essência de um Portugal ancestral que migrou e fundou o Brasil inicial. Ela nos habilita a perceber as várias relações que temos até hoje com essa matriz e que ainda podem ser encontradas em nossa cultura.

O mais belo resíduo que essa exposição deixa em nós, brasileiros, é o sentimento de que nossa mais remota ancestralidade suscitou claras marcas em nossa jovem cultura, as quais se revelam muito mais profundas do que podem parecer e estabelecem ligações muito mais amplas do que costumávamos crer.

As exposições *Arte da África*, *Antes: Histórias da Pré-História* e *Lusa: A Matriz Portuguesa* apresentam os ingredientes que fizeram nossa mais essencial sopa. Luse-se.

PRÉ-HISTÓRIA PREHISTORY	
Cerca de 1 milhão de anos <i>Approximately 1 million years</i>	Primeiros habitantes do território (Paleolítico Inferior) - caçadores-recolectores - instrumentos de pedra lascada para usar na mão (o biface) <i>First inhabitants of the region (Paleolithic Inferior)</i> - Hunters-gatherers. - Use of stone, handheld instruments
150 a 30 mil anos <i>150.000 to 30.000 years</i>	Os Néandertais (Paleolítico Médio) - enterramento dos mortos - instrumentos encabados (pontas de lança) <i>Neanderthals (Middle Paleolithic)</i> - burial of the dead. - Instruments with handles (spear points)
25 a 10 mil anos <i>25.000 to 10.000 years</i>	Os Sapiens (Paleolítico Superior) - arte rupestre - instrumentos especializados para caça e pesca <i>Homo Sapiens (Upper Paleolithic)</i> - rock paintings. Specialized - instruments for hunting and fishing
8 mil anos a. C. <i>8000 B.C.</i>	Arqueiros nos vales dos rios Tejo e Sado (Mesolítico) - concheiros: locais de vida e de enterramento - instrumentos em pedra de pequenas dimensões (micrólitos) <i>Archers in the valleys of the Tejo and Sado rivers (Mesolithic)</i> - signs of life and burials. - small stone instruments
6 a 4 mil anos a. C. <i>6000-4000 B.C.</i>	Os primeiros agricultores e pastores (Neolítico) - povoados sem defesas naturais; grutas usadas como necrópoles - construção de monumentos megalíticos (antas ou dólmenes) - cerâmica e pedra polida <i>The first farmers and shepherds (Neolithic)</i> - small villages without any natural protection: caves used to bury the dead - construction of large monuments (dolmens). - ceramics and polished stones
3 mil anos a. C. <i>3000 B.C.</i>	Os primeiros metalurgistas (Idade do Cobre) - povoados fortificados e monumentos funerários de falsa cúpula (tholoi) - objetos de prestígio e luxo (cerâmicas rituais, pontas de cobre, braçais de arqueiros, botões, etc.) <i>The first metal works (Copper Age)</i> - fortified villages and large ceremonial tombs (tholoi) - luxury objects and objects of prestige (ritual ceramics, copper spears, buttons, etc.)
2 mil anos a. C. <i>2000 B.C.</i>	As aristocracias de heróis-guerreiros (Idade do Bronze) - sepulturas individuais, com as armas gravadas - grande quantidade de objetos em bronze e cerâmica imitando o metal <i>The aristocracies of the hero-warriors (Bronze Age)</i> - Individual graves, with engraved weapons - Large amount of bronze artifacts and ceramics imitating metal
1º milênio a.C. <i>1000 years B.C.</i>	A cultura castreja; influências continentais (célticas) e mediterrânicas (fenícias, gregas e cartaginesas) (Idade do Ferro) - castros e citânias no Noroeste Ibérico - colônias e entrepostos comerciais no litoral - grande quantidade de objetos em ferro no final do período (a democratização do metal) <i>Castro culture: continental (Celts) influences and Mediterranean influences (Phoenicians, Greek, Carthaginians) (Iron age)</i> - hill forts in the northwestern Iberian peninsula - colonies and commercial outposts along the coast - large number of metal objects found at the end of this period (democratization of the use of metal)

DESCOBRIMENTOS DISCOVERIES	
1415	- Uma poderosa armada, comandada pelo rei João I (1385-1433), conquista Ceuta, estratégico porto mediterrânico norte-africano, que controlava, da margem sul, a navegação que cruzava o Estreito de Gibraltar. <i>A powerful armada, under the command of King João I (1385-1433) conquers Ceuta, a strategic North-African Mediterranean sea port that controlled the south shore of all ships sailing through the Strait of Gibraltar.</i>
1422	- O Infante D. Henrique dá início a persistentes iniciativas destinadas a empreender o reconhecimento do litoral africano ocidental que, até então, só era freqüentado pelos europeus até ao cabo. <i>Infante D. Henrique begins his persistent attempts to explore the western African coast, up until then only explored by Europeans as far as Cape Bojador (now western Sahara).</i>
1434	- Após doze anos e catorze frustradas tentativas, Gil Eanes consegue, finalmente, dobrar o cabo Bojador, obstáculo que até então intransponível ao prosseguimento da navegação no litoral ocidental africano. <i>After 12 years and 14 failed attempts, Gil Eanes finally manages to sail around Cape Bojador, a long-time obstacle for boats wanting to navigate along the western African coast.</i>
1436-1441	- Os técnicos de D. Henrique trabalham no desenvolvimento de um novo tipo de navio adequado à exploração oceânica. Do intenso esforço desenvolvido resulta a caravela (navio veleiro dotado de vela latina, forro liso, leme de cadaste e castelo da popa). <i>D.Henrique's staff worked on developing a new kind of boat appropriate for ocean exploration. The hard work resulted in the design of the caravel, a sailboat with a lateen sail, a stern rudder and a stern castle.</i>
1473-1474	- O navegador Lopo Gonçalves ultrapassa a linha equatorial atlântica pela primeira vez, fazendo ruir as concepções do mundo predominantes desde a Antiguidade até à Idade Média. <i>Navigator Lopo Gonçalves crosses the Atlantic equatorial line for the first time, crushing all notions of the world as they had existed from ancient history until the Middle Ages.</i>
1475-1482	- Sob a direção do Príncipe Perfeito, os peritos portugueses adotam o método de navegação por latitudes – ou método de navegação astronômico - obtidas a partir da observação meridiana do Sol. A utilização desta técnica foi absolutamente fundamental, pois permitiu navegar em todas as latitudes, abrindo aos navios portugueses o vasto e inexplorado hemisfério sul. <i>Under the command of the Perfect Prince, the Portuguese sailing experts began to navigate using latitudes - also known as astronomic navigation – obtained by observing the sun. The use of this technique was fundamental as it allowed for navigation at any latitude, opening up the vast and unexplored southern hemisphere to the Portuguese ships.</i>
1488	- Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança e encontra a ligação entre os oceanos Atlântico e Índico (passagem de Sueste), abrindo o caminho marítimo para o mundo oriental. <i>Bartolomeu Dias rounds Cape Good Hope and discovers the connection between the Atlantic and Indian Oceans (the Southeast passage), opening up a maritime route to the east.</i>
1494	- Portugal e Castela acordam, através do Tratado de Tordesilhas, na delimitação de áreas de influência no Atlântico, ficando sob domínio lusitano a área situada até 370 léguas a ocidente de Cabo Verde, incluindo todas as ilhas, terras, mares e gentes. <i>Portugal and Castile agree, in the Treaty of Tordesilhas, on the division of influence spheres in the Atlantic. The Portuguese receive control of all areas as far as 370 leagues west of Cape Verde, including all islands, land, oceans and people.</i>
1497-1499	- Primeira viagem transoceânica entre a Europa e a Ásia. A armada de Vasco da Gama descobre o Caminho Marítimo para a Índia. Os primeiros portugueses desembarcam em Calecute (1498), onde estabelecem contactos diplomáticos, recolhem valiosas informações sobre o Oriente e adquirem algumas especiarias. <i>First ocean voyage between Europe and Asia. Vasco da Gama's fleet discovers the sea route to India. The first Portuguese disembark in Calcutta (1498), where they establish diplomatic links, gather valuable information about the east and obtain some spices.</i>
1500-1501	- A armada de Pedro Álvares Cabral (a primeira na História que tocou em quatro continentes: Europa, América, África e Ásia), detecta sinais de terra, explora o Atlântico ocidental, avista o Monte Pascoal e reconhece a Terra de Vera Cruz, o futuro “Brasil” <i>Pedro Alvares Cabral's fleet (the first in history to land in four continents: Europe, America, Africa and Asia) discovers signs of land when exploring the western Atlantic and spots Monte Pascoal. He discovers the Terra de Vera Cruz, future Brazil.</i>

CRONOLOGIA | CHRONOLOGY

PRÉ-HISTÓRIA | PREHISTORY

Cerca de 1 milhão de anos
Approximately 1 million years

- Primeiros habitantes do território (Paleolítico Inferior)**
- « caçadores-recolectores
 - « instrumentos de pedra lascada para usar na mão (o biface)
- First inhabitants of the region (Paleolithic Inferior)*
- « Hunters-gatherers.
 - « Use of stone, handheld instruments

150 a 30 mil anos
150.000 to 30.000 years

- Os Néandertais (Paleolítico Médio)**
- « enterramento dos mortos
 - « instrumentos encabados (pontas de lança)
- Neanderthals (Middle Paleolithic)*
- « burial of the dead.
 - « Instruments with handles (spear points)

25 a 10 mil anos
25.000 to 10.000 years

- Os Sapiens (Paleolítico Superior)**
- « arte rupestre
 - « instrumentos especializados para caça e pesca
- Homo Sapiens (Upper Paleolithic)*
- « rock paintings. Specialized
 - « instruments for hunting and fishing

8 mil anos a. C.
8000 B.C.

- Arqueiros nos vales dos rios Tejo e Sado (Mesolítico)**
- « concheiros: locais de vida e de enterramento
 - « instrumentos em pedra de pequenas dimensões (micrólitos)
- Archers in the valleys of the Tejo and Sado rivers (Mesolithic)*
- « signs of life and burials.
 - « small stone instruments

6 a 4 mil anos a. C.
6000-4000 B.C.

- Os primeiros agricultores e pastores (Neolítico)**
- « povoados sem defesas naturais; grutas usadas como necrópoles
 - « construção de monumentos megalíticos (lantas ou dólmenes)
- « cerâmica e pedra polida
- The first farmers and shepherds (Neolithic)*
- « small villages without any natural protection: caves used to bury the dead
 - « construction of large monuments (dolmens).
 - « ceramics and polished stones

3 mil anos a. C.
3000 B.C.

- Os primeiros metalurgistas (Idade do Cobre)**
- « povoados fortificados e monumentos funerários de falsa cúpula (tholoi)
 - « objetos de prestígio e luxo (cerâmicas rituais, pontas de cobre, braçais de arqueiros, botões, etc.)
- The first metal works (Copper Age)*
- « fortified villages and large ceremonial tombs (tholoi)
 - « luxury objects and objects of prestige (ritual ceramics, copper spears, buttons, etc.)

2 mil anos a. C.
2000 B.C.

- As aristocracias de heróis-guerreiros (Idade do Bronze)**
- « sepulturas individuais, com as armas gravadas
 - « grande quantidade de objetos em bronze e cerâmica imitando o metal
- The aristocracies of the hero-warriors (Bronze Age)*
- « Individual graves, with engraved weapons
 - « Large amount of bronze artifacts and ceramics imitating metal

- The aristocracies of the hero-warriors (Bronze Age)*
- « Individual graves, with engraved weapons
 - « Large amount of bronze artifacts and ceramics imitating metal

1º milênio a.C.
1000 years B.C.

- A cultura castreja: influências continentais (célticas) e mediterrânicas (fenícias, gregas e cartaginesas) (Idade do Ferro)**
- « castros e citânias no Noroeste (bérico
 - « colônias e entrepostos comerciais no litoral
 - « grande quantidade de objetos em ferro no final do período (a democratização do metal)
- Castro culture: continental (Celts) influences and Mediterranean influences (Phoenicians, Greek, Carthaginians) (Iron age)*
- « hill forts in the northwestern Iberian peninsula
 - « colonies and commercial outposts along the coast
 - « large number of metal objects found at the end of this period (democratization of the use of metal)

PRESENÇA ROMANA | ROMAN PRESENCE

218 a.C (antes de Cristo) b.C. (Before Christ)	197 a.C b.C.	155-136 a.C b.C.	139 a.C b.C.	61-40 a.C b.C.	31 a.C b.C.	27 a.C b.C.	29-19 a.C b.C.	16 a.C b.C.	Séc I d.C (depois de Cristo) 1st century A.D. (Anno Domini)	73 d.C A.D.	212 d.C A.D.	Séc. III / IV d.C 3rd/4th Century A.D.	411 d.C A.D.
■ Desembarque dos romanos em Emporim (Ampúrias) ■ Romans arrive in Emporim (Ampurias)	■ Criação das duas províncias da Hispânia: Citerior e Ulterior ■ The two provinces of Hispania are created: Citerior and Ulterior	■ Guerras de resistência dos Lusitanos contra os Romanos ■ Lusitanian wars against the Romans	■ Morte de Viriato, que comandou as tropas Lusitanas contra os Romanos desde 147/6 ■ Death of Viriato, commander of the Lusitanian troops against the Romans since 147-146	■ César Pretor na Hispânia Ulterior ■ César Pretor in Hispânia Ulterior	■ Batalha de Actium. Vitória de Octaviano ■ The Battle of Actium. Victory of Octavianus	■ Octaviano é investido no Senado do título de Augusto. Recebe as províncias da Bretanha, Gália e Hispânia. ■ Octavianus is sworn into the Senate under the title of Augustus. He receives the province of Bretagne, Galia and Hispania.	■ Guerras de conquista do Noroeste Peninsular ■ Wars of conquest of the Northwestern peninsula.	■ Reordenamento territorial da Hispânia por Augusto, a criação das províncias da Lusitânia, Bética e Tarraconense ■ Reordernment of Hispania by Augustus, creating the provinces of Lusitania, Bética and Tarraconense	■ Estabelecimento e consolidação da rede de civitates (cidades) ■ Establishment and consolidation of a network of civitates (cities)	■ Imperador Vespasiano concede o latum minus (direito latino) a todas as cidades peregrinas da Hispânia ■ Emperor grants latum minus (Latin right) to pilgrim cities of Hispania	■ Édito de Caracala: confere o direito de cidadania a todos os habitantes livres do Império ■ Caracala Edict: grants the right of citizenship to all free inhabitants of the Empire	■ Máximo desenvolvimento da economia rural e criação dos grandes latifúndios ■ Forte desenvolvimento das indústrias de salga e conserva de peixe e exportação massificada. ■ Height of the development of the rural economy and creation of large latifundia estates. ■ Development of salting and fish salting industry, beginning of export on a large scale.	■ Início da fixação de Alanos, Vândalos e Suevos em território de Portugal ■ Conhecimento do céu e de translação do céu de Portugal Romano ■ The Alans, Vandals and Sueves in Portugal. ■ Beginning of the transformation of Roman Portugal

PRESENÇA JUDAICA | JEWISH PRESENCE

Séc. III 3rd Century	Séc. VI 6th Century	Séc. XIII 13th century	Séc. XIV 14th century	1361	1366	1366	1373	1377	1466	1496	1497	1497	1497
■ Presença comprovada dos Judeus em território peninsular ■ Evidence of the presence of the Jews in the Iberian peninsula	■ Presença comprovada dos Judeus em território que viria a ser Portugal ■ Evidence of the presence of the Jews in what would later become Portugal	■ A mais antiga referência ao cargo de rabi mor dos Judeus portugueses ■ Law issued about the election of magistrates for the Jewish communities ■ Oldest reference found regarding the position of chief rabbi among the Portuguese Jews	■ Ordenação que impõe o uso de sinal ■ Law decreed that prohibits Jews from going to Christian areas. An evening clock makes it mandatory for Jews to stay in their neighborhood as soon as the Ave-Maria begins to play	■ Proibição da livre circulação das mulheres cristãs na judaria e de judeus em casa de mulheres cristãs ■ Law issued about the election of magistrates for the Jewish communities ■ Christian women are prohibited from visiting Jewish neighborhoods and Jews can no longer visit the homes of Christian women	■ Proibição da livre circulação das mulheres cristãs na judaria e de judeus em casa de mulheres cristãs ■ Law decreed that prohibits Jews from going to Christian areas. An evening clock makes it mandatory for Jews to stay in their neighborhood as soon as the Ave-Maria begins to play	■ Jurisdição do arrabado mor ■ Jurisdiction of the chief rabbi	■ Carta régia ordenando às justicas cristãs que não desembarquem pleitos entre judeus, competência pertencente às autoridades judaicas e ao rabi mor corregedor na corte para os judeus) e em suprema instância ao rei ■ Royal Letter states that Christian courts can no longer take on cases between Jews, that this is now the jurisdiction of the Jewish authorities and the chief rabbi (even magistrates for the Jewal and in supreme cases the king	■ Extinção do cargo de rabi mor e sua substituição pelos cargos de corregedor e contador na corte para os Judeus ■ The position of Chief rabbi is eliminated and substituted by the magistrate and auditor in the Jewish court	■ 14. Dezembro) Édito da expulsão dos Judeus do reino de Portugal ■ (December 4th) Edict expels the Jews from the kingdom of Portugal	■ 19. Março) Batismo das crianças judias menores de dois anos de idade ■ March 19th) Baptism of all Jewish children under the age of two	■ 24. Março) Batismo forçado em Lisboa, conhecido pelo batismo dos Judeus que se encontravam nos Estaus ■ March 26th) Forced baptism in Lisbon, known as the Baptism of the Jews	■ 30 de Maio) Carta de privilégio aos Judeus que se convertessem livremente ■ May 30th) Privileges granted to those Jews who converted voluntarily	■ Setembro-Outubro) Partida do reino dos poucos Judeus que recusaram o batismo ■ (September-October) The few Jews who refused baptism leave the kingdom

ALTA IDADE MÉDIA | HIGH MIDDLE AGES

300-304	409	427-428	555	589	656	718	868	c. 880 approx. 880	912	924	1064	1080
■ Concílio de Elvira (primeiro concílio peninsular) ■ Council of Elvira (first council meeting on the peninsula)	■ Decadência do domínio romano na Península Ibérica ■ Roman power in the Iberian peninsula declines	■ Idácio regressa de uma viagem pelo Oriente e é ordenado bispo de Chaves ■ Idacius returns from a trip to the East and is ordained as Bishop of Chaves	■ S. Martinho de Dume reorganiza a igreja sueva ■ S. Martinho de Dume reorganizes the Suevo church	■ Conversão do reino visigodo ao catolicismo ■ The Visigoth kingdom converts to Catholicism.	■ S. Frutuoso torna-se bispo de Braga ■ S. Frutuoso becomes the Bishop of Braga	■ Revolta de Pelágio nas Astúrias ■ Pelagyo leads revolt in Astúrias	■ O conde Vimara Peres repovoia a zona Entre Douro e Minho ■ Count Vimara Peres resettles the area Entre Douro and Minho	■ Data da construção das muralhas e da mesquita de Ildunha-a-Velha ■ Construction of the walls and mosque at Ildunha-a-Velha	■ Construção da igreja de S. Pedro de Lourosa ■ Construction of the church S. Pedro de Lourosa	■ O papa João X reconhece a liturgia visigótica em uso na igreja moçárabe ■ Pope John X recognizes the Visigoth liturgy used in the Mozarab church.	■ Fernando I de Castela reconquista Coimbra ■ Fernando I de Castela reconquers Coimbra	■ Adoção do rito romano e abandono do rito moçárabe (Concílio de Burgos) ■ Council of Burgos, the Roman rituals are accepted, abandoning the Mozarab ones

PRESENÇA ISLÂMICA | ISLAMIC PRESENCE

711/792	756/139	763/139	868/254	929/217	1031/422	1044/435	1111/594	1143/538	1147/541-542	1154/551	1191/587	1249/444
■ Início da islamização do al-Andalus. Primeiras incursões no Gharb ■ Islamic settlement begins in al-Andalus. The first incursions in the Gharb	■ Início do emirado omíia ■ Beginning of the Umayyad Emirate	■ Revolta abássida em Beja, que em breve se estende a todo o Gharb ■ Abbasidan uprising in Beja, extends soon across the entire Gharb	■ Início das revoltas mulaias no ocidente peninsular contra o poder omíia ■ Beginning of the Muladin revolts in the west of the peninsula, against Umayyad rule	■ Cerco de Abd al-Rahman III a Beja e Instalação do califado ■ Siege of Beja and Faro by Abd al-Rahman Foundation of the Umayyad caliphate	■ Fim do califado omíia ■ End of the Umayyad caliphate	■ Campanhas abássidas no Sul ■ Campaigns abassides in the south	■ Consolidação do domínio almorávida no suldeste peninsular ■ Consolidation of the Almoravid power consolidates in the southwest of the peninsula. Coimbra under attack	■ Segundas tallas no Gharb (D. Afonso Henriques reconhecido como rei na Conferência de Zamora) ■ Second period of the Moorish kings in Gharb (D. Afonso Henriques is recognized as king and crowned at the Zamora Cathedral)	■ Conquista de Lisboa e de Santarém ■ Conquest of Lisbon and Santarém	■ Domínio almóada no sul ■ Almorad rule in the south	■ Ofensiva militar islâmica sobre a região centro ■ Islamic military offensive into the center of the region	■ Fim da conquista cristã no ocidente peninsular ■ Christians conquer the western peninsula

CRISTIANISMO MEDIEVAL | MEDIEVAL CHRISTIANISM

1131	1139	1147	1152	1171	1179	1185	1188	1189	1202	1211	1223	1245	1248	1249	1279	1290	1293	1297	1321	1325	1336	1341	1348	1357	1367	1374	1385	1415	1418-1420	1420	1427
■ Início da construção do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ■ Beginning of the construction of the Monastery of the Mostary of Santa Cruz de Coimbra	■ Aclamação de Afonso Henriques como 1º Rei de Portugal ■ Afonso is proclaimed first king of Portugal	■ Conquista de Santarém e Lisboa aos árabes ■ Santarém and Lisbon are conquered from the Arabs.	■ Fundação do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaca ■ Foundation of the Monastery of Santa Maria de Alcobaca	■ Construção do castelo de Almourol pelos Templários ■ Construction of the Almourol Castle by the Templars	■ Bula Manifesto ■ Próbaturum est do papa Inocêncio III, reconhecendo o rei D. Afonso Henriques, e o reino de Portugal ■ Bula Manifesto ■ Próbaturum est by Pope Alexander III recognizes the king Afonso Henriques, and the kingdom of Portugal	■ Subida ao trono de Sancho I como 2º rei de Portugal (9 de Dezembro) ■ Sancho I takes the throne as the 2nd king of Portugal ■ Papal edict (December 9th) ■ Próbaturum est by Pope Alexander III recognizes the king Afonso Henriques, and the kingdom of Portugal	■ Peste, fome e condições climáticas extremas em Portugal e na Europa ■ The plague, hunger and extreme climatic conditions affect Portugal and Europe	■ Conquista aos muçulmanos da cidade algarrva de Silves, com a ajuda de cruzados ■ Assisted by the Crusaders, the city of Silves in the Algarve was conquered from the Muslims.	■ Fome em Portugal, segundo os Anais de Coimbra ■ Portugal was plagued by hunger, according to the Annals of Coimbra	■ Subida ao trono de Afonso II ■ Afonso II becomes the 3rd king of Portugal	■ Subida ao trono de D. Sancho II, como 4º rei de Portugal ■ D. Sancho II becomes the 4th king of Portugal	■ D. Sancho II é deposto pelo papa Inocêncio IV, sendo substituído por seu irmão o infante D. Afonso ■ D. Sancho II is deposed by the Pope Inocencius IV, and substituted by his brother the infante D. Afonso	■ D. Afonso III assume o título de rei, após a morte de D. Sancho II, estabelecendo-se as fronteiras entre Portugal e o reino de Leão ■ D. Afonso III becomes the 6th king of Portugal	■ D. Afonso III assume o título de rei, após a morte de D. Sancho II, estabelecendo-se as fronteiras entre Portugal e o reino de Leão ■ D. Afonso III becomes the 6th king of Portugal	■ Subida ao trono de D. Dinis, como 5º rei de Portugal ■ D. Dinis becomes the 5th king of Portugal	■ O papa Nicolau IV aprova a Universidade fundada por D. Dinis. ■ Pope Nicolau IV approves the university founded by D. Dinis.	■ Criação de uma Bolsa de Mercadores com o apoio do rei D. Dinis ■ King supports the foundation of the Merchants Stock Exchange	■ Assinatura do Tratado de Alcanizes, estabelecendo-se as fronteiras entre Portugal e Castela ■ The Treaty of Alcanizes is signed, determining the borders between Portugal and Castile	■ Bula do papa João XXII, aprovando a criação da Ordem de Cristo que substitui, em Portugal, a Ordem do Templo ■ Papal edict by Pope John XXII approves the foundation of the Order of Christ which substituted the Order of the Templars	■ Subida ao trono de Afonso IV, como 7º rei de Portugal ■ Afonso IV becomes the 7th king of Portugal	■ Morte da rainha Santa Isabel, viúva de D. Dinis ■ Queen Santa Isabel, widow of D. Dinis dies	■ Expedição às Canárias ■ Expedition to the Canary Islands	■ A peste negra chega a Portugal ■ The plague reaches Portugal	■ Subida ao trono de D. Pedro I, como 8º rei de Portugal ■ D. Pedro I becomes the 8th king of Portugal	■ Subida ao trono de D. Fernando, como 9º rei de Portugal e último da 1ª dinastia ■ D. Fernando takes the throne as the 9th king of Portugal	■ Construção das muralhas de Lisboa e de muitas outras cidades do reino ■ The walls of the city of Lisbon and a number of other cities are built.	■ O mestre de Avis é escolhido para rei nas cortes de Coimbra ■ D. João I, 10º rei de Portugal, a instância da 2ª dinastia ■ In the court of Coimbra the Master of Avis is chosen to be king ■ D. João I, 10th king of Portugal and founder of the 2nd dynasty	■ Tomada da cidade de Ceuta ■ The city of Ceuta is conquered	■ Reconhecimento do arquipélago da Madeira ■ Expedition explores the Madeira archipelago	■ O infante D. Henrique é nomeado administrador da Ordem de Cristo ■ The Infante D. Henrique is named head of the Order of Christ	■ Descobrimento das ilhas açorianas centrais e orientais ■ The central and eastern Azores are discovered

DESCOBRIMENTOS | DISCOVERIES

1415

- « Uma poderosa armada, comandada pelo rei João I (1385-1433), conquista Ceuta, estratégico porto mediterrânico norte-africano, que controlava, da margem sul, a navegação que cruzava o Estreito de Gibraltar.

A powerful armada, under the command of King João I (1385-1433) conquers Ceuta, a strategic North-African Mediterranean sea port that controlled the south shore of all ships sailing through the Strait of Gibraltar.

1422

- « Infante D. Henrique begins his persistent attempts to explore the western African coast, up until then only explored by Europeans as far as Cape Bojador (now western Sahara).

1434

- « Após doze anos e catorze frustradas tentativas, Gil Eanes consegue, finalmente, dobrar o cabo Bojador, obstáculo que até então intransponível ao prosseguimento da navegação no litoral ocidental africano.
- After 12 years and 14 failed attempts, Gil Eanes finally manages to sail around Cape Bojador, a long-time obstacle for boats wanting to navigate along the western African coast.*

1436-1441

- « Os técnicos de D. Henrique trabalham no desenvolvimento de um novo tipo de navio adequado à exploração oceânica. Do intenso esforço desenvolvido resulta a **caravela** (navio veleiro dotado de vela latina, forro liso, leme de cadaste e castelo da popa).
- D. Henrique's staff worked on developing a new kind of boat appropriate for ocean exploration. The hard work resulted in the design of the caravel, a sailboat with a lateen sail, a stern rudder and a stern castle.*

1473-1474

- « O navegador Lopo Gonçalves ultrapassa a linha equatorial atlântica pela primeira vez, fazendo ruir as concepções do mundo predominantes desde a Antiguidade até à Idade Média.
- Navigator Lopo Gonçalves crosses the Atlantic equatorial line for the first time, crushing all notions of the world as they had existed from ancient history until the Middle Ages.*

1475-1482

- « Sob a direção do Príncipe Perfeito, os peritos portugueses adotam o método de navegação por latitudes – ou método de navegação astronómico – obtidas a partir da observação meridiana do Sol. A utilização desta técnica foi absolutamente fundamental, pois permitiu navegar em todas as latitudes, abrindo aos navios portugueses o vasto e inexplorado hemisfério sul.
- Under the command of the Perfect Prince, the Portuguese sailing experts began to navigate using latitudes - also known as astronomic navigation – obtained by observing the sun. The use of this technique was fundamental as it allowed for navigation at any latitude, opening up the vast and unexplored southern hemisphere to the Portuguese ships.*

1488

- « Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança e encontra a ligação entre os oceanos Atlântico e Índico (passagem de Sueste), abrindo o caminho marítimo para o mundo oriental.
- Bartolomeu Dias rounds Cape Good Hope and discovers the connection between the Atlantic and Indian Oceans (the Southeast passage), opening up a maritime route to the east.*

1494

- « Portugal e Castela acordam, através do Tratado de Tordesilhas, na delimitação de áreas de influência no Atlântico, ficando sob domínio lusitano a área situada até 370 léguas a ocidente de Cabo Verde, incluindo todas as ilhas, terras, mares e gentes.
- Portugal and Castile agree, in the Treaty of Tordesilhas, on the division of influence spheres in the Atlantic. The Portuguese receive control of all areas as far as 370 leagues west of Cape Verde, including all islands, land, oceans and people.*

1497-1499

- « Primeira viagem transoceânica entre a Europa e a Ásia. A armada de Vasco da Gama descobre o Caminho Marítimo para a Índia. Os primeiros portugueses desembarcam em Calcutte (1498), onde estabelecem contactos diplomáticos, recolhem valiosas informações sobre o Oriente e adquirem algumas especiarias.
- First ocean voyage between Europe and Asia. Vasco da Gama's fleet discovers the sea route to India. The first Portuguese disembark in Calcutta (1498), where they establish diplomatic links, gather valuable information about the east and obtain some spices.*

- « A armada de Pedro Álvares Cabral (a primeira na História que tocou em quatro continentes: Europa, América, África e Ásia), detecta sinais de terra, explora o Atlântico ocidental, avista o Monte Pascoal e reconhece a Terra de Vera Cruz, o futuro "Brasil"
- Pedro Alvares Cabral's fleet (the first in history to land in four continents: Europe, America, Africa and Asia) discovers signs of land when exploring the western Atlantic and spots Monte Pascoal. He discovers the Terra de Vera Cruz, future Brazil.*

A LÍNGUA PORTUGUESA | THE PORTUGUESE LANGUAGE

A história da língua portuguesa divide-se em dois grandes ciclos sucessivos | *The history of the Portuguese language can be divided into two large successive cycles:*

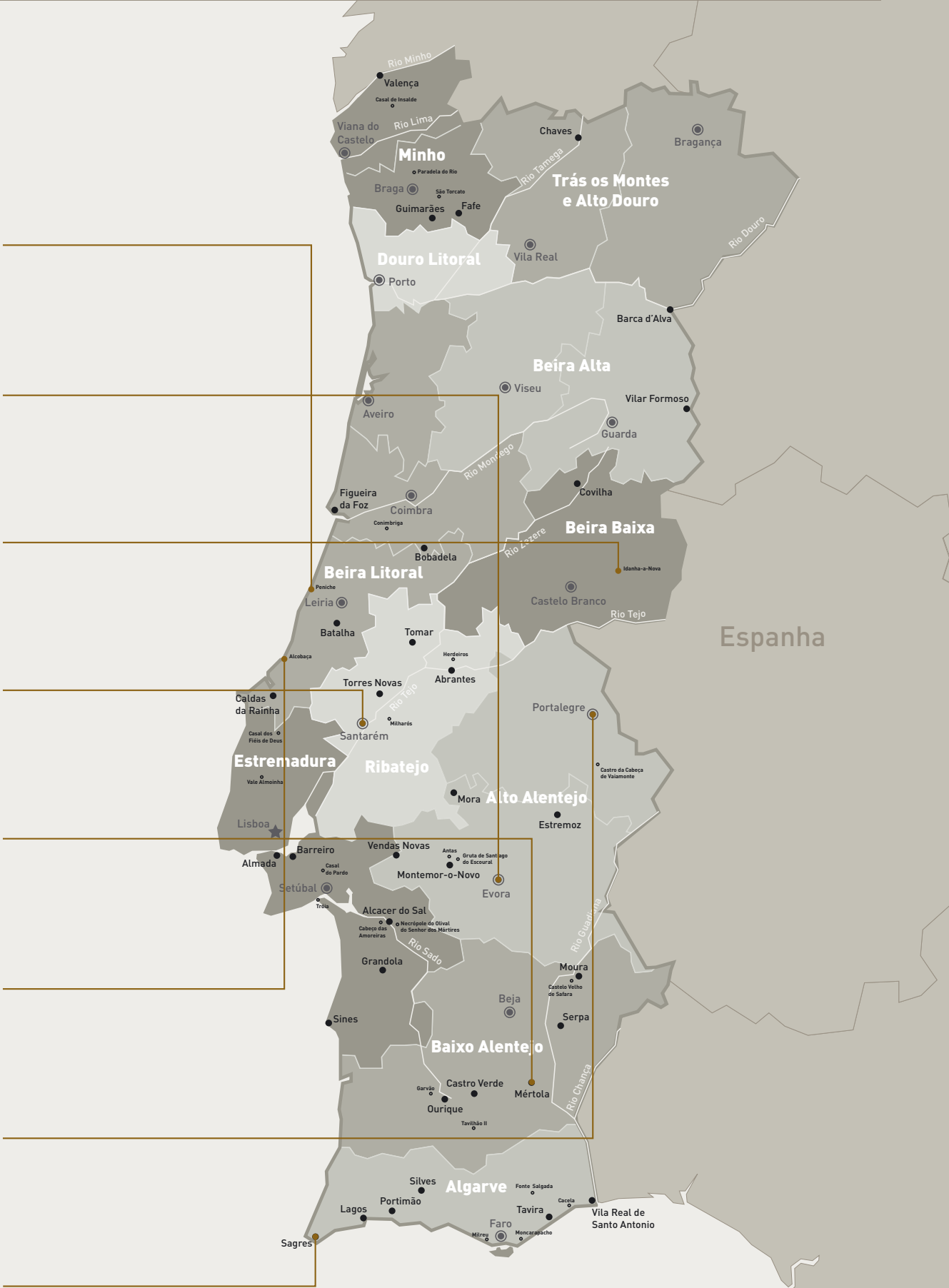
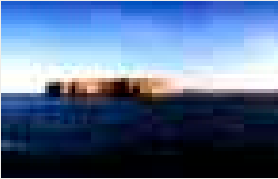
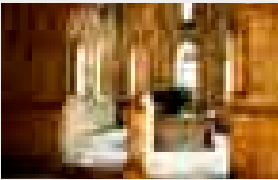
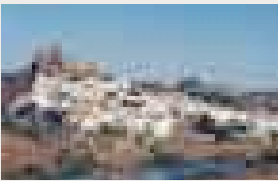
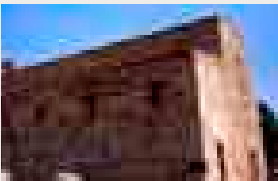
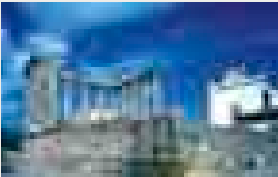
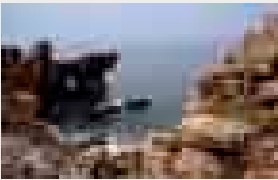
CICLO DA FORMAÇÃO (SÉCS. VI – XV) | *FORMATION CYCLE (6TH-15TH CENTURY)*

sécs. VI-X 6th-10th century	■ O latim vulgar falado no canto noroeste da Península Ibérica [mapa] começa a transformar-se em nova língua: o galego-português. ■ <i>The vulgar Latin that was spoken in the northwest corner of the Iberian Peninsula begins to transform into a new language: Galician-Portuguese</i>
séc. XI 11th century	■ O galego-português, apenas falado, torna-se a língua do reino da Galiza e do Condado Portucalense (depois reino de Portugal), que movem uma guerra de expansão contra os reinos árabes do centro e sul da península. ■ <i>Galician-Portuguese, only a spoken language, became the language of the kingdom of Galicia and the county of Portucale (what would later become the kingdom of Portugal). These two regions fight an expansion war against the Arab kingdoms established in the center and south of the peninsula.</i>
ca. 1175 - 1214 Approx. 1175 - 1214	■ O galego-português começa a ser escrito em documentos privados: Notícia de Fiadores, Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais. ■ <i>Galician-Portuguese begins to appear in a written form in private documents: Notícia de Fiadores, Pacto de Gomes Pais and Ramiro Pais.</i>
1214	■ O mais antigo documento oficial escrito em português é o testamento do rei Afonso II. ■ <i>The oldest official document written in Portuguese is the will of king Afonso II.</i>
ca. 1250 Approx. 1250	■ Terminada a expansão territorial para sul, o mapa de Portugal adquire a sua forma moderna. No centro e sul, o galego-português substitui o árabe, de que guarda bastante vocabulário. ■ <i>After the expansion south is completed, the map of Portugal takes on its modern form. In the center and south, Galician-Portuguese takes over from Arab, but preserves a lot of Arab words in its vocabulary.</i>
1255-1279	■ Torna-se sistemática a produção de documentação oficial escrita em português, por iniciativa da chancelaria real. ■ <i>The Royal Chancellery encourages a systematic development of official documentation written in Portuguese.</i>
todo séc. XIII 13th century	■ Nasce uma literatura em galego-português, com influências francesas e provençais. ■ Trovadores compõem poesia lírica (cantigas de amigo e de amor), satírica (cantigas de escárnio e maldizer) e religiosa (cantigas de Santa Maria). A lírica de amor é compilada no Cancioneiro da Ajuda (final do séc.). São traduzidos romances franceses do Graal (Livro de José de Arimateia, Merlim, Demanda do Santo Graal, Tristan). ■ <i>Galician-Portuguese literature is born, with French and Provençal influences.</i> ■ <i>Troubadours compose lyrical, satirical and religious poetry. The lyric poetry of love is compiled in the Cancioneiro da Ajuda (end of the 13th century). The French novels of the Grail are translated (Livro de José de Arimateia, Merlim, Demanda do Santo Graal, Tristan).</i>
1385 – 1425	■ O centro do poder desloca-se da área inicial (norte) para o centro-sul (Coimbra-Lisboa-Évora). ■ A língua marginaliza os dialetos do norte e afasta-se do galego. ■ <i>The center of power shifts from the north to the center-south of the country (Coimbra-Lisbon-Evora).</i> ■ <i>The language pushes the dialects out and moves away from Galician.</i>

CICLO DA EXPANSÃO (SÉCS. XV – ACTUALIDADE) | *EXPANSION CYCLE (15TH CENTURY-NOW)*

séc. XV 15th century	■ O português transforma-se profundamente: regularização gramatical, enriquecimento lexical a partir do latim e do espanhol. Literatura de corte (infantes de Avis, Cancioneiro de Garcia de Resende) e historiografia (Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara). ■ Iniciam-se os Descobrimentos, que levam o português para a costa de África e para as ilhas atlânticas (Açores, Madeira, Cabo Verde, S. Tomé). Criação de crioulos. ■ <i>Portuguese undergoes profound transformations: grammatical rules, enrichment of lexicon influenced by Latin and Spanish. Court literature (infantes de Avis, Cancioneiro de Garcia de Resende) and historiography (Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara).</i> ■ <i>Beginning of the Era of Discovery, leading the Portuguese to explore the African coast and the Atlantic islands (the Azores, Madeira, Cape Verde and S.Tomé). Development of Creole languages.</i>
séc. XVI 16th century	■ Normalização da língua, que adquire forma clássica: gramáticas de Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), Duarte Nunes de Leão (1576). Grandes edições: Compilação de Gil Vicente (1562), Lusíadas (1572). ■ O português chega ao oriente e ao Brasil. ■ <i>Normalization of the language which takes on it classic form: grammars by Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), Duarte Nunes de Leão (1576). Famous editions: Compilação by Gil Vicente (1562), Lusíadas (1572).</i> ■ <i>The Portuguese language reaches the Orient and Brazil.</i>

PORTUGAL



Oceano Atlântico



AS RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS



Luís Raposo Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, Director

Ao longo dos milénios o território português sempre constituiu uma espécie de “fim-do-Mundo” (*finisterra*) da Europa, um local onde as mais variadas culturas e povos chegaram e viveram até tarde, para depois se cruzaram entre si.

Foi assim desde os alvares da Pré-História, durante o período dos caçadores-recolectores (o Paleolítico), especialmente com o Homem de Neandertal. Grandes protagonistas da Pré-História Antiga europeia, os Neandertais sobreviveram no Sul de Espanha e em Portugal talvez até há cerca de 28 mil anos, quando na Europa eles já tinham deixado de existir cerca de cinco a dez mil anos antes, sendo substituídos pelo “Homem Moderno” (*Homo sapiens*). Deve-se esta hipótese principalmente ao achado recente de um esqueleto quase completo de criança (com idade calculada de cerca de 4 e 5 anos), que permite pensar na ocorrência de uma situação de hibridismo entre Neandertais e Sapiens. Se assim fosse, dado o intervalo de tempo existente entre a criança (datada de há 24 a 25 mil anos) e os últimos Neandertais (datados de há 28 a 29 ml anos), estaríamos em presença de processo de miscigenação generalizado entre Neandertais e Sapiens, com visibilidade ainda alguns milhares de anos depois.

Algo parecido ocorreu ainda com os últimos caçadores e pescadores do Ribatejo, que no território português viveram e formaram concheiros (sambaquis) durante milénios, até épocas em que em todas as regiões envolventes eram já habitadas por agricultores e pastores do Neolítico. Se assim foi é porque esses grupos humanos tinham sucesso e o ambiente em que viviam potenciava o isolamento cultural – algo que nos recorda a singularidade do modo de vida de riba -Tejo, até tempos muito recentes. Foi nesta época que se iniciou toda uma nova dinâmica social. A produção de alimentos, levou a uma maior fixação à terra e à obtenção de recursos excedentários, rapidamente usados na construção de monumentos megalíticos, ou seja de túmulos colectivos com grandes (mega) pedras (lithos), entre os quais os dólmenes, que ainda hoje existem de Norte a Sul do território e especialmente no Alentejo. Todo o esforço das comunidades e todos os seus excedentes produtivos eram colocados ao serviço da ideia de construir moradas monumentais para os mortos, moradas que em certo sentido representassem um regresso à terra-mãe, a exemplo de grutas naturais.

A vida aldeã primitiva alterou-se bastantes quando se começaram a trabalhar os metais, primeiro o cobre, depois o bronze e mais tarde o ferro. Começou, pela primeira vez na história da Finisterra ocidental ibérica, a haver comércio a longa distância, principalmente com os povos do Mediterrâneo, mas também os dos da fachada atlântica europeia. Os povoados passaram a localizar-se em elevações e foram fortificados. Com o tempo deram origem a castros e até a citânias, quase cidades.

Em vésperas da sua incorporação no Mundo Romano, e da passagem para o que usualmente designamos por Época História, a Finisterra europeia ibérica apresentava-se, pois, como um local de cruzamento de culturas e povos, com acentuada ligação ao mundo mediterrânico. E sempre assim fora desde a mais remota ocupação humana, pelo que talvez este seja o principal ensinamento oferecido pela Pré-História para melhor compreender as raízes de Portugal



< Bíface
Milharôs, Alpiarça, Santarém
Paleolítico Inferior
Quartzito
Coleção Museu Nacional de
Arqueologia, Lisboa
21,6 x 8,3 x 5,2 cm

Bíface micoquense, lanceolado. Os bifaces, utensílios polivalentes, são as mais características ferramentas do Paleolítico Inferior em toda a Europa ocidental e central, toda a África e Ásia Menor, com extensões até à Península Índica. Esse exemplar é o mais perfeito conhecido em Portugal. Foi realizado a partir de um seixo rolado pelo Rio Tejo, de quartzito, tendo sido cuidadosamente retocado com um percutor elástico (de osso ou madeira), de modo a conferir à peça uma grande simetria bifacial e bilateral, assim como um gume finamente serrilhado.

< Ponta "folha de loureiro"
Vale Almoinha, Torres Vedras, Lisboa | Paleolítico Superior
Solutrense | Jaspe hematítico
Coleção Museu Nacional de
Arqueologia, Lisboa
8,7 x 2,76 x 0,8 cm

Lâmina de retoque plano cobridor bifacial organizada em bandas paralelas de tipo folha de loureiro (três fragmentos colados). Trata-se de uma ponta de lança com a forma da folha do loureiro, e daí o nome que lhe é dado. Esse tipo de lâmina constitui o apogeu da técnica do trabalho da pedra por lascamento no Paleolítico da Europa ocidental, com um desenvolvimento muito especial no litoral da Península Ibérica. Corresponde ao período do avanço máximo da última glaciação, quando talvez houvesse maior concentração de população no sul da Europa.

< Placa com enterramento coletivo humano
Gruta de Santiago do Escoural, Montemor-o-Novo, Évora | Neolítico Médio | Cerâmica, ossos humanos e manto calcítico
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
101 x 114 x 27,5 cm

Placa com deposição coletiva de ossos humanos e espólio associado, cobertos por manto calcítico, que preservou a associação entre os enterramentos e o espólio. São visíveis as duas calotes cranianas afrontadas e um conjunto de ossos longos, entre os quais se encontram vários vasos de cerâmica. No início do Neolítico, as grutas naturais eram usadas como necrópoles coletivas, onde os mortos eram depositados à superfície, rodeados de oferendas funerárias.

> Esqueleto humano
Cabeço das Amoreiras, Alcácer do Sal, Setúbal | Mesolítico | Osso e terra
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
8,7 x 2,76 x 0,8 cm

Esqueleto número 4 proveniente da necrópole mesolítica do Concheiro das Amoreiras. Foi levantado do local de jazida recorrendo-se a parafina, pelo que se encontra em conexão anatómica, quase completo. Foi enterrado em posição de decúbito dorsal, deitado sobre o lado direito do corpo, com os joelhos encostados ao peito. Os membros superiores e inferiores encontram-se bem preservados, e de igual modo a caixa craniana e os maxilares, que conservam a dentição. Menos bem preservada encontra-se a caixa torácica. O estudo antropológico revela tratar-se de um indivíduo adulto, do sexo masculino.





< Vaso com decoração cardial
Santarém | Neolítico Antigo
Cerâmica
Coleção Museu Nacional de
Arqueologia, Lisboa
27,6 x 18,6 cm

Vaso de corpo oval, ou em fundo de saco, com asas de suspensão verticais colocadas a meio do bojo, das quais só resta uma, e colo alto e cilíndrico. Apresentava-se incompleto, e foi restaurado. Ostenta a típica decoração cardial obtida pela impressão de conchas de berbigão (*Cerastoderma edule*) sobre a pasta ainda fresca. Essa decoração organiza-se em bandas de faixas paralelas que cobrem parte da superfície do bojo, colo e asa. O vaso de Santarém, amplamente publicado e internacionalmente conhecido, integra, por sua morfologia e decoração, o conjunto dos mais antigos vasos de cerâmica existentes no território português, datado do Neolítico Antigo, podendo remontar ao quinto milénio antes de Cristo.

> Lage insculturada
Casal de Insalde, Paredes de
Coura, Viana do Castelo
Neolítico Final/Calcolítico
Granito
Coleção Museu Nacional de
Arqueologia, Lisboa
182 x 76 x 21 cm

Lage insculturada alongada, de forma subrectangular. Apresenta decoração em sua metade superior, constituída por um motivo de "labirinto", gravado profundamente no granito, e é rematada superiormente por três pequenas depressões, que lhe permitem atribuir um vago significado antropomórfico. A metade inferior, não decorada, destinava-se a ser enterrada no solo.





< Anel em Ouro
Moura | Idade do Bronze
Ouro | Coleção Museu de
Moura, Câmara Municipal de
Moura | c. 2 x 1 cm

Anel de ouro em espiral com remate de cabeça de serpente. Foi encontrado em escavação arqueológica no Castelo de Moura, em contexto de lixeira do século XX.

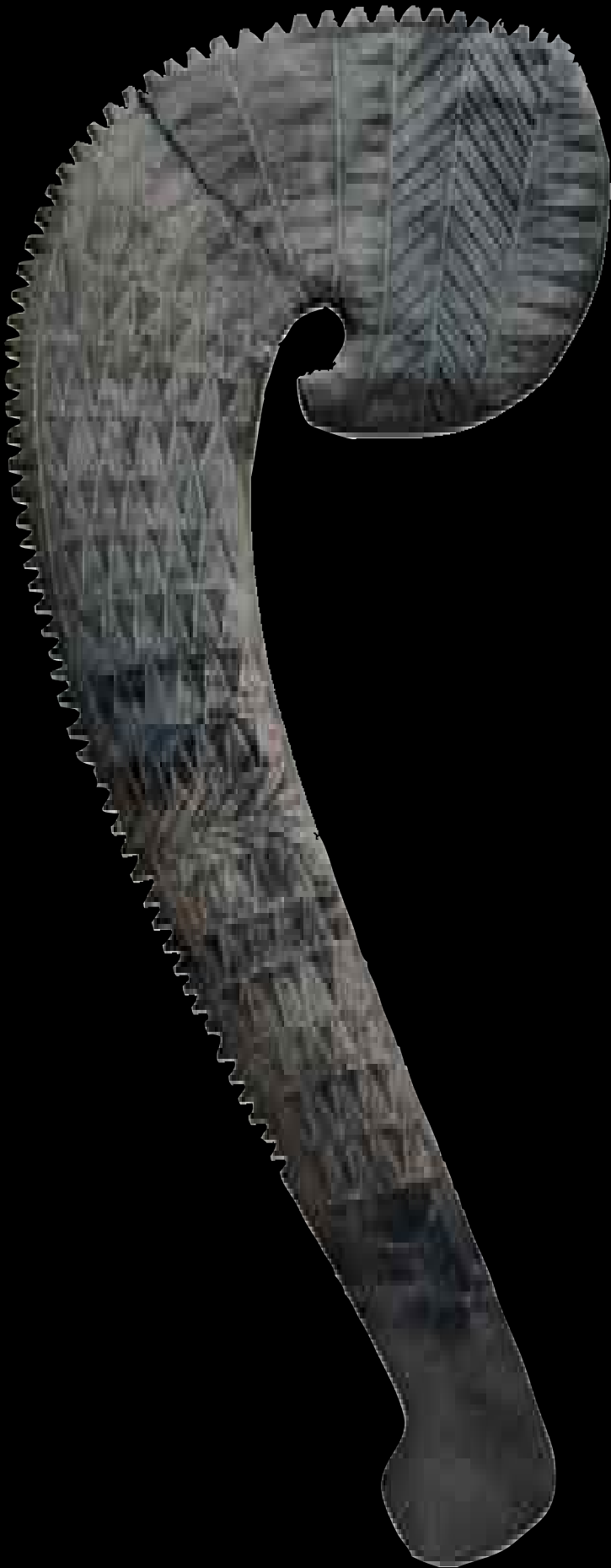
< Pente de marfim
Roça do Casal do Meio
Idade do Cobre | Marfim
Coleção Museu Geológico,
Lisboa | 9 x 2,3 cm

Pequeno pente de marfim com falta de um dente. Faz parte de um conjunto mais amplo de peças de prestígio, que documentam os bens pessoais de personagens importantes, talvez guerreiros ou comerciantes. Nesse sepulcro, de construção e visibilidade monumentais, foram encontrados apenas dois esqueletos humanos. Sua aparente afinidade oriental, a localização próxima do mar (Serra da Arrábida) e o caráter muito singular dessa ocorrência podem ser testemunhos do mais antigo comércio regular da finisterra portuguesa com o Mar Mediterrâneo.

< Fibula
Roça do Casal do Meio
Idade do Cobre | Metal
Coleção Museu Geológico,
Lisboa | 7,5 x 4 cm

> Báculo de dorso serrilhado
Origem: Anta 4 da Herdade das Antas, Montemor-o-Novo, Évora | Período: Neolítico final/Calcolítico | Xisto
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
44 x 17,5 cm

Báculo de xisto de dorso serrilhado, decorado geometricamente no verso e liso no reverso. A decoração incisa ocupa a quase totalidade da peça, apenas deixando o cabo livre: bandas horizontais preenchidas com triângulos lisos alternando com triângulos cheios; outras bandas preenchidas com espinhado. A excepcional organização decorativa dessa peça acentua seu caráter simbólico e confere-lhe o significado de um verdadeiro atributo de poder.





< **Ídolo oculado**

Moncarapacho, Olhão, Faro | Calcolítico | Calcário
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
5,2 x 3,3 cm

Ídolo de calcário, fragmentado na base, de forma cilíndrica, com decoração simbólica antropomórfica ou zoomórfica: olhos circulares radiados, com perfuração central e so-brancelhas assinaladas. Sob os "olhos", três sulcos incisos, horizontais e paralelos, definem uma "tatuagem facial".

< **Vaso campaniforme**

Casal do Pardo, Palmela, Setúbal | Calcolítico Final
Cerâmica | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
10,29 x 11,91 cm

Vaso campaniforme de fundo convexo, paredes côncavas e bordo extrovertido. O bojo apresenta decoração incisa composta de uma banda larga, horizontal, preenchida por uma faixa em ziguezague e linhas oblíquas. Seguem-se três faixas horizontais com decoração em espinha, intercaladas por três faixas lisas. A pasta é castanha-escura, quase negra, bem alisada, e o desengordurante é de grão fino. Esse tipo de vaso faz parte de um conjunto, a que deu o nome (conjunto campaniforme), normalmente associado à passagem na Europa das sociedades comunitaristas primitivas, para as sociedades de guerreiros e heróis, em que os mobiliários funerários se tornam mais ricos, dando conta do prestígio e da diferenciação social de seus possuidores.

< **Taça campaniforme**

Casal do Pardo, Palmela, Setúbal | Calcolítico Final
Cerâmica | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
9,5 x 27,9 cm

Taça campaniforme de tipo Palmela, de forma semi-esférica. O bordo é plano e decorado com incisões oblíquas. Exteriormente exibe decoração com motivos que partem do bordo para o fundo: várias linhas horizontais alternadamente com incisões a ponteados; abaixo são representadas três zonas decoradas que alternam com outras tantas lisas, até sensivelmente à zona do fundo. As zonas decoradas apresentam incisões verticais preenchidas no interior com linhas verticais e as que a ladeiam, com linhas horizontais; os motivos repetem-se nas três zonas.



> **Tampa de Sepultura**

Castro Verde | Idade do Bronze
Final | Xisto | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia,
Lisboa | 64 x 41 x 15,5 cm

Tampa de sepultura do tipo I ou Alentejano, fragmentada e irregular, de xisto, com a representação de armas em relevo. Apresenta os motivos clássicos da iconografia desse tipo de tampa: espadas e uma figura biancoriforme disposta na vertical. A face decorada foi preparada de modo a criar relevo aos elementos da composição que se pretendiam definir e regularizar por polimento. Se a espada se relaciona facilmente com alguns exemplares já identificados em sepulturas da Idade do Bronze, a compreensão da figura biancoriforme é muito mais problemática. Segundo alguns autores, é símbolo de autoridade e poder. Essas estelas teriam servido como tampas que se colocavam horizontalmente sobre as sepulturas. As tampas de sepultura com representações de armas são típicas da porção sul do atual território português, estando documentadas num amplo território, que se estende da região de Santiago do Cacém ao Algarve.





< Capacete

Castro da Cabeça de Vaiamonte, Monforte | Fim do século I a.C.
Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 20,6 x 21 cm

Capacete de bronze de tipo Montefortino, de forma cônica, rematado por botão cônico. Apresenta a guarda da nuca curta e plana. Conserva os apêndices laterais para a presilha.

< Espada

Casal dos Fiéis de Deus, Bombarral, Lisboa | Idade do Bronze Final | Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 57,5 x 4,8 x 3,7 cm

Espada de tipo Vénat, que constitui o único exemplar peninsular conhecido. Encontrava-se fraturada em três partes na época de seu achado e apresenta uma lâmina tripartida com nervura central saliente, delimitada por dois sulcos laterais, ponta partida e ligeiramente dobrada. Traz uma lingüeta tripartida e a empunhadura retangular tem um apêndice cônico, terminando em botão, na qual se inserem os dois rebites de seção circular.

< Punhal de lingüeta

Casal dos Fiéis de Deus, Bombarral, Lisboa | Idade do Bronze Final | Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 19,3 x 4,2 x 0,4 cm

Punhal constituído por uma lâmina triangular simples, lingüeta bipartida, triangular e de guarda estreita; tem dois orifícios, um deles bastante irregular, mais parecendo uma fenda para fixação do cabo.

< Fragmentos de espada

Casal dos Fiéis de Deus, Bombarral, Lisboa | Idade do Bronze Final | Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 13,2 x 2,6 x 0,5 cm [A] | 21,7 x 2,8 x 0,5 cm [B]

Fragmentos de lâminas tripartidas com nervura central saliente, delimitada por dois sulcos laterais.

< Ponta de lança

Casal dos Fiéis de Deus, Bombarral, Lisboa | Idade do Bronze Final | Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 14 x 2,2 x 1,5 cm

Ponta de lança fraturada, apresenta uma lâmina com nervura central muito saliente, em ambas as faces, lembrando um V invertido [a nervura central apresenta, assim, uma seção a losangol, alvado de seção circular e um sistema de encabamento sem orifícios.

< Machado de alvado

Casal dos Fiéis de Deus, Bombarral, Lisboa | Idade do Bronze Final | Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 8,2 x 3,5 x 2,8 cm

Fragmento de machado de alvado de seção quadrangular, sendo visível, num dos bordos, o arranque da aselha.

< Braceletes

Casal dos Fiéis de Deus, Bombarral, Lisboa | Idade do Bronze Final | Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 7 x 0,7 cm [A] | 5,8 x 0,6 cm [B] | 6,9 x 0,8 cm [C] | 6,4 x 0,7 cm [D] | 7,1 x 0,8 cm [E] | 6,7 x 0,6 cm [F]

Conjunto de seis braceletes de diferentes seções, sendo três decorados por incisões em espinha, formando uma fita dupla, com espinhado desencontrado, e os outros três lisos. O tesouro ou depósito de Féis de Deus representa bem a ocorrência, na Idade do Bronze, de conjuntos de objetos de metal, às vezes na ordem das dezenas e até das centenas, associados a situações de ocultação e comércio, tendo em vista a valorização desse tipo de bens.

> Estela Epigrafada com

Escrita do Sudoeste

Tavilhão II, Almodôvar
Primeira Idade do Ferro
Grés | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
82 x 40 x 13,5 cm

Estela funerária, de forma trapezoidal, com escrita ibérica do sudoeste. Esse tipo de estela epigrafada constitui um traço original da primeira Idade do Ferro mediterrânea no sul de Portugal, onde se encontra em abundância. Normalmente associadas a necrópoles, essas estelas apresentam uma escrita *sinistrosa* (escrita que se lê da direita para a esquerda), de estrutura semi-silábica, dos séculos VII e VI a.C. São usados caracteres do mais antigo alfabeto fenício, mas o grande emprego de vogais abre a hipótese de se tratar de uma língua não-semita, falada no limitado espaço geográfico (baixo Alentejo e Algarve) pelo qual se distribui a quase totalidade das cerca de 70 inscrições conhecidas.





< Queimador Ritual (*Thymiaterion*)
Castelo Velho de Safara,
Moura | Idade do Ferro
Bronze | Coleção Museu Na-
cional de Arqueologia, Lisboa
21 x 11,2 cm

Queimador ritual composto de duas peças: recipiente de forma cônica e bordo horizontal sobre um suporte de sépalas sustentado por um tripode e tampa cônica com sete perfurações triangulares com a figura de um touro deitado. Ambas as peças são fundidas e o tripode não conserva os pés, entretanto reconstituídos. Essa peça representa a evolução de um protótipo provavelmente cipriota, difundido por todo o Mediterrâneo. O recipiente relaciona-se particularmente com duas peças (Castulo e outra conservada em Baltimore) datáveis provavelmente da primeira metade do século VII a.C., ainda que essa forma de recipiente, por vezes dupla, tenha estado em uso por longo tempo, pelo menos até ao século VI a.C. Sua base tripode, ao contrário, relaciona-se especialmente com o exemplar proveniente de Despeñaperros, e, mais remotamente, com os protótipos orientais desse. A tampa, por sua vez, deve relacionar-se com as outras peças desse grupo de queimadores.

> Espada de antenas
Necrópole do Olival do Se-
nhor dos Mártires, Alcácer do
Sal, Setúbal | Segunda Idade
do Ferro (século IV a.C.)
Ferro e prata | Coleção Mu-
seu Nacional de Arqueologia,
Lisboa | 48,5 x 6,31 x 2,3 cm

Espada curta de antenas (ou de apêndices reduzidos a botões), decorada com elementos geométricos damasquinados a prata. Apresenta alguns elementos da bainha igualmente de ferro e damasquinados a prata: ponteira em botão e cintas providas de argolas.

> Falcata
Necrópole do Olival do Se-
nhor dos Mártires, Alcácer
Segunda Idade do Ferro
Ferro | Coleção Museu Nacio-
nal de Arqueologia, Lisboa
50 x 5,9 x 0,75 cm

Falcata de ferro, apresentando uma lâmina de gume arredondado e dorso plano com duas caneluras paralelas. O cabo aberto e oval é recortado, com um rebite.





< > Conjunto de recipientes
cerâmicos

Santa Olaia | Idade do Ferro
Cerâmica | Coleção Museu
Santos Rocha, Câmara Muni-
cipal da Figueira da Foz
38 x 71 cm | 65 x 44 cm
59 x 44 cm | 93 x 66 cm

Recipientes de cerâmica pro-
venientes de Santa Olaia.
As coleções de ânforas e
outros vasos de cerâmica de
fabrico ou tradição fenícia
aparecem no litoral português,
por vezes em verdadeiras
feitorias ou entrepostos
comerciais, como é o caso de
Santa Olaia, situada na foz do
Rio Mondego.





< **Kratêr-de-Sino**

Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal
Segunda Idade do Ferro (séculos V/IV a.C.) | Cerâmica ática
de figuras vermelhas
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
35,8 x 33,7 cm

Kratêr em forma de sino, atribuído ao grupo de Viena 1025. Face A: cena sacrificial composta de quatro adultos e uma criança à volta de um altar. As duas personagens que, à direita e à esquerda do altar (bomos), seguram dois espetos compridos (óbeloi), na ponta dos quais estão enfiadas as vísceras nobres do animal (splankhana), são os executantes do sacrifício. O jovem da direita veste túnica drapejada, deixando o braço direito livre, e o mais jovem, à esquerda, está completamente nu. A vegetação e a construção marcam ritualmente o espaço icônico do santuário e organizam a estrutura simétrica da imagem. A pequena construção geométrica em cima do altar representa o fogo sacrificial e o objeto encurvado que se ergue à esquerda é o osphus (conjunto de vértebras que são postas a queimar). Em segundo plano, enquadrando as três personagens centrais, estão um homem barbado, à esquerda, e um homem jovem, à direita. Esses atributos classificam-no como fazendo parte de uma classe de homens maduros hierarquicamente superior à dos jovens, os efebos. Os três últimos elementos situados à direita da cena enriquecem os valores sacrificiais da imagem. Por baixo dos pés do jovem da direita há uma base com dois degraus, que pode representar simbolicamente um ginásio. Por trás desse, uma grinalda que relembra os sacrifícios agonísticos. Em cima, à direita, o crânio com chifres, provavelmente do animal sacrificado. Face B: dois sátiros segurando um tirso enquadram uma personagem que exibe um tímpano. São figuras dionisiacas. Mas um pormenor liga essa cena ao agon: a mesma base com dois degraus em relação ao concurso efébio encontra-se aqui, à esquerda, por baixo do pé esquerdo do sátiro.

> **Urna de Orelhetas**

Garvão, Ourique | Segunda Idade do Ferro (séculos IV/III a.C.) | Cerâmica | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 66 x 46,4 cm

Grande urna de corpo oval com tampa de orelhas perfuradas. Apresenta uma rica e exuberante decoração pintada e estampilhada. A tampa, de forma cônica, termina numa pega antropomórfica que representa uma cabeça, onde se reconhece um toucado em forma de leque. O nariz é proeminente e largo, os olhos, circulares, e a boca tem lábios salientes. Apresenta duas orelhetas perfuradas, opostas, na direção das asas, que são verticais e decoradas por pastilhas circulares.





< **Torques**

Paradela do Rio, Terras de Bouro, Braga | Idade do Ferro Castrejo (séculos IV/II a.C.)
Ouro | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
15 x 0,9 [aro] cm

Torques de ouro, de aro circular, maciço e aberto, de seção losangular e faces côncavas, espessado na zona média e nas extremidades, com terminais ocos. É decorado nas cinco faces externas da zona média do aro e no topo dos terminais.
A decoração geométrica é definida por linhas duplas e simples de círculos e de duplos círculos concêntricos. Na zona média, é constituída por cinco séries de duas pétalas unidas numa das extremidades, formando arcos, os quais são cruzados por um alinhamento em ziguezague de círculos concêntricos. Esse conjunto tem de cada lado um semicírculo que contém dois círculos concêntricos que terminam por agrupamentos triangulares de três círculos. O topo dos terminais é decorado por uma roseta inscrita num círculo, que tem o centro marcado por uma esfera, e cada uma das pétalas, a meio e na extremidade, é pontuada por duplos círculos concêntricos. As pontas das pétalas são ainda ligadas entre si por triplas arcos. A decoração dos terminais é assimétrica: uma das rosetas é constituída por seis pétalas e outra por sete.

> **Estátua de Guerreiro Calaico**

Outeiro Lezenho, Boticas, Vila Real de Trás-os-Montes
Época romana (século II)
Granito | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
173 x 54 x 30 cm

Escultura monolítica, representando um guerreiro em posição hierática. A cabeça é proporcionada, exibindo um cabelo curto que deixa livres as orelhas, além de barba e bigode. Apresenta-se vestido de saio curto ou *sagum* com decote em V e manga curta, cingido por cinturão. Ostenta as armas típicas de um guerreiro calaico: escudo redondo ou *caetra*, plano e com ônfalo (saliência central); punhal triangular pequeno ou espada curta com pomo em forma de disco; e braceletes ou *viria* de dois toros no braço direito. Ao pescoço exhibe um torques, ou colar de ouro, com aro aberto e remates espessados, a mais emblemática jóia desse período cronológico-cultural. Todos esses atributos fazem parte de uma tradição artefactual indígena, característica da segunda Idade do Ferro do noroeste de Portugal.



O PORTUGAL DOS ROMANOS



Maria Conceição Lopes Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra

Em tudo o que fizeres, apressa-te lentamente. Nessa reflexão atribuída a Augusto, o primeiro imperador romano, é possível sintetizar a dinâmica da presença e influência romana na Hispânia, nos mais de sete séculos que ela durou.

Desembarcados em Ampúrias, na costa catalã, em 218 a.C., com o objectivo maior de impedir a liberdade de circulação dos cartagineses na Península Ibérica, os romanos cedo descobriram a variedade dos recursos do território e seu potencial económico. Isso estimulou a exploração da região, a permanência e o avanço imediato para o interior da Hispânia. Assim, logo no início do século II a.C., alcançaram o actual território português, onde enfrentaram a resistência dos povos autóctones. Entre eles estavam os lusitanos, grupo confederado mais conhecido dos que habitavam o território quando os romanos ali chegaram. Dois séculos mais tarde, em 19 d.C., terminou a conquista do noroeste peninsular, e todo o território da Península Ibérica foi integrado no Império Romano.

Terminada a conquista, o imperador Augusto estabeleceu como prioridade a reorganização administrativa e política do território. Isso pressupunha a fixação e reprodução dos modelos económicos e religiosos, dos costumes e das modas, das tecnologias e de qualquer outro aspecto do *modus vivendi* romano, objectivando a alteração profunda do anterior perfil da Hispânia. O novo quadro administrativo previa a divisão da Hispânia segundo o binómio cidades (*civitas*) e províncias. O imperador Augusto dividiu o território em três províncias: Baetica, e Tarraconensis. A Lusitânia, criada em 16 a.C., tinha a capital em Augusta Emerita (Mérida, Espanha) e enquadrava, inicialmente, todo o actual território português.

Durante sua presença nesse território, que durou mais de sete séculos, os romanos integraram as populações autóctones que começaram a falar a mesma língua e a usar a mesma moeda. Implantaram vias de comunicação, o direito e um sistema de poder que transformou a sociedade pré-histórica em uma civilização unificada.

Houve um tempo em que a historiografia nos fez acreditar que foi apressada a saída dos romanos do território português, por força de outros que do norte da Europa se apresentavam mais vigorosos. Sabemos, hoje, que foi lentamente, nas cidades e nos campos, que a influência romana se foi diluindo. Adaptando-se, incorporando-se e envolvendo-se de par e conglutinada com aquelas que desde o início do século V surgiram nesse espaço, fixando-se numa multiplicidade de conteúdos que se foram transmitindo, transformando, renovando e recriando até à actualidade.

1. A *civitas* é um corpo onde se reconhecem vários espaços – espaço sociopolítico, espaço político-administrativo, espaço sociocultural, espaço económico, espaço de cultivo etc. A cidade é, naturalmente, cenário de representação do poder, simbolicamente celebrado pelos edifícios públicos, religiosos e civis e outros monumentos de maior prestígio construídos no fórum e nos lugares mais destacados da cidade.



< Ânfora Dressel 14
Herdade da Barrosinha, Alcá-
cer do Sal | Séculos I/II
Cerâmica | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia,
Lisboa | 92 x 18,2 cm

Essa ânfora do tipo Dressel 14
procede da Barrosinha, centro
de produção ânforico no vale
do Rio Sado.
Essas ânforas, certamente
produzidas para conterem os
preparados de peixe de Tróia,
tiveram uma difusão ampla,
ultrapassando os limites
provinciais. São exemplos
singulares da forma desse tipo
de ânfora que se fabricava,
também, no vale do Tejo e na
costa do Algarve, para servir
outros centros produtores de
derivados do pescado.
Fabricadas durante os séculos
I e II, alguns exemplares da
Barrosinha (como esse aqui
presente) têm a marca do
fabricante numa das asas:
MA.MVN.S.

> Capitel Coríntio
Aeminium, atualmente Coim-
bra | Século I | Gesso
Coleção Instituto de Arque-
ologia da Universidade de
Coimbra, Faculdade de Letras
de Coimbra | 140 x 142 cm

Proveniente da cidade de
Aeminium, atual Coimbra, e
datado do período de Augusto
(século I d.C.).
Elegante, mas austero, esse
capitel pertenceu a um grande
edifício público, situado no
fórum.
O evidente estilo naturalista,
de grande plasticidade, produz
um extraordinário efeito
decorativo que as dimensões
acentuam.
As folhas de acanto são
abertas, bem separadas do
cesto, há profundas caneluras
até a base, o cálice é largo e
carnoso, o ábaco é bastante
projetado e a flor, bem visível,
o que confere ao capitel uma
monumentalidade de acordo
com o edifício a que teria
pertencido.





< **Lucerna com musa**
Tróia, Setúbal | Século I
Cerâmica | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia,
Lisboa | 2,5 x 10,6 x 7,6 cm

Lucerna (candeia) de cerâmica do tipo Loeschke IIIa. Esse modelo de lanterna, com o bico torneado por volutas, é datado do século I d.C. As lucernas, de cerâmica ou, mais raramente, de bronze, eram alimentadas a azeite e permitiam aos romanos dispor de luz artificial nas casas, nos locais de trabalho ou nas minas, onde era um utilitário indispensável. Era bastante comum seu uso para fins votivos destinados a acompanhar os mortos ou a homenagear as divindades. O disco é quase sempre decorado e os motivos são variados: cenas mitológicas, combates de gladiadores, animais, temas militares e eróticos estão entre os mais representados. Esse exemplar, proveniente do aglomerado urbano secundário de vocação industrial e comercial ligada aos produtos de salga e conserva de peixe, localizado em Tróia, na foz do Rio do Sado, em frente a Setúbal, apresenta uma musa moldada, de pé, tocando cítara. Essa figura pode ser Terpsícore, a musa da dança, que também regia o canto coral, aquela que alguns consideram a mãe das sereias.

> **Taça de Terra Sigillata**
Torre de Palma | Século I
Cerâmica | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia,
Lisboa | 6,7 x 15,7 cm

Taça de Terra Sigillata, da forma Dragendorff 37, produzida nos ateliês de La Graufesenque, na Gália (atual cidade de Millau, no sudoeste da França). Peça para mesa, decorada com harmoniosas grinaldas rematadas por um friso de pequenos óvulos. Provém da villa romana de Torre de Palma (alto Alentejo) e data da última metade do século I d.C., quando a villa já havia iniciado sua fase de desenvolvimento. Essa cerâmica fina, revestida de característico engobe vermelho e muitas vezes marcada com a estampilha do oleiro (particularidade que dá o nome a esse tipo de cerâmica), teve difusão em todo o Império Romano. Em Portugal está presente em abundância no meio urbano e nas propriedades rurais, tanto em formas decoradas quanto em elegantes formas lisas.

> **Copo de paredes finas**
Torre d'Ares, Tavira | Século I
Cerâmica | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia,
Lisboa | 8,2 x 8,8 cm

Copo de cerâmica de paredes finas da forma Mayet, XLI, datado da última metade do século I d.C. (período entre Cláudio e os Flávios). A designação "paredes finas" dada a essa cerâmica delicada se deve à espessura de suas paredes; entre os especialistas é denominada ainda "casca de ovo", em alusão à finura das paredes e à cor. É uma cerâmica fabricada apenas no período Alto-Imperial. Cozida em forno oxidante, adota um revestimento com engobe, o que confere às paredes um colorido matizado de laranja, vermelho e castanho. Em Portugal não se tem dados de nenhum ateliê de produção de cerâmica fina, mas na Lusitânia, em Mérida, situava-se um centro produtor que difundia as peças para toda a região. Esse exemplar é proveniente da Bética e pertence a uma forma muito conhecida tanto em Portugal quanto em todo o mundo romano.

1. O engobe é um revestimento de argila diluído em água, que se usa para cobrir peças de argila com uma patina branca





< **Cabeça de Agrippina Minor**
Villa de Milreu, Faro | Século I
Mármore | Coleção Museu
Municipal de Faro, Câmara
Municipal de Faro
47 x 33 x 22 cm

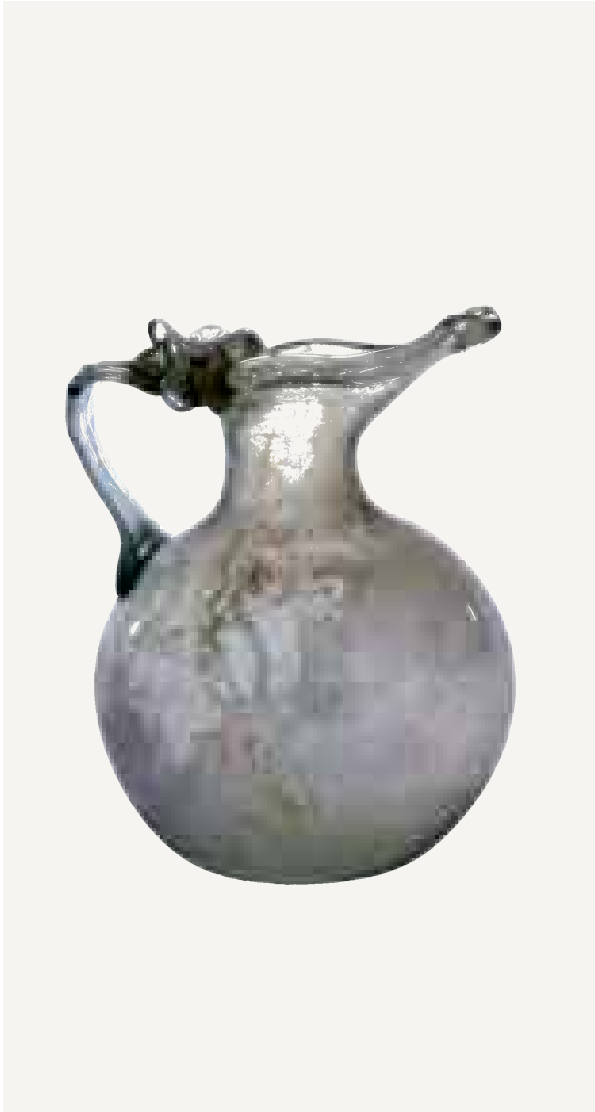
Busto de Agrippina Minor, mulher do imperador Cláudio e mãe do imperador Nero. Trata-se de um retrato de Agrippina, ainda jovem, constituído pela cabeça, o pescoço, os ombros e a parte superior do torso, datado da época de Cláudio e encontrado na villa de Milreu, Faro, Algarve. Trata-se de uma peça bastante cuidada, apresentando um rosto finamente modelado, com olhos grandes, pálpebras bem marcadas, narinas vincadas, boca fechada e queixo curto. A posição da cabeça, ligeiramente inclinada para a esquerda, é acompanhada pelo olhar no mesmo sentido. Os olhos amendoados e assimétricos emprestam a esse retrato uma atitude de discreta magnanimidade que o pescoço comprido sublinha. O penteado de risco ao meio, do qual saem fios de cachos enrolados, organiza-se em complexos arranjos dos quais se destaca o cordão à altura das orelhas apertado na nuca, que se desenvolve, depois, sobre a parte posterior do pescoço em quatro cordões em V invertidos. Sobre o busto a stola, presa por duas fitas, assenta no ombro direito, e a palla, que cobre o torso nas duas faces, ajusta-se num pregueado delicado e harmonioso. Esse retrato de Agripina, cujo penteado a imperatriz implantou entre as damas de seu tempo, foi provavelmente importado da Itália para a cidade vizinha de Ossonuba, de onde foi levado para Milreu. Em Conimbriga encontra-se outro exemplar português dos nove retratos da mãe de Nero conhecidos na Hispânia.

1 Roupas principais das mulheres romanas, a stola era um simples pedaço de pano que se amarrava ao corpo.
2 Usado em cima da stola, a palla era um sobretudo usado pelos romanos.

> **Torso de Afrodite de Aphrodisias**
Villa da Herdade da Misericórdia, Beringel, Beja | Século II
Mármore | Coleção Museu
Regional de Beja
12,5 x 8,8 x 5,3 cm

Pequena escultura incompleta de Afrodite de Aphrodisias (cidade na atual Turquia). Do corpo se conserva apenas a parte entre o tornozelo e a região lombar, datada da época do imperador Adriano (século II). Casualmente recolhida no contexto de vestígios que podem corresponder a uma villa, na Herdade da Misericórdia, Beringel, perto da cidade de Beja – a colônia romana de Pax Iulia, deveria integrar um oratório privado da villa. A parte frontal corresponderia ao chiton (roupa principal das mulheres gregas), no qual se encontram representadas figuras mitológicas distribuídas em três setores. No setor superior representam-se as três graças, entre duas cornucópias. No central, Afrodite ou Nereide surge montando um animal imaginário – talvez cavalo-marinho – envolvido num planeamento insuflado que resulta em efeito de cúpula, e atrás do animal surge um golfinho nadando. Na parte inferior estão três Eros: o do meio, lançando setas; o da esquerda, olhando para fora; e o da direita, olhando o atirador de setas. Com base na iconografia de Afrodite de Aphrodisias, nas partes que faltam deveria figurar: na primeira, uma meia-lua invertida entre os seios, e na segunda, os bustos de Hélios (o deus grego do sol) e de sua irmã Selene (a deusa grega da lua). Essa bela peça data do tempo do imperador Adriano, quando se difundiu a atividade dos escultores da “escola de Aphrodisias” na região entre a Ásia e o Tirreno. Foi importada de Roma e constitui o único exemplar conhecido na Hispânia. Testemunho da expansão dos cultos orientais na parte ocidental do Império Romano, sua presença em Pax Iulia não se estranha, por se referenciar a outros exemplos da presença de cultos provenientes do Oriente.





< Jarro de vidro trilobado
Herdade do Reguengo, Monforte, Portalegre | Século II/III
Vidro verde transparente do tipo Isings 88 b | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 11 x 8,8 cm

Forma rara, e mais ainda quando encontrada intacta. Esse jarro de boca trilobada tem asas com duas orelhas repuxadas e uma fina e sutil decoração. Elegantemente frágil, era usado na mesa, contendo vinho ou outros líquidos especiais, provavelmente apenas em ocasiões particulares. Sem que se lhe conheça paralelo exato, sabe-se de algumas peças aproximadas no Império Oriental.

< Garrafa de vidro
Campo da Trindade, Faro
Séculos III/IV d.C | Vidro verde do tipo Isings 104 | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 14,8 x 9,3 cm

De forma esférica prolongada no gargalo afunilado, com arestas polidas em torno e um fundo discretamente côncavo, a delicadeza da peça é sublinhada pela decoração. Três medalhões com pequenas faixas pendentes, separados por elementos vegetalistas estilizados, envolvem, separadamente, um animal: urso, touro e javali. O primeiro virado para a direita, e os outros dois, para a esquerda. Os contornos do urso e do javali são parcialmente desenhados por pequenas linhas oblíquas; os pêlos, por linhas em ziguezague. O touro, com coleira em volta do pescoço, mostra uma linha cruzada entre os chifres e três estrelas gravadas. Os olhos são representados por losangos atravessados por uma linha pelo diâmetro. As garrafas para levar à mesa vinho ou outros líquidos, lisas ou decoradas, foram bastante populares no império, nos séculos IV e V. Em Portugal existem muitos exemplares do mesmo tipo. Esse é, pela peculiar decoração, singular.



> Cabeça de ninfa
Século II | Mármore branco
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
18,5 x 16,3 x 17,6 cm

Cabeça de ninfa de gosto helenizante, de proveniência desconhecida, datada do reinado de Adriano ou Antonino Pio. Trata-se da cabeça da estátua de uma jovem, mostrando o cabelo comprido, dividido ao meio por risco que começa na nuca e termina num tufo apanhado na nuca em carrapito alto, descobrindo os lóbulos das orelhas, de cabelo em vírgula sobre a testa. A sobrancelha esquerda está mais levantada do que a direita, uma característica destinada a compensar a torção do pescoço para a esquerda. Estilisticamente, parece ser uma peça de importação que teria feito parte de um conjunto decorativo existente numa *villa*.





< Denários
Séculos II/I a.C. | Prata
Coleção Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra | Medidas variadas

A moeda surgiu na Grécia, no século VI a.C., mas os romanos emitiram as primeiras moedas somente no início do século III a.C., em 289. O as, moeda de bronze fundido, com o peso de uma libra (327 gramas), que apresenta na frente a cabeça de Janus Bifronte, foi a primeira moeda do sistema monetário romano. Até então, as permutas faziam-se por troca direta, e os dotes, por exemplo, constituíam-se de cabeças de gado. Só em 211 a.C., quando o as, após várias reformas, teve seu peso estabilizado em 54,5 gramas, os romanos cunharam uma moeda de prata – o denário – com peso de 4,5 gramas e valor de dez asses, estruturando, então, um sistema monetário bimetalista. O denário, doravante a moeda de referência do sistema monetário e a que mais se emitia, apresentava em sua forma mais antiga a cabeça de Roma com um capacete de guerreiro na frente e os Dióscuros (Pólux e Castor) no verso. A cabeça de Roma com capacete foi o tema mais repetido na frente dos denários ao longo da República. Outros deuses, ou o retrato de ancestrais míticos ou históricos dos moedeiros responsáveis pela cunhagem, apareceram mais raramente. A biga, no reverso, surgiu em muito menos emissões do que a quadriga, conduzida na maior parte dos casos por uma vitória. Os dois temas partilharam sua posição hegemônica com temas da cultura e da vida romana que os moedeiros escolhiam com o propósito de veicular propaganda e ideologia de Estado ou pessoal. Foi só quando César, pela primeira vez, emitiu moedas com seu retrato que pessoas vivas começaram a ser representadas. Assim foi ao longo de todo o período imperial, quando imperadores e seus familiares viram seus retratos difundidos nas moedas do mundo romano.

> Tábua de Vipasca II
Minas de Aljustrel, Alentejo 117/138 | Bronze
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
76,5 x 55 x 1,2 cm

Essa placa de bronze, que pertence a um conjunto formado por outras três, apresenta uma inscrição de tipo jurídico em latim, representando um trecho de legislação que versa exclusivamente sobre as minas. Redigida sob a forma de carta ao procurador das minas, um liberto do imperador Adriano, era afixada em lugar público, pelo que apresenta cinco furos para fixação. Foi descoberta em 1906, entre as escórias da mina do Algares em Aljustrel, chamada de Vipasca em época romana.





< **Urna cinerária**
Calçada da Ajuda | Séculos II/III
Mármore branco | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia, Lisboa
20,5 x 27,2 x 33,8 cm

A essa pequena urna cinerária de forma semicircular falta a tampa. A face principal apresenta uma cartela moldurada onde está uma inscrição. A peça foi aproveitada durante algum tempo para fins utilitários, como recipiente de água, a julgar pela existência de um orifício na base do relevo. A composição escultórica revela uma gramática decorativa funerária de tipo clássico, de boa qualidade, tratando-se, provavelmente, de uma peça de importação itálica. Publius Clodius Fortunatus mandou fazer essa caixa funerária para guardar as cinzas e imortalizar a memória de seu benemerente patrono Públio Clódio Jovem, como se pode ler na inscrição: DIIS . MANIBVS/P[ubli]i . CLODIO IVVENI VIX[it]/ANNIS . LXX [septuaginta] . FECIT/P[ubli]us . CLODIVS FORTVNATVS/PATRONO SVO BENEMERENTI. "Aos deuses Manes, Publius Clodius Fortunatus erigiu [esta memória] a seu benemerente patrono, Publius Clodius Jovem, que viveu 70 anos." Se no Conventus Pacensis se conhecem outros exemplos de escravos ou libertos que reverenciaram seus patronos com monumentos funerários, não se tem notícia de nenhum com esse requinte e essa beleza.

< **Cupa de Laecia Ama – Alcáçovas**
Origem: Alcáçovas | Séc. II- III d.C. |
Mármore Branco
Coleção Museu Nacional de Arqueologia,
Lisboa/ IMC

Cupa em Mármore de Trigaches (Concelho de Beja, Baixo Alentejo), com soco e quatro pares de arcos esculpidos em relevo. Esta peça apresenta no topo da esquerda um jarro e uma pátera; no topo da direita surgem gravados de modo realístico dois peixes. A inscrição é limitada pelos dois pares de arcos centrais. D[is] M[anib]us S[acr]um L[aelia] AMA. Iannorum XXXV [triginta quinque] Flaciedu m C[uravi]t T[itus] LAELIUS S[everus]. Consagrado aos Deuses Manes. Laelia (?) Ama, de trinta e cinco (anos). Foi encomendada por Tito Lêlio Severo. Obra plástica de grande beleza e originalidade, provavelmente pertenceu a indígenas romanizados que a usaram em mausoléu. Revela um grau de conhecimento e adesão aos cânones clássicos da arte e cultura, mas ao mesmo tempo, apresenta-se como único caso em que se conhece um peixe gravado em uma cupa. Sendo freqüente em mosaicos, o peixe não se encontra representado no mundo dos monumentos funerários.



> **Molde de baixo relevo mitraico**
Tróia | Século III | Mármore | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 65 x 80 x 9 cm

Certamente parte de um tríptico, esse relevo apresenta uma *kutmahh* [refeição] entre Hélios, com a característica coroa radial, e Mitra, com barrete frígio, que ocupam o lugar central. Cada um deles segura na mão direita um ríton [vaso ritual]. Na parte inferior do quadro estão dois dadáforos de pé. O da esquerda, vestido com uma túnica de mangas curtas, duplo cinto e calção largo, de tipo oriental, segura dois jarros, um em cada mão, e no chão tem a tocha acesa, que aparece junto de uma cratera que está no centro. O da direita segura numa mão uma tocha acesa invertida e na outra um jarro, aparentemente para despejar na cratera. Uma serpente enrolada mergulha a cabeça no interior da cratera. À esquerda, o quadro conserva-se apenas parcialmente. Nele pode observar-se um dadáforo segurando um archote invertido, vestido à maneira oriental e tendo na cabeça o capacete frígio. Aos pés do dadáforo encontra-se o pé de um touro, e, acima dele, um busto cuja cabeça é circundada por uma auréola radial. Do ponto de vista plástico, é uma obra de grande qualidade, que mostra os elementos da simbologia mitraica corretamente posicionados. Não constituindo testemunho único do culto de Mitra na Lusitânia, é o único testemunho da arte mitraica no ocidente do império. Certamente foi importado da Itália, onde provavelmente foi produzido numa das oficinas da capital, especializadas nas narrativas mitraicas. Pode ter servido num templo onde se reunia alguma corporação profissional, à semelhança do que deveria acontecer em *Pax Iulia*, onde um liberto, *magister* do sodalício dos Brácaros, mandou edificar um templo a Mitra.



> Friso de tampa de sarcófago

Convento de Chelas, Lisboa | Século III | Mármore | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 32,5 x 219 x 8 cm

“Frontal de tampa de um sarcófago com relevo de máscaras teatrais nos extremos, no centro está uma cartela anepígrafe. À esquerda e à direita estão dois grupos figurativos emoldurados, compostos de quatro musas e quatro ídolos. As cabeças estão a 2/3. A parte inferior está cortada, tendo os pés decepados.” (L.J. Gonçalves).

No painel à esquerda do observador estão as musas da comédia e da tragédia, Talia e Melpômene, em frente a homens sentados.

No painel da direita surgem igualmente dois grupos, cada um com um homem idoso sentado e uma musa em pé, talvez Calíope, que apóia o braço direito na lira e a mão esquerda em um longo plectro, instrumentos simbólicos dessa figura. Descansa sobre o pé esquerdo, e a perna direita está cruzada sobre a esquerda.

Clio, envolta no *himation*, ou manto, apóia o antebraço numa coluna e leva a mão direita ao queixo. O homem que está a sua frente aparece sentado, coberto com um manto preso pelo ombro esquerdo e que lhe cai sobre as pernas. Dirige a palavra à musa, com o braço direito levantado e o esquerdo segurando um *volumen*.

Junto aos três homens de cabeleira farta está a cápsula dos rolos.

“As Musas e os Sábios no Parnaso”, “As Musas e os Autores da Tragédia, da Comédia, da Eloquência e da Poesia Lírica” ou “Musas e Artes” poderiam definir o tema tratado nessa platibanda de tampa de sarcófago, que recolheu um defunto manifestamente amigo das artes.

Integra-se num modelo de representação icônica, na transição do alto para o baixo império, quando o tema “Conversação Intelectual” foi recuperado pelo cristianismo.

Certamente importado de Roma, foi fabricado para integrar um mausoléu familiar de uma *villa* da *civitas* de Olisipo.





< Vaso Ritual Dotado de Três Falos

Pavimento térreo de uma casa na cidade de Conimbriga
Séculos III/IV | Cerâmica
Coleção Museu Monográfico de Conimbriga
18,5 x 10 – 25 cm

Trata-se de um vaso de cerâmica comum, provido de três falos, cada um com seus testículos. O maior, oposto à asa de fita, sustenta uma pequena taça circular que foi modelada independentemente e que com quatro pequenos pedaços de argila se aplicou entre o colo e o falo. O local onde se recolheu sugere que foi ali colocado para defender a construção contra os malefícios de Invidus. Os falos, além da utilidade decorativa, tinham usos profiláticos, com capacidade para afastar essa divindade invejosa, empenhada em fazer a infelicidade dos homens e o fracasso de suas empresas. Serviam, também, contra o *fascinum*, ou seja, o mau-olhado de alguém.

> Quadriga de Óbidos
Óbidos | Época romana
Bronze | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
11,8 x 9,7 cm

Peça formada por uma quadriga estacionária de cavalos ligados pelas rédeas. Assenta numa plataforma quadrangular com abas com rebordo em três dos lados. Essa está sobre uma base de forma cúbica, oca. Os cavalos têm corpo alongado, pernas hirtas, afastadas umas das outras, e a cauda é bastante espessa, curta e levantada. Mantém a cabeça inclinada para o centro, parecendo controlados pelo auriga que puxa as rédeas para os susters. Têm uma alta crina, que avança para a testa, e duas orelhas arrebitadas. Os olhos são salientes e a boca não está marcada, mas encoberta pelas rédeas. A face do cubo voltada para a frente é preenchida, quase na totalidade, por uma cabeça de leão que se prolonga pela aba da plataforma. O leão tem uma farta juba, olhos bem assinalados, pequenas orelhas, nariz achatado e a boca aberta com dois orifícios laterais, donde podia pender uma argola. As arestas são decoradas por incisões em semicírculos irregulares, com um sulco diametralmente colocado, com intenção provável de esquematizar a folhagem. A mesma ornamentação, um pouco ampliada, é utilizada na aba pendente da plataforma; o rebordo dessa é recortado por pequenos sulcos paralelos e verticais. De ambos os lados da caixa de inserção, na zona posterior superior, dois orifícios, para cravejar a peça à haste de madeira que a suportava.



> **Mosaico dos Cavalos**

Torre de Palma, Monforte, Portalegre | Século IV d.C. | Calcário, xisto, mármore
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 503 x 427 cm

Ornava o chão de uma pequena mas importante sala localizada na zona de acesso à sala de comer da residência do proprietário da *villa*. Essa é uma das mais importantes *villae* conhecidas em Portugal, que teve sua fase de maior esplendor nos séculos II/IV. Além do mosaico que aqui se apresenta, outros cobrem o chão dos compartimentos da villa, como o *Mosaico dos Cavalos Vitoriosos* ou o célebre painel das *Musas*. Segundo o estudo de J. Lancha, cuja descrição nos serve de mote, “os cavalos e o xadrez ocupam cinco quadrados dispostos num meandro de suásticas de tipo particular: uma composição ortogonal de meandros de suásticas de ressaltos e volta invertida com uma variante, a trança de dois cordões de que se conhecem exemplos em Eressos (Grécia), em Antioquia e Awza’i (Líbano)”. Retratos de belos exemplares de cavalos de corrida, eventualmente vencedores, que aqui são cinco, em vez de quatro (que é o número correspondente às facções do círculo), são identificados pelo nome: Inacus, Iberus, Leneus, Lenobatis, Pelops. Os quatro primeiros, segundo M. Ennaifer, seriam cavalos da África do Norte, enquanto Pelops seria de raça árabe, opinião que, todavia, não tem o consentimento geral. Lenobatis pode ser o melhor do grupo, já que ocupa um lugar de honra e seus arreios se distinguem dos outros. O que parece seguro é que um desses grupos de cavalos tenha pertencido à raça lusitana que fazia a celebridade da Hispânia, enquanto o outro devia ter uma proveniência diferente. Do ponto de vista técnico, esse magnífico painel de mosaico construído por pequenas tesselas de xistos e calcários locais talhados, de vidro, mármore branco e mármore cinza azulado, foi realizado no local por mosaicistas itinerantes, provavelmente do norte de África, cujo gosto pelo tratamento do tema de cavalos vencedores é conhecido.



ALTA IDADE MÉDIA EM PORTUGAL

Santiago Macías Campo Arqueológico de Mertola



O OCIDENTE PENINSULAR ENTRE OVIEDO-LEÃO E CÓRDOVA. UMA PERSPECTIVA “CRISTIANOCÊNTRICA”

Paulo Almeida Fernandes Instituto Português de Gestão do Patrimônio Arquitetónico e Arqueológico (IGEESAR, I.P.)

S. M.

Com o fim do Império Romano, o norte e o sul começaram a emergir como realidades autónomas. As diferenças que o discurso normativo do império esbatera tornaram-se mais nítidas e tendências artísticas regionais longamente esquecidas ganharam fôlego. O norte e o centro ligaram-se de forma privilegiada com a área norte da Península Ibérica, em particular com as raízes da arte asturo-leonesa. Os territórios a sul do Tejo percorreram os séculos V a VIII em permanente contacto com o mundo mediterrânico.

Podemos, através da arte desse período, ter uma percepção da evolução das formas que, ao longo da Alta Idade Média, apontaram em diversas direcções. A norte, o caminho foi prosseguido pela arte moçárabe e pelo pré-românico. A sul, os contactos com o oriente mediterrânico abriram caminho à arte islâmica.

Essas diferenças, ainda só esboçadas na Alta Idade Média, foram importantes matrizes fundadoras de Portugal. Começaram então a sedimentar-se diferenças que mais tarde se aprofundaram e cristalizaram. Aquilo que a geografia enquadró (as variações do relevo, do clima e da flora) o homem se encarregou de transformar em cultura. Os diferentes modos de falar, de construir, de cantar, de fazer agricultura ou de preparar os alimentos são disso fruto. O Portugal do Mediterrâneo e o Portugal do Atlântico não mais deixariam de ser mundos diversos e complementares.

P. A. F.

Antes de Portugal emergir das turbulências da (Re)conquista cristã, o território ocidental da Península Ibérica foi alvo de outras estratégias de ordenamento e vínculo aos reis de Oviedo e de Leão, cidades que centralizaram os primeiros esforços de ocupação e povoamento das áreas não dominadas pelos muçulmanos ou a eles conquistadas. Esse longo processo, que pode ser genericamente balizado entre a invasão islâmica (711) e a constituição do Condado Portucalense (1096), foi tudo menos uma dinâmica linear de antagonismo primário entre blocos civilizacionais ou de progressivo e imparável enquadramento territorial na esfera setentrional. Pelo contrário, tratou-se de um período histórico pleno de rupturas, avanços e recuos ditados, algumas vezes, por estranhas alianças, de apogeu e decadência de linhagens, de fragmentação e constituição de surpreendentes centralidades e regionalismos.



< Tijolo com representação de pavões

Milreu, Faro | Séculos IV/VI
Cerâmica | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 8,5 x 5,3 x 20 cm

Tijolo em forma de paralelepípedo com decoração incisa, representando dois pavões afrontados entre os quais aparece outro motivo de difícil interpretação. Embora se atribua essa peça ao período romano, não pode excluir-se a possibilidade de ser mais tardia e ter pertencido a um espaço religioso, à semelhança de outras peças do mesmo material [veja-se o caso das placas de cerâmica de Osuna, Sevilha]. O significado que normalmente se associa aos pavões, aves da eternidade, reforça essa hipótese.

> Lápide funerária de Andreas

Mértola | 525 | Mármore
Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa [atualmente em depósito no Museu de Mértola] | 107 x 44 x 2,5 cm

A placa tumular que aqui se expõe faz parte de um conjunto de várias dezenas de lápides recolhidas no interior e nas imediações da Igreja de Mértola, datada de meados do século V. Nesse espaço religioso, que foi ao mesmo tempo cemitério, existem várias sepulturas de religiosos. O *princeps cantorum* [chantre] Andreas foi um deles. A lápide que o recorda contém vários elementos típicos da Antiguidade Tardia do sul de Portugal: um arco com colunas torsas, com a inscrição entre as colunas, e o Crismon – o monograma de Cristo utilizado a partir do século IV – entre o alfa [o princípio] e o ômega [o fim] dentro do arco.

Inscrição:
"ANDREAS FAMVLV(S)/DEI
PRINCEPS CAN/TORVM SA-
CRO SAN/CT(a)E AIE]CLISIAE
MER/TILLIA[N]E VIXIT/ANNOS
XXXVI/REQVIEVIT IN PA/CE
SVB D[ie] TERTEO/KAL[endas]
APRILES/AERA dLX TRI/SIS"

"Andreas, servidor de Deus, primeiro cantor [chantre] da sacrossanta Igreja de Mertiliana. Viveu 36 anos. Descansou em paz no terceiro dia das calendas (primeiro dia de lua nova de cada mês) de abril da era de 560 e três (30 de março de 525 d.C.)."





< Lucernas com crismon

Lucernas com Crismon

Tróia | Séculos IV/V
Cerâmica | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (A) e (B)
2,7 x 6,7 x 11 cm (A)
2,8 x 6 x 10,2 cm (B)

Lucerna inteira, de Terra Sigillata Clara D, do tipo Hayes I. Decoração moldada no disco de um Crismon, bandas de estrias na orla.
A presença do Crismon aponta a utilização das peças no contexto cristão e eventualmente se relaciona com o complexo religioso que existiu em Tróia ao longo da Antiguidade Tardia.

> Prato

Prato de Sigillata Hispânica tardia, imitando o tipo Hayes 59 | Conimbriga | Séculos IV/VI
Cerâmica/Sigillata
Coleção Museu Monográfico de Conimbriga | 30,4 cm

> Prato (Terra Sigillata Africana D, forma Hayes 59 B)
Tróia | Segunda metade do século IV /inícios do século VI
Cerâmica | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 42,1 cm

Prato largo e baixo, apresenta decoração estampada de rosetas e palmas. Pasta laranja com engobe (uma mistura de argila líquida, óxidos e outros componentes que pode ser aplicada em uma peça antes da esmaltação) aplicado na superfície interna e borda. Esses achados provindos de Tróia, localizada na foz do Rio Sado, enfatizam o caráter costeiro das importações da Antiguidade Tardia no sul de Portugal, como se pode constatar ao olhar a mancha de difusão das cerâmicas de origem africana ou oriental (em particular a Terra Sigillata clara D ou a Late Roman C).

> Prato em terra sigillata tardia

Escavações arqueológicas (alcáçova do Castelo de Mértola)
Século V | Cerâmica
Coleção Museu de Mértola
9,2 x 8,3 x 2,1 cm

Fundo de prato com cruz. Trata-se, provavelmente, de uma peça utilizada nas celebrações litúrgicas que tinham lugar num dos espaços religiosos de Mértola.





< Vaso litúrgico

Bobadela, Oliveira do Hospital
Segunda metade do século VII
Bronze | Coleção Museu Na-
cional de Arqueologia, Lisboa
17,1 x 7,1 cm

Vaso de bronze, no qual se encontra inscrita uma frase constituída por 14 letras, que foi gravada por incisão, com traço fino, pouco profundo: ASAECCLESA/ES+/ ("da Santa Igreja de Jesus Cristo"). Pode ter sido utilizado em rituais eucarísticos ou batismais.

< Cunho litúrgico

Conimbriga | Século VI
Bronze | Coleção Museu Mo-
nográfico de Conimbriga
5,5 x 4 x 0,8 cm

Cunho para marcar hóstias com o voto "que vivas para a eternidade", pertencente ao século VI, período em que pa-
rece situar-se o templo cristão descoberto em Conimbriga.

> Bloco reutilizado

Beja | Séculos VI/VII
Pedra | Coleção Museu Re-
gional Rainha Dona Leonor,
Beja | 55 x 44 x 51 cm

A cidade de Beja herdou um importante legado da época romana, sendo constantes, ao longo dos séculos VI e VII, as referências a seu bispado, abundando no espaço intramuros elementos architetónicos que desmentem qualquer declínio. A tradição da cidade como importante centro e lugar de difusão do conhecimento continuou na época islâmica: uma elite religiosa de ulemás (sábios letrados) de origem local assegurou uma prestigiosa transmissão de saberes. Esse bloco, decorado com palmas e rosetas, fez certamente parte de um dos monumentos religiosos que ocuparam a parte alta da cidade na Alta Idade Média. Sobre a face oposta foi esculpido um brasão nacional que apresenta a inscrição: "Era de mil trezentos e quarenta e cinco anos se fez esta torre (1307)".

> Capitel

Castelo de Moura
Século VII | Pedra
Coleção Museu de Moura
30,5 x 13,5 x 10,5 cm

Típico exemplar do século VII, no qual são bem visíveis as marcas da tradição anticoni-
ca e do caminho em direção à geometrização.





< Placa ornamental

Placa Ornamental | Rua dos Bacalhoeiros (trabalhos no solo), Lisboa | Século x (?)
Calcário | Coleção Museu da Cidade de Lisboa
54,5 x 49 x 16 cm

O rico foco artístico moçárabe de Lisboa não recorreu apenas a composições figurativas para veicular sua mensagem. Fazem também parte desse núcleo algumas placas geométricas, destinadas a complementar as superfícies ocultas do interior dos templos, cuja liturgia impunha uma série de divisões espaciais e visuais. Desconhece-se se o local onde foi encontrada essa placa (tão próximo da Sé-Catedral) foi sacralizado em tempos moçárabes, mas já são numerosos os fragmentos escultóricos aí identificados. Mais uma vez, para compor essa placa os escultores recorreram ao universo estilístico omíada, alternando o elemento vegetalista central com medalhões que incluíam uma águia imperial ao centro, motivo de tradição sassânida¹ por via islâmica. O que sobressai é a intenção de ocupar todo o espaço disponível, numa espécie de horror ao vazio, que constitui outro indicador da matriz islâmica que orientou as realizações moçárabes lisboetas do século X.

¹ A dinastia sassânida foi uma linhagem real que governou a Pérsia entre 224 e 651 d.C.

< Placa do Paraíso

Sé-Catedral de Lisboa | Século x
Calcário | Coleção Cabido da Sé-Catedral de Lisboa
123 x 61 x 32,5 cm

No século X, um momento de intensa orientalização da sociedade peninsular, os moçárabes de Lisboa (cristãos sob domínio nominal islâmico) viveram um período de apogeu, que se materializou na renovação de alguns emblemáticos templos detidos pela comunidade. Um deles teria existido próximo do local onde, séculos depois, se instalou a Sé-Catedral, espaço nevralgico da cidade islâmica, entre a alcáçova e o porto e onde presumivelmente se estabeleceu o mercado e a mesquita principal. A *Placa do Paraíso* é um testemunho da importância da comunidade cristã, mas também da erudição e da qualidade plástica a que chegaram as realizações artísticas patrocinadas. Adotando uma estrutura em tripla arcada, comum em outras obras califais contemporâneas (*Placa da Alcáçova de Córdoba*), são representadas duas aves afrontadas ao centro e dois quadrúpedes nas extremidades, assim se ilustrando o paraíso, iconografia muito cara aos cristãos peninsulares daquela época.

> Pilastra

Pilastra completa decorada com cachos de uvas e parras
Sines | Século VII
Mármore de Trigaches
Coleção Museu Arqueológico de Sines, Câmara Municipal
150 x 30 x 17 cm

Sabemos que o espólio conservado no Museu Municipal de Sines tem origem numa grande basílica em uso entre, pelo menos, os séculos V e VIII. Permanecem na penumbra as razões da presença de um tal edifício, mas as condições do porto local – um dos raros pontos de abrigo na costa ocidental a sul do Sado – ajudaram a construir lendas como a do misterioso são Torpes, cujas relíquias teriam chegado por mar. Ainda no século XVIII se celebrava a grandeza de sua basílica, nem mais nem menos do que “a primeira da Europa e a segunda da cristandade”. Essa pilastra, decorada com cachos e parras que mergulham suas raízes na tradição romana, pertenceu à Igreja de Sines. As representações vegetalistas que aqui reconhecemos foram progressivamente dando lugar à geometrização e ao esquematismo que predominaram no século VII.

> Pilastra

Origem: desconhecida
Século VII d.C | Mármore de Trigaches | Coleção Museu Arqueológico de Sines – Câmara Municipal

Pilastra completa decorada com cachos de uvas e parras





< Capitel

Capitel | Igreja de São Torcato de Guimarães | Séculos IX/X
Granito | Coleção Museu de Alberto Sampaio, Guimarães
37 x 45 x 22 cm

São Torcato é uma das mais importantes igrejas pré-românicas do norte de Portugal. Foi mencionada pela primeira vez no testamento do rei Ramiro II (951), o que pressupõe uma íntima relação do monumento com a família condal de Portucale. De São Torcato procedem vários vestígios do primitivo templo (uma lpsanoteca, espécie de recipiente para depósito de relíquias, frisos de calcário e dois fragmentos de ajimezes), que ajudam a caracterizar a etapa artística asturiano-leonesa da parcela ocidental do reino, juntamente com os templos de Montélios (Braga) e Costa (Guimarães). Esse capitel coríntio representa uma faceta estilística de grande importância na ação construtiva da família condal portugalense: o deliberado retorno a uma estética clássica como forma de exibição e prestígio da linhagem e do cargo que a stirpe então ocupava.

> Placa funerária de Julianus

Fonte Salgada, Vila Nova de Cacela, Faro | Século X
Prozuzida numa oficina moçárabe de Córdova
Mármore | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa | 37,5 x 30 x 4,5 cm

Placa funerária de mármore branco e forma retangular, com o epitáfio inscrito numa moldura formada por um encordoado simples. A *ordinatio* é bastante cuidada, apresentando as letras e os sinais de abreviatura típicos do século X, originária de uma oficina de lapidistas moçárabes (artesãos que lavravam as inscrições) ativa em Córdova no fim do século X. Várias cronologias têm sido propostas: Mário Barroca sugere a data de 21 de março de 991, mas Maria Manuela Alves Dias afirma tratar-se do mesmo dia e mês de 987. É possível que diga respeito a um bispo de Faro.

Inscrição:
"[cruz] Hic requiescun[t]/
me[m]bra Iuliani episco-
pi/qui obiit XII Kl[ia]le[nd]als
Apr[il]i[is]le[is]era [millesima]
XXIIII post t[em]por[is]a/queso
lector pro eo orare/non
abnuas sic Chr[ist]u[m]
D[omi]n[u]m/protectore[m]
habeas"

"Aqui descansa o corpo de
Julião, bispo, que morreu
pela 12ª calenda de abril da
era milésima-vigésima-quin-
ta. Peço a ti, leitor, que não
recuses orar por ele, para
que (desse modo) tenhas em
Cristo (Nosso) Senhor um
protetor."





> Mosaico

Mértola (*in situ*) | Século VI (?)
Autor(es) desconhecido(s). Peças de origem oriental
Tesselas calcárias | Coleção Museu de Mértola
Dimensões variadas

Trabalhos arqueológicos recentes revelaram na antiga zona áulica de Mértola um esplêndido conjunto de mosaicos de raiz bizantina. Neles se reconhecem uma imagem de Belerofonte matando a Quimera, leões afrontados, um falcoeiro, lebres, avestruzes e leopardos. Muitos dos animais dos mosaicos de Mértola são estranhos à fauna local. Artistas africanos ou orientais deram nessa época uma importante contribuição para o embelezamento do complexo religioso para o qual foram concebidos e onde se incluíam uma basílica e um batistério. Os paralelos para esses mosaicos estão longe, algures na Grécia, Líbia ou Jordânia. As relações de Mértola com o mundo bizantino facilitaram esses contatos e contribuíram para incluí-la no circuito de produção artística daquele tempo. A riqueza mineira da região teria, segundo se pensa, financiado as obras de renovação da área nobre da cidade.

O MEDITERRÂNEO EM VÉSPERAS DA ISLAMIZAÇÃO



Cláudio Figueiredo Torres Campo Arqueológico de Mertola, Director

Em vez de grandes invasões ou a deslocação de milhares de soldados árabes e berberes que em 711 a historiografia tradicional anuncia terem entrado na Península Ibérica, vindos do norte de África, cremos hoje que o fenómeno da islamização, sobretudo na parte ocidental, não foi repentino nem, sobretudo, castrense, mas sim de uma transformação social que se estendeu lentamente por muitas dezenas de anos. Os acontecimentos de inícios do século VIII, muito mais do que um acto de conquista militar, enquadram-se, em suas devidas proporções, no processo de formação de um novo modelo de Estado e devem ser relacionados, em primeiro lugar, com a abertura a novos mercados e com uma nova circulação de gentes, produtos e ideias.

Mais importantes para a islamização do que os soldados transportados em 711 sobre o Estreito de Gibraltar foram certamente os comerciantes vindos de Túnis, Beirute ou Alexandria, que, por esses tempos, puderam começar a instalar-se de forma permanente, fazendo prosperar comunidades de levantinos, por vezes já antigos e assíduos clientes dos portos e cidades do al-Ândalus. Os mares tinham sido pacificados como já não acontecia desde os tempos áureos do Império Romano e as rotas do Oriente mediterrâneo, do Golfo Pérsico e dos mares da Índia começaram a trazer milhares de mercadores, já nessa época convertidos ao Islão. As populações autóctones, sobretudo os citadinos, habituados a transaccionar com os mercadores da costa libanesa, aprenderam a nova língua internacional e converteram-se à nova religião, de tal forma que, em fins do século XI, cerca de metade dos habitantes do Gharb- al-Ândalus estava já islamizada, falando árabe e praticando a religião muçulmana.

Sabemos também que esse processo de islamização foi acelerado mais tarde com as invasões almorávidas e almôadas, com a clara afirmação de um fundamentalismo religioso que, de certa forma, reagia e respondia a outro movimento de sinal contrário que, por esse tempo, animava as hostes da Reconquista na cruzada contra os “infieis”.

Mais do que duas religiões (um cristianismo senhorial em expansão pela Europa, capitaneado pela Ordem de Cluny, contra um mundo muçulmano que atingira a Ocidente os limites de sua capacidade de aglutinação), enfrentavam-se nesse momento na Península Ibérica duas formações sociais antagónicas (uma sociedade feudal contra uma sociedade tributária), duas culturas (um conjunto de jovens e belicosos senhores da guerra oriundos das terras montanhosas e húmidas do norte contra o velho mundo mediterrâneo).



< Tigela

Pátio anexo ao poço-cisterna
[hoje Museu Municipal de
Arqueologia de Silves] | Sé-
culos II-III H./VIII-IX [omiada]
Cerâmica | Coleção Museu
Municipal de Arqueologia de
Silves, Faro | 4,5 x 23,6 (bordo)
x 16 (fundo) cm

Cerâmica de pasta muito
clara e esbranquiçada com
decoração em tom castanho,
quase sépia. As superfícies
apresentam aguadas da mes-
ma cor da pasta. A decoração,
centralizada no interior da
peça, apresenta motivo de
estrela ou flor, que emana
de um amplo círculo cujo
interior é decorado com uma
barra geométrica. Esse tipo
de decoração é frequente-
mente encontrado no interior
de peças congêneres, como
também nas partes externas
de púcaros. Observou-se uma
decoração muito semelhante
em cerâmicas de Vilamou-
ra (Loulé, Algarve) e nas
provenientes de escavações
no Castelo de Silves, o que
sugere tratar-se de uma
produção local ou regional. A
data atribuída [séculos VIII e
IX] é questionada por Cláudio
Torres, que afirma tratar-se
provavelmente de peça mais
recente, comparável a outras
provenientes de Gharb al-
Andalus.

> Tigela com cena de caça

Escavações arqueológicas [al-
cávoa do Castelo de Mértola]
Segunda metade do século V
H./século XI [taifas] | Cerâmica
vitrificada e decorada em
verde e manganês | Coleção
Museu de Mértola, Beja
39 x 13 cm

Tigela decorada em verde e
manganês, apresentando, no
fundo, uma gazela perseguida
e atacada por um galgo e um
falcão. Destacam-se o vigor do
traço e a composição insólita,
na qual figuras extremamente
estilizadas se entrelaçam
e giram em torno de si. A
mesma sabedoria e o domínio
plástico estão presentes, total
ou parcialmente, em todas as
peças de corda seca.
Na falta de elementos estra-
tigráficos, a peça foi datada
pela comparação de paralelos
bem conhecidos em objetos
semelhantes existentes na
Qal'a dos Banu Hammad
[Argélia], em Túnis, Kairouan
[Tunísia], Denia, Cartagena
[Espanha] e Pisa [Itália].
Embora normalmente se
admita uma origem tunisiana
para esse tipo de peça, não
se exclui a possibilidade de
tigelas como as de Mértola
terem sido fabricadas no sul
da Península Ibérica.





< Aguamanil
Castelo de Mértola
Século XI d.C. | Cerâmica
Coleção Museu de Mértola,
Câmara Municipal de Mértola,
Beja | 19 x 22,5 cm

Jarro ou almotolia com uma só asa e gargalo alto. O bico vertedor apresenta duas pequenas orelhas junto ao bocal, sugerindo a cabeça de um mamífero. Sobre a pasta vermelha foi executado um programa decorativo com traços de engobe branco.

< Panela
Escavações arqueológicas (alcáçova do Castelo de Mértola)
Primeiras décadas do VII H./primeiras décadas do século XIII (almôada = dinastia berbere) | Cerâmica comum
Coleção Museu de Mértola,
Beja | 23,5 (bordo) x 19 (base) x 21,5 cm

Essa peça de ir ao fogo foi o essencial implemento da cozinha durante todo o período islâmico. Utensílio de antiga tradição e muito comum no mundo romano, desempenhou papel preponderante nas casas peninsulares islâmicas de todas as classes sociais. A exemplo de outras peças de uso intensivo, como os fogareiros e as caçarolas, é provável que as panelas não tivessem uso muito prolongado, devido à deterioração natural. Sua substituição devia ocorrer com frequência regular, a intervalos de um ano ou menos, conforme permitissem as finanças domésticas.

< Fogareiro
Escavações arqueológicas (alcáçova do Castelo de Mértola)
Primeiras décadas do VII H./primeiras décadas do século XIII (almôada) | Cerâmica comum | Coleção Museu de Mértola,
Beja | 9,2 x 22 cm

Essa é uma das peças de uso mais constante para cozinhar. Utilizada no cotidiano, teve uma vida particularmente longa, passando sem dificuldades do mundo islâmico para o cristão e subsistindo até nossos dias. Os fogareiros encontrados em Mértola são de um único tipo, com dupla câmara e caracterizados por extrema simplicidade decorativa. Na parte superior era normalmente colocada uma panela. Uma grade convexa separava a câmara superior do braseiro abaixo, que, nesse caso, era quase cilíndrico, com uma abertura oval.



> Terrina
Origem? | Séculos X/XI
Cerâmica pintada
Coleção Museu Municipal de
Arqueologia de Silves, Câmara
Municipal de Silves
11,4 x 13 cm

Recipiente originalmente provido de uma tampa, com quatro asas que permitiam uma suspensão que afastava os roedores. Sua função seria, por isso, guardar alimentos mergulhados em gordura. Toda a peça foi esmaltada com óxido de ferro, destacando-se numa banda policromia em corda seca.

> Tigela com Decoração Epigráfica
Castelo de Mértola | Século XII | Cerâmica | Coleção Museu de Mértola, Câmara Municipal de Mértola, Beja
8 x 25,5 cm

Tigela ou prato fundo com o interior decorado em corda seca. O desenho, traçado a manganês, é completamente preenchido com pastas vitreas nas cores branca (óxido de estanho), verde-turquesa (óxido de cobre) e melado (óxido de ferro). No campo central lê-se a inscrição em árabe "baraka" (a bênção). Na asa desenvolve-se uma sequência de motivos vegetais estilizados.





< Candil

Castelo de Mértola | Fim do século XII /primeiro quarto do século XIII | Bronze
Coleção Museu de Mértola, Câmara Municipal de Mértola, Beja | 5,5 x 11,5 cm

Lamparina portátil em que a iluminação era produzida pela chama de um pavio embebido em azeite. A asa possui um ressalto finamente ornamentado.

< Candil

Faro, Edifício da Judiciaria Séculos XI/XII | Bronze
Coleção Universidade do Algarve, Faro | 10,8 x 14 cm

Lamparina portátil. A asa monumental e a decoração em relevo conferem monumentalidade a essa peça, certamente utilizada num ambiente palatino.

< Candil

Século XI | Cerâmica pintada e vidrada | Coleção Museu Municipal de Arqueologia de Silves, Câmara Municipal de Silves | 8,3 x 15 cm

Lamparina portátil. Na ponta do bico ardia um pavio mergulhado em azeite. Essa peça, muito comum em todo o Mediterrâneo islâmico, é uma forma evoluída das antigas "lucernas" romanas. A maioria não tem qualquer decoração, razão por que nesse exemplar se destaca um cordão de esmalte verde que envolve o pote de azeite



> Molde para amuleto

Beja | Século VI H./XII (?)
Xisto | Coleção Museu Regional Rainha Dona Leonor, Beja
4,7 x 3,3 x 0,7 cm

Os amuletos em forma de medalha, de uso frequente, eram dotados de uma ou duas argolas. Isso permitia usá-los no pescoço, dando-lhes um caráter ornamental além da função mágica que supostamente exerciam. No mundo islâmico, e no al-Andalus em particular, são comuns as referências à utilização de amuletos e talismãs de toda espécie. Protegiam aqueles que os usavam contra o mau-olhado e as doenças, possibilitavam obter favores de determinada pessoa e em geral resolver problemas difíceis. Tratava-se, sobretudo, de objetos de amplo uso, feitos de materiais baratos ou fabricados em materiais nobres e com pedras preciosas, quando as posses dos respectivos proprietários assim permitam.

> Tabuleiro de jogo com pedras

Castelo de Mértola Séculos XII/XIII | Xisto
Coleção Museu de Mértola, Câmara Municipal de Mértola
21,5 x 20,3 x 2,6 cm

Tabuleiro de jogo improvisado, muito comum em todo o Mediterrâneo, pelo menos desde a época romana. Tem várias denominações populares, como "jogo do moinho" ou "jogo do galo", embora a mais antiga seja "alquerque", palavra de origem árabe peninsular. Dois adversários deslocam nove pedras e vence o primeiro que consegue colocar três delas em linha.





◀ Grande jarra em corda seca parcial

Castelo de Mértola | Século XII
Cerâmica | Coleção Museu de Mértola, Câmara Municipal de Mértola | 34,8 x 32 cm

Grande jarra de paredes finas com exuberante ornamentação de corda seca, na qual se entrelaçam cordões de esmalte verde sobre o fundo claro do barro. Do bordo para a base desenvolvem-se seis decorações em que se destaca uma sequência caligráfica em árabe em que é repetida a palavra “*baraka*” (a bênção). Por seu volume pouco comum, teve certamente funções palatinas.

▶ Talha

Escavações arqueológicas (alcáçova do Castelo de Mértola) Segunda metade do século VI H./século XII ou primeiras décadas do século VII H./século XIII (almôada)
Cerâmica com decoração estampilhada. Peça parcialmente vitrificada
Coleção Museu de Mértola, Beja | 28 x 59 x 70,5 cm

Talha destinada à conservação de água, a qual era retirada pelo bocal ou vertida pela base. A peça é coberta por um vitrificado verde e apresenta decoração com cordões digitados. Uma profusão de símbolos profiláticos estampilhados (vegetais, caligráficos e arquitetónicos) protegia o conteúdo da talha contra todos os males exteriores. Essas peças, por vezes com decoração muito sofisticada, eram também usadas para a conservação de frutos secos ou de cereais. A datação proposta para essa peça é corroborada pelos paralelos decorativos, com um bocal de poço de Tetuão (Marrocos), datado por uma inscrição de 585 H./1190.





< **Lápide comemorativa**
Silves | Ramadã de 624 H./de 15 de agosto a 13 de setembro de 1227 (período almôada)
Mármore esculpido
Coleção Museu Arqueológico e Lapidar Infante Dom Henrique, Faro | 28 x 59 x 70,5 cm

O texto da inscrição é o seguinte: "Em nome de Deus, oh Clemente, oh Misericordioso. Abençoe Deus a Muhammad e sua família. Ordenou a construção desta torre o emir [...filho de... Abu Yusuf, filho do califa emir dos crentes, Abu Yakub, filho do califa emir dos crentes, Abu Muhammad Abd al-Mu'min Ibn Ali – que Deus aceite suas boas obras e lhe perdoe as más! E isso no mês de ramadã o respeitável do ano 624]".

A epígrafe comemora a construção de uma torre na cidade de Silves, muito provavelmente a da porta do sol. O reforço da capacidade defensiva justificava-se plenamente, uma vez que, cerca de 40 anos antes, a cidade fora ocupada temporariamente pelos cristãos, cujo avanço para o sul era notório e constituía um perigo iminente para a tomada da cidade, como realmente aconteceu em 646 AH/1249.

> **Pia de abluções**
Pia de Abluções | Cacela (Faro) | Século VI H./século XII (almôada) | Mármore esculpido | Coleção Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
18 x 53,5 cm

Pia de abluções, de bacia circular lobulada, com uma flor de oito pétalas. Na borda externa, uma faixa epigrafada. O desgaste causado pela água fez desaparecerem as letras nas curvas externas, permanecendo apenas algumas nos ângulos de junção dos lóbulos. Num desses pode-se ler o início da *basmala*, e tudo leva a crer que o texto na íntegra seria uma citação do Alcorão, como, aliás, era habitual em peças do gênero, usadas nos rituais de ablução na entrada das mesquitas, visto que a purificação da alma e do corpo é um dos objetivos fundamentais dos preceitos do Alcorão. Na região de Lisboa, encontra-se outro exemplar com características semelhantes, datado, provavelmente, da mesma época.

> **Painel de arqueta**
Moura | 596-629 H./1200-1232 (período almôada) | Osso pintado | Coleção Museu Municipal de Moura, Beja
6,2 x 12,8 cm

Placas de osso que serviram de revestimento a uma pequena arca. Dessa, que era provavelmente de madeira, não nos chegou qualquer vestígio. Os dois conjuntos de placas (apenas um se encontra nesta exposição) apresentam uma decoração idêntica, finamente pintada e extremamente simples.

Comparando com outras peças conhecidas, acreditamos tratar-se de um dos exemplares de decoração mais sóbria no contexto dos marfins e ossos islâmicos do Mediterrâneo ocidental (podemos até falar de certo "primitivismo"). Há indícios de semelhanças entre a peça de Moura e a arte da Sicília normanda.

A figuração é simples. No centro da peça destaca-se uma rosácea com ornamentos em forma de laço, ladeada por duas figuras humanas e motivos fitomórficos. Os círculos das rosáceas foram desenhados com compasso e em seguida as figuras esboçadas foram definidas a tinta nanquim ou com pinceladas de manganês, sendo o restante preenchido com pigmentos.





< **Lápide Funerária**
Frielas, Loures, Lisboa
Séculos XII/XIII | Calcário
Coleção Museu Nacional
de Arqueologia, Lisboa,
em depósito no Museu de
Mértola, Beja
33 x 55 x 11 cm

Essa bela estela funerária, sobretudo pela forma dos caracteres, tem sido situada em uma época em que a zona de Lisboa já tinha sido conquistada pelas tropas de dom Afonso Henriques, apoiado pelos cruzados. Por isso tem de ser atribuída a um muçulmano que permaneceu nas imediações da cidade, integrado na comunidade mudéjar. O epitáfio em árabe diz o seguinte: "Eterno é Deus. Tem compaixão conforme tua mercê, ó tu que dominas e olha [com misericórdia] para o sítio para onde fui mandado".

> **Capitel Islâmico**
Santarém | Século XII
Mármore branco | Coleção
Museu Municipal de Santa-
rém | 34 x 28 cm

Capitel de refinada decoração ligada às melhores escolas cordovesas. Flores de lótus entrelaçadas combinam-se com volutas clássicas e folhas de acanto lisas. Em relevo destacam-se nas quatro faces caracteres árabes com inscrições votivas de significado religioso:
- Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso! A bênção.
- Deus abençoe Nosso Senhor Muhammed e sua família e [lhes] conceda a paz perfeita.
- Deus me livre de Satanás, o maldito.





< **Alcatruz**

Castelo de Silves | Século XIII
Cerâmica | Coleção Museu
Nacional de Arqueologia,
Lisboa, em depósito no Museu
Municipal de Arqueologia de
Silves, Faro | 9,2 x 22 cm

Para os muçulmanos, a água é uma benção. No Alcorão, Deus diz: "E da água fizemos todos os seres vivos" [21:30]. A aridez da bacia mediterrânica levou a civilização islâmica a se aprofundar e desenvolver técnicas hidráulicas herdadas dos romanos. As noras (rodas de madeira usadas para tirar água dos poços) foram uma das soluções para recolher água, permitindo sua captação e distribuição em complexos sistemas de irrigação. Alcatruzes como esse, que data do período islâmico, eram comuns até recentemente, na paisagem do sul. Amarrados à nora por uma corda grossa, vertiam numa calha a água recolhida do poço.

> **Bocal do poço de Silves**

Silves | Séculos XII/XIII
Arenito vermelho/grês de
Silves | Coleção Museu Muni-
cipal de Arqueologia de Silves,
Câmara Municipal de Silves
75 cm

Nas oito faces desenvolve-se um complexo programa ornamental em relevo, representando elementos arquitetónicos e vegetalistas e uma estrela de seis pontas. Tem havido várias leituras para esses relevos de evidente carga simbólica com filiação paleocristã e mesmo judaica



O MEDIEVAL CRISTÃO: A FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE PORTUGAL (SÉCULOS XII A XV)



José Custódio Vieira da Silva

Entre 1143, ano em que o primeiro monarca de Portugal, dom Afonso Henriques, se proclamou rei, e 1385, quando dom João I foi elevado ao trono, decorreram mais de 200 anos, durante os quais Portugal se formou, alargou e consolidou o território e se estruturou como Estado.

A formação como estado independente foi conseguida em luta contra o imperador de Leão; o alargamento e a consolidação do território foram realizados através da conquista aos mouros das terras para sul, até ao Algarve; a estruturação como Estado culminou com a vitória contra Castela, em 1385.

É esse percurso que os objectos escolhidos pretendem ilustrar, através dos dois momentos artísticos que acompanham essa cronologia de cerca de 250 anos: o momento românico (séculos XII-XIII) e o momento gótico (séculos XIII-XIV).

O momento românico foi marcado pela paisagem rural, pela afirmação do castelo, pela implantação dos mosteiros beneditinos e pelo visionarismo da escultura. Portadora de visões, sonhos, mensagens simbólicas que povoam os capitéis, arquivoltas e tímpanos, a escultura românica, mais do que a procura da realidade imitada em cópia fiel, buscou as coisas ocultas e o mundo do fantástico, o sobre-humano, a luta simbólica do bem em confronto eterno com o mal. O mundo zoomórfico, de modo particular, enriqueceu-se com toda uma teoria de animais monstruosos de que fazem parte o dragão, o grifo, o basilisco, a harpia, a hidra, a sereia.

O momento gótico, por sua vez, foi definido pela vida urbana e a importância das ordens mendicantes, que, insistindo na prática de virtudes individuais, trouxeram os valores de um humanismo emergente, visível nas novas e privadas devoções e presente na escultura. Essa arte desse período reflecte, de forma directa e intensa, a mudança clara que o homem medieval experimentou em seu relacionamento com o mundo e a natureza. Transformações de ordem variada estão na origem dessa mudança de atitude e de referentes estéticos: o mundo, criação de Deus, passou a ser olhado como um lugar de beleza e harmonia que compete ao homem fruir e desenvolver. Por isso, aos temas apocalípticos, às visões e aos monstros da arte românica sucedeu-se, gradualmente, a serenidade de um naturalismo visível quer na temática, quer no tratamento das formas.

Dois balizas monumentais são delimitadoras desse percurso. A abrir, o Mosteiro de Alcobaça, realização cisterciense de grande fôlego, fundado em 1153, cuja influencia religiosa, cultural e política se prolongou durante toda a sua existência, representando um dos fenómenos de maior significado na história do país. A fechar, o Mosteiro da Batalha, consagração da independência de Portugal obtida em Aljubarrota, em 1385. A Igreja (e o Mosteiro, em seu conjunto) da Batalha corporiza, na monumentalidade de seu projecto e na riqueza de suas propostas estéticas, a importância que dom João I lhe atribuiu. Sob o ponto de vista estético, incorporou a linguagem do tardo-gótico que seu segundo arquitecto, mestre Huguet, lhe introduziu, colocando-se a arte portuguesa a par do que de mais actual se realizava na Europa; sob o ponto de vista monumental, apresenta dimensões grandiosas, só ultrapassadas pela Igreja do Mosteiro de Alcobaça, de que se aproxima também pelo programa de abobadamento integral do edifício.

Foi no centro e sul do país, onde o românico se não chegara a implantar, que a arquitectura gótica lançou seus alicerces. Criou-se, assim, uma curiosa dualidade de paisagem: ao norte românico opôs-se o sul gótico. Ao período de formação do país, em cores românicas, sucedeu-se sua consolidação e desenvolvimento, no brilho e esplendor da luz gótica.



< Capitel com Sereia e animais afrontados
 Capitel com Sereia e Animais Afrontados | Depositada no museu pelo empreiteiro senhor Humberto de Sousa Trigo | 1150/1190 | Calcário | Coleção Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra
 40 x 42,5 x 34 cm

Capitel com três faces decoradas, com representação de sereia e animais. Na face lateral direita encontra-se representada, à direita, uma sereia com a cauda segura numa mão e na outra um peixe, o qual uma ave, representada do lado esquerdo e com as patas sentadas numa máscara debica. Nas outras faces decoradas, representam-se, em cada uma, duas aves idênticas afrontadas, de bicos pousados no bojo de um cálice que se assenta, por sua vez, numa máscara. O capitel encontra-se ornado, no colarinho, por um friso vegetalista que suporta o toro liso e, na parte superior, por um toreado duplo com estrias oblíquas

> Lápide com Calvário e a Investidura de Santo Ildefonso
 Sacristia da capela de santa Comba | Século XIII | Calcário | Coleção Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra
 64,5 x 81 x 18,5 cm

Lápide funerária retangular com representação do Calvário e da cena de Investidura de Santo Ildefonso. As duas cenas, que ocupam as duas metades da lápide, aparecem enquadradas, no alto, por arcos trilobados e separadas por uma coluna de capitel. À direita, a cena do Calvário é dominada pela figura de Cristo, que ocupa o centro da representação, crucificado e coroado por dois anjos. Cristo é ladeado, à direita, pela Virgem representada de pé, com manto, a cabeça coberta e as mãos postas, e por são João Evangelista, também em pé, com ar imberbe e envergando túnica e manto. À esquerda está a cena da Investidura de Santo Ildefonso, tutelada pela figura imponente da Virgem, coroada, com o Menino, em gesto de bênção, no regaço. À esquerda da Virgem, santo Ildefonso, de quem são visíveis a mitra e o manto, ajoelha-se diante de um altar e recebe a casula das mãos de um anjo. Inscrição no friso superior da lápide.





◀ **Profeta do Portal da Batalha**
Portal da Batalha | 1435
Calcário | Coleção Museu Na-
cional de Arte Antiga, Lisboa
60,5 x 31 x 19 cm

Escultura de portal com figura de Profeta em alto-relevo, a ¾. De pé, o Profeta é representado em posição frontal, com o tronco ligeiramente torcido para o lado direito, para onde dirige o olhar. Veste túnica e manto, esse caído dos ombros em direção aos braços, em que se enrola para formar as largas pregas que agitam as vestes do Profeta com intenso dinamismo e revelam sua enorme qualidade de tratamento. Na cabeça ostenta um chapéu. A face, enquadrada por longas barbas de cachos ondulados, é tratada com minúcia e naturalismo, apresentando uma expressão grave. As mãos perderam-se, mas subsiste parte do rolo que segurava com a direita. Dos pés, é visível apenas um, calçado, cuja ponta se vislumbra por entre as vestes.

▶ **Calvário**
Doação dos herdeiros do
comandante Ernesto Vilhena
1450/1475 | Calcário policro-
mado | Coleção Museu Nacio-
nal de Arte Antiga, Lisboa
97,5 x 60 x 20 cm

Placa retangular terminada em arco contracurvado, repre-
sentando a cena do Calvário.
Ao centro, Cristo crucificado
é retratado como um homem
de meia-idade, morto sobre a
cruz, os olhos fechados, a ca-
beça, com nimbo cruciforme e
coroa de espinhos, pendendo
sobre o ombro direito, o
perizonium envolvendo-lhe a
anca e os pés cruzados para
receber um cravo único. À
direita, a Virgem; à esquerda,
São João Evangelista. A
Virgem, vestida com túnica
e manto, a cabeça coberta,
agarra o pulso esquerdo com
a mão direita, num gesto de
dor intensa e, sobretudo, de
impotência diante da cena
a que assiste. O discípulo
também traz túnica e manto,
a cabeça e os cabelos longos
descobertos. São João fecha
os olhos, como as restantes
figuras da cena; com a mão
esquerda (bastante danificada)
provavelmente seguraria um
livro, enquanto poua a direita
sobre a face, numa atitude
de dor profunda que lhe é
tradicional nessa iconografia
específica do ciclo da Paixão.
No topo da cruz, o *titulus* com
a inscrição *INRI* e, de cada
um dos lados desse, o sol e a
lua, à direita e à esquerda de
Cristo, respectivamente.





< **Virgem da Expectação**
[Senhora do Ó]
 Sé Velha de Coimbra
 1325/1350 | Mestre Pêro
 Calcário policromado
 Coleção Museu Nacional
 Machado de Castro, Coimbra
 130 x 44 x 34 cm

Escultura de vulto representando a Virgem da Expectação, ou Senhora do Ó, de pé e com o olhar dirigido para o alto. A Virgem é representada grávida, vestindo a roupagem tradicional das damas trecentistas: a túnica cingida na cintura por um cinto de ponta comprida, que aparece sob o manto, na parte inferior da figura; o manto preso no peito por um fírmal característico da estética de mestre Pêro e seguro sobre o braço esquerdo da Virgem, num interessante movimento horizontal; e o véu curto a cobrir a cabeça, sem, contudo, ocultar totalmente os cabelos. A mão direita repousa aberta sobre o ventre proeminente; a mão esquerda perdeu-se, mas o arranque ainda visível do antebraço faz prever um gesto de aceitação.

> **Virgem com o Menino**
 Doação dos herdeiros do
 comandante Ernesto Vilhena
 1450-1475 | Calcário policromado | Coleção Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa
 28 x 62,3 x 26,5 x 20 cm

Escultura de vulto da Virgem com o Menino. De pé, a Virgem aparece representada numa figura de volumes arredondados, que lhe imprimem um sentido de forte domínio, sem perder, contudo, o equilíbrio. A túnica vermelha e o manto verde ornado em dourado que cobrem o corpo da Virgem, incluindo a cabeça, articulam-se com graciosidade num jogo dinâmico de peregueados: entre a verticalidade da primeira, afirmada junto aos pés, e os movimentos semicirculares e oblíquos do segundo, que resultam de seu lançamento na direção da anca esquerda, ligeiramente elevada, e tendem a fazer dirigir o olhar para o Menino, de vestes idênticas às da mãe. A Virgem olha à frente; com a mão esquerda acode o Menino e com a direita segura-lhe um pé. O Menino, voltado para o eixo da composição, apresenta-se em pose de grande dignidade e, com um globo na mão esquerda, assume-se como governador dos destinos do mundo. Inscrição na base.





< São Sebastião
Doação dos herdeiros do
comandante Ernesto Vilhena
Século XV | Calcário policro-
mado | Coleção Museu Nacio-
nal de Arte Antiga, Lisboa
86 x 26,5 x 24 cm

Escultura de vulto represen-
tando São Sebastião. De pé,
as mãos atadas ao tronco de
seu suplício, a figura de são
Sebastião aparece dominada
por um sentimento de resig-
nação e dor, construído pelo
olhar dirigido para baixo, o
desenho invertido dos lábios, a
marcação rígida da anatomia e
a regularidade das chagas que
lhe marcam o corpo. O santo
é representado como jovem, o
torso nu, mas com a zona da
anca coberta. Apesar de o cor-
po ser o objeto privilegiado do
martírio que se pretende re-
presentar, essa figura de são
Sebastião aparece claramente
dominada pela atenção posta
no tratamento da cabeça, de
longos cabelos ondulados,
face larga e expressão de
grande humanidade.

> Santíssima Trindade
Santíssima Trindade
1450/1500 | Calcário policro-
mado | Coleção Museu Nacio-
nal de Arte Antiga, Lisboa
72 x 29 x 27 cm

Escultura de vulto represen-
tando a Santíssima Trindade.
Sentado e em posição frontal,
Deus Pai é representado
como um homem de meia-
idade, de cabelos longos
e barba bifida curta. Veste
túnica sob manto debruado e
preso no peito por um peque-
no firmal, pés calçados e visí-
veis entre as pregas da túnica,
cabeça coroada, olhar dirigido
para o crucifixo que segura
entre as mãos e que aparece
encimado pela pomba do
Espírito Santo, representada
ao nível do peito de Deus Pai,
e costas escavadas.





< Espada de Dom João I
Mosteiro da Batalha, túmulo de dom João I (?) | Séculos XV/XVI | Coleção Museu Militar de Lisboa | 112 x 29 x 5,5 (largura da lâmina) cm

Espada geralmente atribuída ao monarca fundador da dinastia de Avis (1385), o rei dom João I. Pomo prismático com oito faces, em forma de figo ou de pêra, de que sobrevive apenas a espiga (a alma de ferro), faltando-lhe o revestimento de madeira que, forrado com entrelaçado de couro ou de tecido, formava o punho. Guardas rectas, de seção hexagonal, com as extremidades ligeiramente curvadas. Lâmina de aresta central em toda a extensão, sem goteira nem sangradouro, rematada de forma acentuadamente afilada, própria para ser usada como estoque. Arma de aço (lâmina, guardas, espiga e pomo).

< Maça de Armas
Século XV | Ferro | Coleção Museu Militar, Lisboa | 64 cm

Arma de choque forjada em duas peças de mesmo material. Cabeça de sete "facas" de formato triangular, dispostas radialmente. De cabo cilíndrico, mais grosso na direção da conteira, a arma é dotada de um pequeno botão esférico, essencial ao equilíbrio. Punho delimitado por duas argolas e decorado com um motivo de encordoado. Encabamento feito por meio de um prego longo, aplicado na extremidade superior da cabeça decorada em relevo e terminado por remate piramidal.



>Elmo com Nasal
Castelo de Torres Novas
Séculos XII/XIII | Ferro
Coleção Museu Municipal de Torres Novas, Câmara Municipal de Torres Novas
23,5 x 21 cm

Defesa de cabeça composta de um casco semicônico e de ápex ligeiramente pontiagudo. Nasal muito projetado e de ponta curvada preso ao casco. Resguardo em quase toda a volta do casco.





< **Azulejos-Padrão de Laçarias**
Século XVI | Cerâmica
Coleção Museu Nacional do Azulejo, Lisboa
28 x 28 cm x 2,3 cm

Módulo de padrão 2 por 2, policromo (verde, azul, castanho, manganês, mel e branco), decorado com estrela central e rede poligonal.

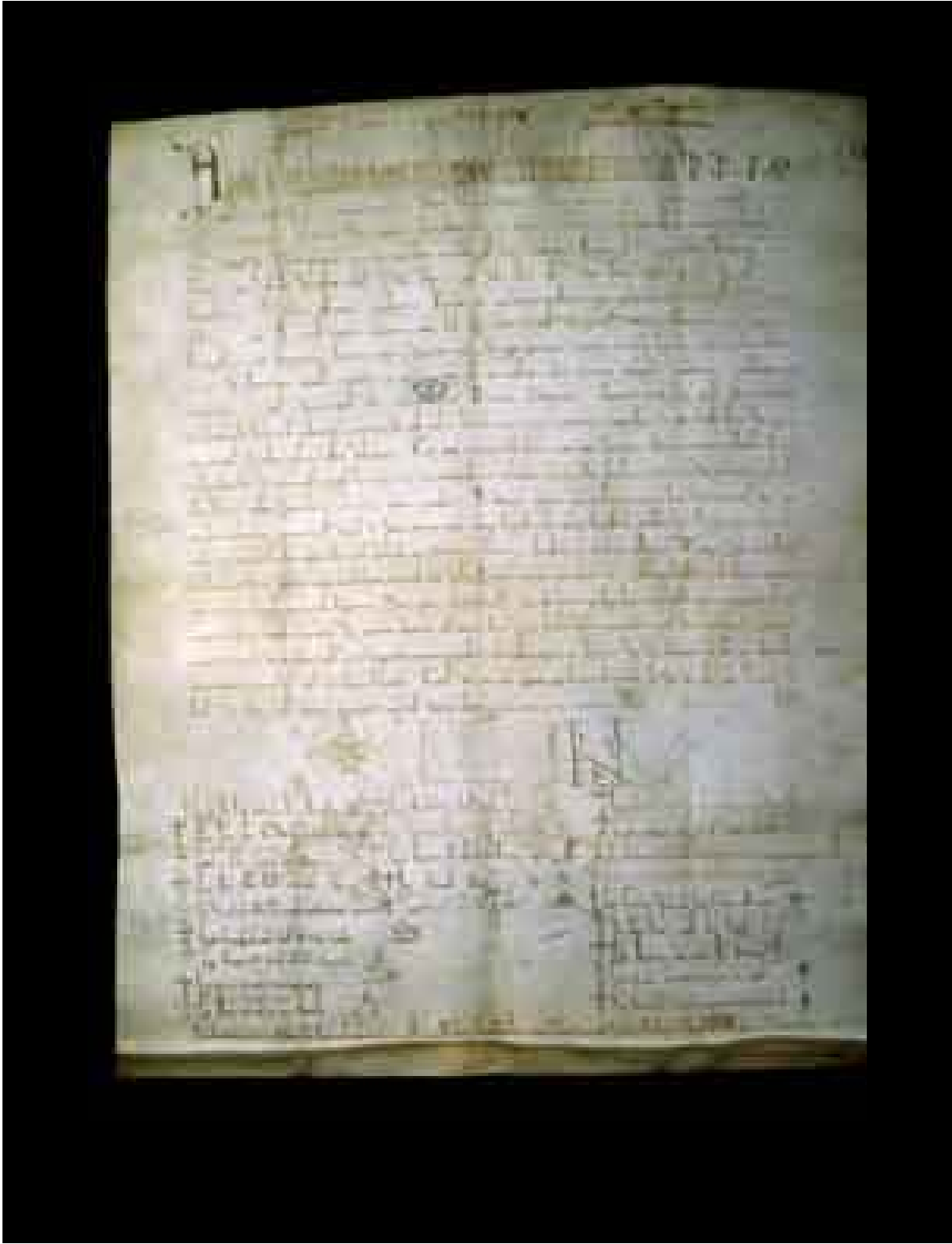
< **Painel de Azulejos (Parras e Uvas)**
1508 | Cerâmica | Coleção Museu Nacional do Azulejo, Lisboa | 42 x 16,5 x 3 cm

Módulo de padrão policromo (verde, manganês, mel e branco) decorado com elementos vegetalistas (folhas de videira) e frutiformes (cachos de uvas), inscritos sobre fundo branco.

> **Painel de 18 azulejos geométricos**
1503 | Cerâmica | Coleção Museu Nacional do Azulejo, Lisboa | 94 x 47,5 cm

Módulo de padrão 2 por 2, policromo (verde, azul, branco e preto), decorado com motivos vegetalistas inscritos sobre fundo branco.





< **Bula Papal Manifestatis Probatum (fac-simile)**
Reprodução | 1179
Coleção Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Entre os séculos XI e XV vários diplomas pontifícios receberam como forma de validação a aposição de um selo de chumbo, denominado *bull*, por resultar da compressão de uma esfera de chumbo entre duas matrizes. O nome atribuído a essa forma de validação passou a designar todos os diplomas pontifícios, vulgarmente chamados de bulas. A bula *Manifestatis Probatum* est, datada de 1179, corresponde, assim, ao documento papal no qual Alexandre III reconheceu, de um lado, a independência do reino de Portugal e, de outro, dom Afonso Henriques como rei.

> **Cancioneiro da Ajuda**
Reprodução | Século XIV
Papet | Coleção Biblioteca da Ajuda, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

O *Cancioneiro da Ajuda* (século XIII) constitui, a par do *Cancioneiro da Vaticana* e do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, uma das três coletâneas que reúnem os mais antigos textos da literatura portuguesa. Trata-se de composições em verso, datadas do século XII e com origem na tradição oral, que eram animadas por trovadores (poetas), segréis (instrumentistas) e jograis.





◀ Cruz Processional Românica
Século XIII | Cobre
Coleção Museu Nacional de
Arte Antiga, Lisboa
57,4 x 31,4 cm

Cruz processional de braços e haste com decoração vegetalista e terminação em trifólios. Na interseção da haste com os braços há uma representação contida num círculo delimitado, com a figura de Cristo sobre fundo estriado, em posição frontal, com nimbo cruciforme na cabeça, a mão esquerda ostentando um livro e a direita cumprindo o gesto da bênção. Essa figuração encontra-se ladeada, no nível da anca, por duas esferas.

Cruz Processional Gótica
Século XIV | Cobre e esmaltes | Coleção Museu
Nacional de Arte Antiga,
Lisboa | 63 x 41 cm

Essa cruz apresenta-se com extremidades flordelisadas e as faces preenchidas por decoração vegetalista incisa. Nas extremidades são aplicadas figuras em meio-relevo: na superior, um anjo turiferário; na inferior, Adão ressuscitando do túmulo; e nos braços a Virgem e são João. Antecedendo as flores-de-lis dos extremos encontram-se quatro reservas esmaltadas, observando-se, na haste superior, a coroação da Virgem; na inferior, Cristo resgatando as almas do limbo, e nos braços as figuras do bom e do mau ladrão. A imagem de Cristo, em meio-relevo, fundida, apresenta o *perizoneum* pregueado, e sobre a cabeça uma faixa oblíqua, sem decoração, denuncia a falha de uma reserva esmaltada, onde se deveria ler o *titulus*. São poucas as variações apresentadas por essa peça em relação a suas congêneres, devendo-se apontar, no entanto, pequenas diferenças no nível da figuração incisa no relevo e da qualidade geral do desenho. Nesse caso, no verso, ao contrário do que sucede noutros exemplares afins, toda a decoração é gravada, sem ter tido qualquer aplicação de esmaltes. Ao centro representa-se Cristo sedente, abençoando e segurando, na mão esquerda, a orbe, sobre um fundo de ornamentação losangular incisa em texturas alternadas. A decoração vegetalista de enrolamentos acânticos é idêntica à da face principal da cruz, sendo os extremos ocupados pela figuração simbólica do tetramorfo. No eixo principal, as duas saliências que correspondem às aplicações esmaltadas da frente são ocupadas por legendas gravadas: na parte superior, MIA, e na inferior, IHSU.



A PRESENÇA JUDAICA EM PORTUGAL



Maria José Ferro Tavares Universidade Aberta. Lisboa

Este núcleo procura contar brevemente a história dos judeus, desde sua presença em fins do Império Romano, até sua expulsão, em dezembro de 1496. Ao longo de mil anos, sua história não teve um percurso linear, mas foi feita, pontualmente, de perseguições e sobressaltos, durante o domínio visigótico, a que se seguiu um extenso período de integração, apesar de pertencerem a uma minoria religiosa e, por isso, marginal à religião dominante, fosse ela o islamismo ou o cristianismo.

A esse primeiro momento pode ter pertencido a lápide com a menorá, encontrada em Mértola e datada do século V, apesar de estar escrita em latim e desconhecermos o nome da pessoa falecida.

As peças apresentadas procuram mostrar dois momentos altos da vida judaica no reino de Portugal: os séculos XIV e XV. As inscrições hebraicas lembram duas ocasiões importantes: a construção das Sinagogas de Lisboa e do Porto. Falam-nos de judeus cortesãos com um papel importante na corte. Juda, filho de Guedelha (Negro ou Ibn Yahia), foi rabi-mor de dom Dinis, tal como seu pai. Foi ele quem mandou construir o novo edifício da sinagoga da judiaria grande de Lisboa.

Juda Aben Menir, natural de Navarra, foi rabi-mor e tesoureiro de dom Fernando. Durante o exercício de seu cargo, foi construída a Sinagoga de Monchique no Porto, em Miragaia.

Ao contrário da minoria muçulmana, os judeus tiveram sempre um grande acolhimento e protecção por parte dos reis portugueses, de tal modo que, desde fins do século XIII, se não antes, tinham um representante directo na corte: o rabi-mor. Judeu cortesão, da confiança do rei, o rabi-mor era o corregedor na corte para os judeus e tinha direito a chancelaria, selo e cadeia. Os dois documentos fernandinos tal o comprovam. Até à expulsão, os soberanos mantiveram o privilégio da minoria, segundo o qual os judeus eram julgados segundo o Talmude em todos os casos jurídicos em que fossem réus.

No século XV, nomeadamente durante os reinados de dom Afonso V e dom João II, os judeus atingiram seu apogeu cultural e de prestígio junto do rei e da família real. Astrólogos e médicos, mercadores de grande trato, financiadores da Coroa, os judeus da elite cortesã participaram directa e indirectamente nas descobertas portuguesas ao longo da costa de África ou nas conquistas militares em Marrocos. A esse período corresponde a maior parte dos livros iluminados e impressos, encomendados por judeus portugueses ou traduzidos do hebraico por ordem do rei, como foi o caso do Almanaque Perpétuo de Abraão Zacuto.

No entanto, a expulsão dos judeus de Espanha, em 1492, a morte prematura e sem sucessão directa de dom João II, a subida ao trono de dom Manuel e seu casamento com a infortunada princesa dona Isabel, filha dos Reis Católicos e viúva do príncipe herdeiro de Portugal, conduziu à expulsão de judeus e mouros. A 4 de dezembro de 1496 foi promulgado em Muge o édito da expulsão, imposta pela princesa espanhola como condição para aceitar ser rainha de Portugal.



◀ **Regulamento sobre as eleições para oficiais da comuna de Lisboa (facsimile)**

Reprodução do regulamento da chancelaria de dom Pedro I Lisboa | 1366 | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Regulamento sobre o modo como se deviam processar as eleições para os oficiais da comuna de Lisboa. Esse regulamento, de autoria de dom Pedro I e datado de 1366, demonstra como a comuna judaica se estava a organizar à semelhança do conselho cristão. Com esse dispositivo legal, dom Pedro determinava que a comunidade mais populosa do reino passasse a eleger seus rabis e vereadores. Essa ordenação foi estendida às outras comunidades, deixando os rabis de serem nomeados pelo rei, a título vitalício ou não.

▶ **Megilat Esther (Rolo de Ester)**

Papel e madeira | Coleção Museu Judaico do Rio de Janeiro 25 x 143 x 17 cm

Livro que contém o relato da história de uma comunidade judaica que vivia em Susa, sob o governo de Assuero (Xerxes), rei persa, depois da libertação dos judeus do cativeiro de Babilônia. Ameaçada em sua sobrevivência, foi salva por Ester, a sobrinha do judeu Mardoqueu, que se tornou rainha da Pérsia. O dia aprazado para o extermínio dessa comunidade acabou por ser o da morte de seus inimigos, graças à intervenção de Ester junto ao rei. Esse dia passou a ser celebrado pelo povo judeu com um jejum ou *purim*, designado por *purim* da rainha Ester. Em 9.20-23 desse livro pode ler-se: "Mardoqueu escreveu estes acontecimentos e enviou cartas a todos os judeus de perto e de longe, em todo o império de Xerxes, decretando que, daí em diante, as datas de 14 e 15 de Adar (fevereiro/março) de todos os anos fossem observadas como dias festivos. Foi nesses dias que os judeus se libertaram de seus inimigos. Esse foi o mês em que a tristeza e o luto se converteram em alegria e festa, com banquetes, troca de presentes e ofertas para os pobres. Assim os judeus seguiram as indicações de Mardoqueu, passando a celebrar aquela festa anualmente".





< **Shofar**

Chifre de carneiro | Coleção
Museu Judaico do Rio de
Janeiro | 35 x 15 cm

Instrumento musical, feito de
chifre de carneiro, usado pelos
judeus.

< **Ponta de lança**

Judéia | Século I a.C. | Pedra
Coleção Museu Judaico do Rio
de Janeiro | 18 x 3 cm



> **Frasco da Judeia**

Origem: desconhecida
Ca. 900 a.C.
Terracota
Coleção Museu Judaico do Rio
de Janeiro

> **Ushabti anepigráfico**

Egito | Cerca 500 a.C.
Coleção Museu Judaico do Rio
de Janeiro | 8 x 2,05 cm

> **Garrafa romana**

Judéia | Século I a.C.
Vidro | Coleção Museu Judai-
co do Rio de Janeiro
18 x 6 x 33 cm





< Lápide com candelabro (menorah)

Mértola | Século V | Pedra
Coleção Museu de Mértola,
Câmara Municipal de
Mértola, Beja |
55 x 80 cm (com suporte)

Lápide de pedra com a
representação da menorá ou
candelabro de sete braços.
A lápide, datada do século V,
apresenta-se truncada e se
desconhece se o indivíduo a
quem pertencia era judeu ou
não. Está escrita em latim.
É uma das primeiras repre-
sentações do judaísmo (da
menorá) na Península Ibérica.

> Menorá ou Candelabro de Sete Braços

Tunísia | Século XVIII | Latão
Coleção Museu Judaico do Rio
de Janeiro | 40,5 x 38 cm

O candelabro foi prescrito por
Deus a Moisés (Êxodo, 35,
31). Era feito de ouro e tinha
sete lâmpadas, que deveriam
estar acesas no santuário que
continha a Arca da Aliança.
Encontrava-se no Templo de
Jerusalém, em frente ao altar.
Sua representação no Arco
do Triunfo de Tito lembra que
o constou dos despojos que
os romanos levaram para
Roma quando esse imperador
destruiu o templo, em 70 d.C.
Tornou-se um símbolo da
identidade do povo judeu.





> **História dos Judeus de Flávio Josefo**
1814 | Papel | Coleção Museu Judaico do Rio de Janeiro
35 x 25 x 12 cm

Judeu helenista pró-Roma, Flávio Josefo viveu no século I d.C. e escreveu *As Antiguidades Judaicas* e *A Guerra dos Judeus*. Narrou os acontecimentos políticos de seu tempo, dando um testemunho precioso sobre as facções existentes na Palestina, dominada por Roma, assim como acentuou a esperança messiânica que alguns desses grupos acarinhavam. Referiu em sua obra um testemunho sobre Cristo e o cristianismo nascente, assim como a derrota do povo judeu, a conquista de Jerusalém e a conseqüente destruição do templo pelo imperador Tito.

> **Recibo de Abraão Zacuto (facsimile)**
Recibo de Abraão Zacuto
Reprodução do documento de 1494 | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Documento/recibo com a assinatura em hebraico de Abraão Zacuto, relativo ao pagamento feito por dom João II. Por ele sabemos que esse era astrólogo de dom João II, por cuja função recebia 400 escudos de ouro, em 1494.



< Torá
Papel | Coleção Museu Judaico do Rio de Janeiro
29 x 112 x 40 cm

Torá ou Pentateuco eram os cinco primeiros livros da Bíblia. A Torá era lida na sinagoga, iniciando-se o primeiro livro em março e abril (mês de Nisan), ou seja, no início do calendário judaico. É a lei que rege os judeus e que estava traduzida na Misna Torah.



> Um Judeu
Oficina de Vasco Fernandes
Século XVI
Pintura sobre madeira
Coleção Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa
66,5 x 58 cm

Pintura de um judeu com fisionomia estereotipada de um indivíduo que deve ter feito parte de algum retábulo de Vasco Fernandes, o Grão Vasco, provavelmente com cenas da Paixão de Cristo. Tal como aconteceu depois da expulsão dos judeus de Portugal, em 1496/1497, a representação desse povo era feita à moda levantina, com o turbante à oriental.

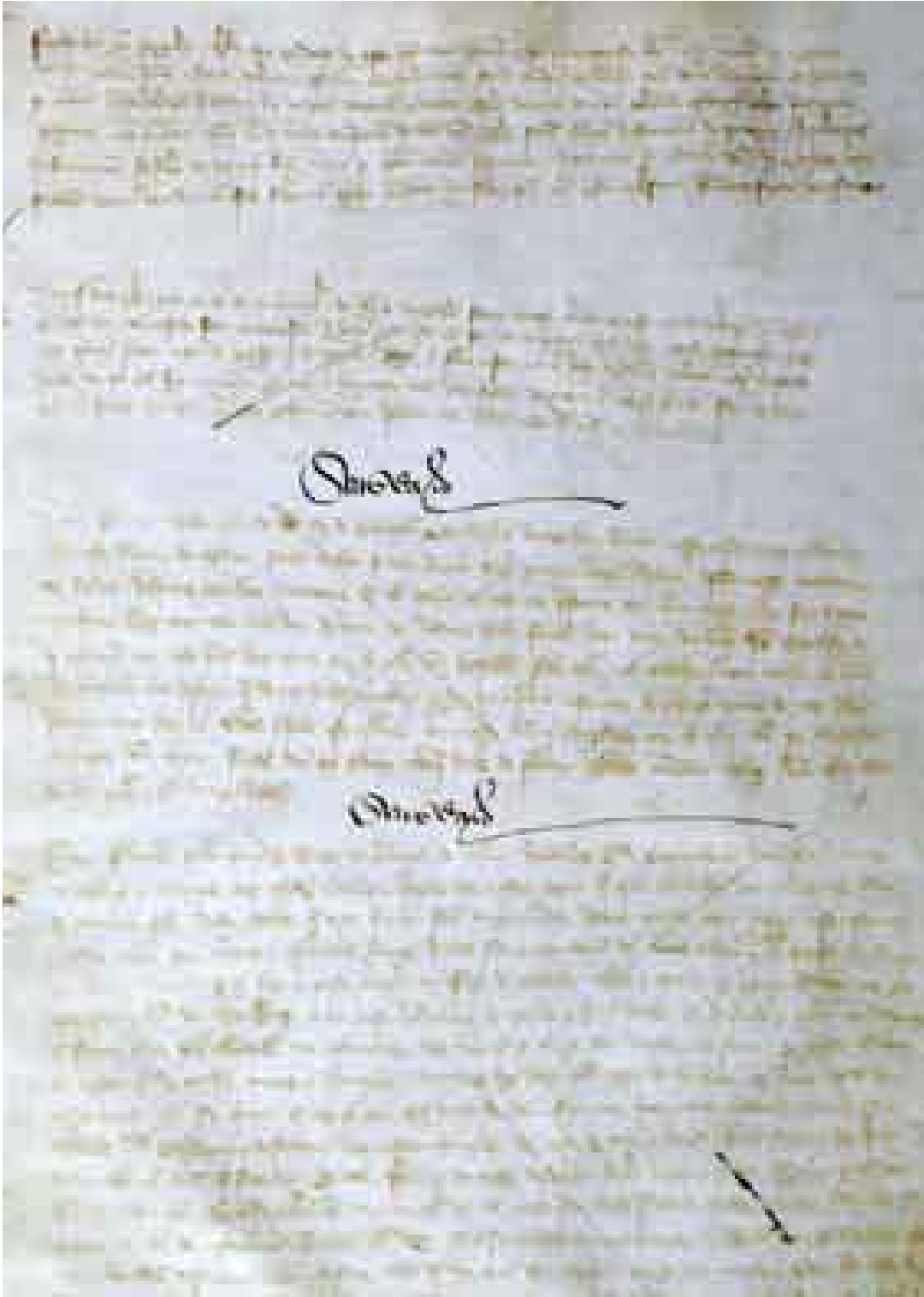




< > **Bíblia de Cervera**
 Reprodução do códice iluminado, de proveniência catalã
 Cervera | Século XIV
 Coleção Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

De rara beleza iconográfica, nesta Bíblia podemos observar a profusão dos dourados e do azul a colorir a estrela de Davi, folhas, flores, aves, além de cenas de assalto e defesa de castelos, o que comprova a aculturação artística por parte dos iluminadores judeus.





< Carta régia autorizando o rabi mor a trazer cadeia e selo
Reprodução da carta na chancelaria de dom Fernando
Lisboa | Século XV
Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Ordenação para que o rabi-mor possa trazer cadeia e selo. À semelhança do que acontecia com o corregedor cristão na corte, dom Fernando permitiu, em complemento da ordenação do arrabiado-mor, que o rabi-mor trouxesse cadeia quando acompanhasse o rei em suas deslocações pelo reino. A ela eram entregues os presos judeus, e não à cadeia da comuna, cabendo a ele a análise e o julgamento da infração ou do crime cometido, sempre que o judeu fosse réu. Igualmente lhe concedeu permissão para usar selo com que autenticar os documentos emanados da chancelaria do arrabiado-mor.

> Ordenação do Arrabiado-mor de Portugal
Reprodução de documento da chancelaria de dom Fernando
Século XIV | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Texto legal mais antigo (último quarto do Trezentos) sobre as funções do rabi-mor como corregedor-mor dos judeus junto ao rei. De autoria de dom Fernando, essa ordenação definia as competências e funções do rabi-mor, quer na corte e em sua relação com o monarca, quer nas comunas, com seus oficiais judeus, os rabis. Por ela, sabemos que o povo judeu se organizava à semelhança do povo cristão, em diversas hierarquias, cada uma com competências e chancelarias próprias, que infelizmente se perderam, até chegar ao soberano, que julgava em última instância. Regia-os o direito talmúdico, tendo a sinagoga como tribunal e os rabis como juízes e cabendo a apelação ao rabi-mor. Sempre que a corte chegava a um conselho e com ela o rabi-mor, a jurisdição da comunidade judaica local cabia a esse. Era ele também que, em nome do rei, convocava as cortes judaicas ou assembleias gerais com os representantes das comunas.



A CONSTRUÇÃO DA VISÃO PLANETÁRIA DO MUNDO: OS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS PORTUGUESES



Jorge Couto Biblioteca Nacional de Portugal, Director

Este texto pretende, muito sinteticamente, apontar os motivos essenciais que tornaram possível que os “rústicos do Ocidente”, ou seja, os portugueses, que no início do século XIV se encontravam confinados ao extremo ocidental da Europa, se transformassem nos pioneiros da exploração do Atlântico sul, aperfeiçoando ou introduzindo inovações decisivas na arte de navegar.

Substituindo o medieval método de rumo e estima, limitado ao hemisfério norte, pelo de navegação astronômico, que lhes permitiu sulcar os oceanos em todas as latitudes, os portugueses conseguiram ultrapassar o Equador e descobrir a ligação entre os Oceanos Atlântico e Índico, considerada inexistente por gerações de eruditos e geógrafos. Puderam assim efectuar reconhecimentos geográficos nos litorais dos continentes africano, asiático e americano, bem como operar a transferência do centro do poder económico, tecnológico e geopolítico europeu do Mediterrâneo para o Atlântico, contribuindo para construir uma visão planetária do mundo e substituindo a tradicional concepção de terra plana pela de globo terrestre.

Os resultados de um século de reconhecimento geográfico (1434-1543) e expansionismo português tiveram consequências do maior alcance para a humanidade, assentando numa associação vencedora que combinou pioneirismo, visão estratégica, capacidade de liderança, espírito de aventura, persistência, inovação técnica (instrumentos náuticos, construção e artilharia naval) e aposta em novos conceitos (método de navegação astronómico, comunicabilidade Atlântico-Índico, rota do Cabo). Os navios portugueses desvendaram todos os oceanos, colocaram em contacto todos os continentes, promoveram em larga escala trocas de produtos intercontinentais, provocaram um enorme intercâmbio de plantas e animais, fomentaram intensas trocas civilizacionais e linguísticas, desencadeando, em suma, a primeira grande vaga de globalização.

< Crônica do descobrimento e conquista de Guiné

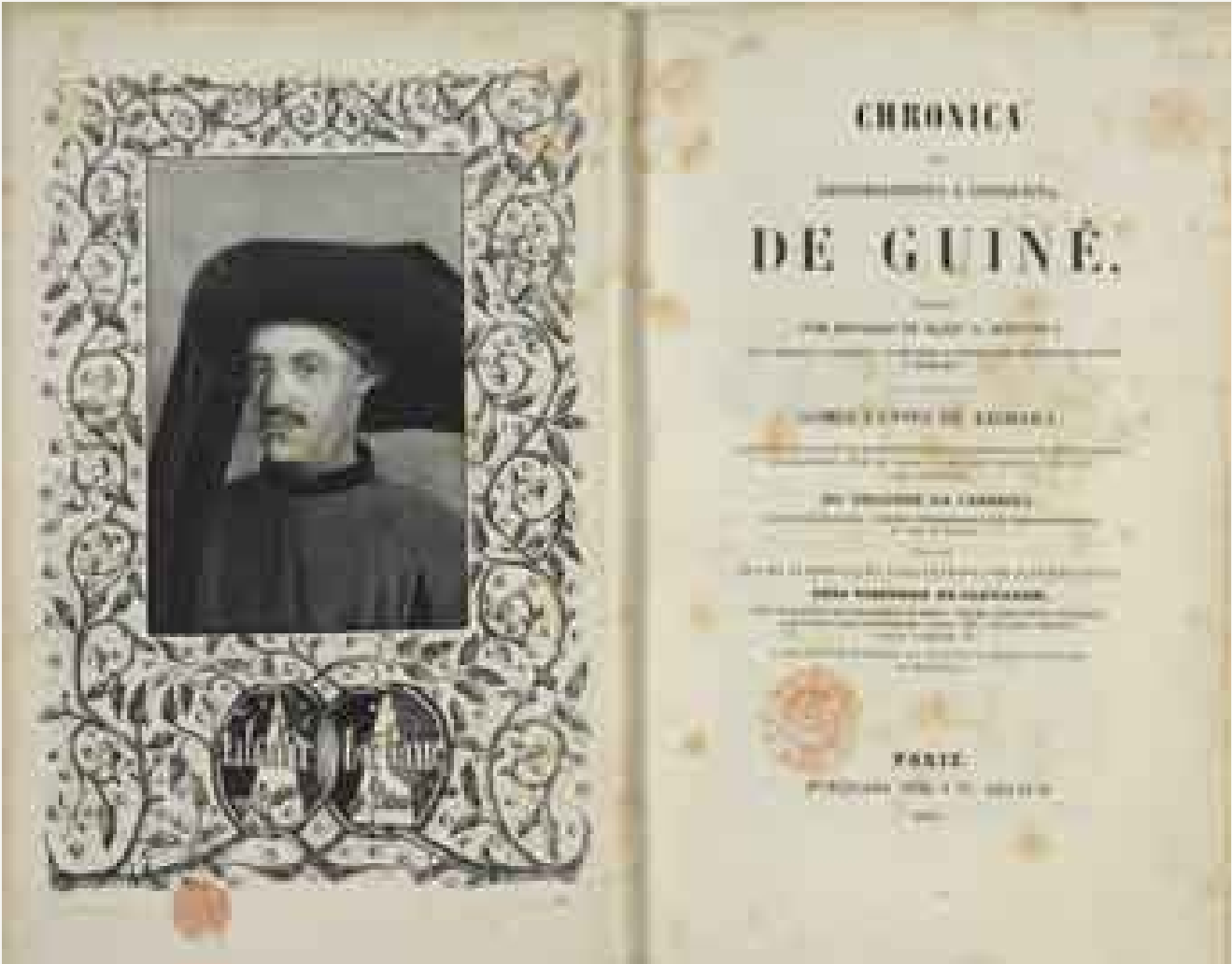
Gomes Eanes Zurara | 1453 | Papel | Coleção Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa | 22 cm

Iluminura com a muito provável representação do infante dom Henrique (1394-1460), inserida na *Crônica de Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara, cronista-mor do reino, concluída em 1453, cujo original se encontra na Biblioteca Nacional de França. Essa obra foi elaborada no reinado de dom Afonso V (1438-1481). Em seu capítulo VII, são enumeradas as cinco razões que teriam levado o infante dom Henrique a iniciar o reconhecimento da costa ocidental de África e persistir nele com denodo, apesar dos reveses que conheceu durante 12 anos. A obra fornece importantes informações sobre os primórdios das navegações portuguesas (de 1422 a 1448), as frustradas tentativas de conquista das Ilhas Canárias (1424), entre outras, bem como o início do povoamento dos arquipélagos da Madeira (1425) e dos Açores (1439). A *Crônica* somente foi publicada no século XIX, tendo sido fielmente transcrita do manuscrito original, precedida de uma introdução do editor, o segundo visconde de Santarém. Editada em 1841, em Paris, na casa impressora J.P. Aillaud, o presente exemplar pertence à coleção da Biblioteca Nacional de Portugal.

> Carta Marítima

Reprodução do *Atlas* do visconde de Santarém | Arquivos de Lucerna | Séculos XIV/XV | Coleção Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Esse mapa marítimo de fins do século XIV ou inícios do século XV enquadra-se no tipo de cartas-portulano que surgiram na Europa a partir da segunda metade do século XIII, em consequência do desenvolvimento do método de rumo e estima permitido pela introdução na navegação mediterrânica da agulha de marear (bússola). Completamente diferentes dos mapas tradicionais e esquemáticos que se desenharam em épocas anteriores, essas cartas marítimas representavam, com bastante correção, a bacia mediterrânica, as costas europeias do Atlântico até ao norte da França, as Ilhas Britânicas e também o Mar Negro. Nesse exemplar, cujo original se encontra nos Arquivos de Lucerna, na Suíça, além dos litorais europeus do Atlântico e da bacia mediterrânica, encontram-se representadas as Ilhas da Madeira e de Porto Santo e, mais para sul e próximo da costa africana, o Arquipélago das Canárias. As referências à costa ocidental africana são escassas e limitam-se à região junto às ilhas canárias. A carta contém, como era tradicional na época, uma imagem de Nossa Senhora em pleno Oceano Atlântico e, no Oriente, a cidade de Jerusalém colocada em grande destaque. Essa carta marítima anônima encontra-se reproduzida no *Atlas* do visconde de Santarém, publicado em Paris, em 1849.





> Crônica de D. João I. Primeira Parte
Reprodução da iluminura de Fernão Lopes | 1434/1443
Papel | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Iluminura representativa da cidade de Lisboa, incluída na primeira parte da *Crônica de Dom João I* (1385-1433), de autoria de Fernão Lopes, redigida entre 1434 e 1443, por incumbência do infante dom Duarte: "Isso mesmo os grandes feitos e altos do mui virtuoso e de grandes virtudes El-Rei meu senhor e padre". A encomenda do então herdeiro do trono, futuro rei Duarte I (1433-1438), revelou-se uma tarefa difícil, pelas preocupações de veracidade que norteavam o autor, uma vez que "mentira em este volume é muito afastada de nossa vontade". O cronista-mor de Portugal escreveu, em ordem cronológica, as crônicas dos dois últimos reis da dinastia de Borgonha, dom Pedro I (1357-1367) e dom Fernando I (1367-1383), respectivamente, pai e irmão de dom João I, e só depois a do fundador da dinastia de Avis, empreendimento que não chegou a concluir: "Assim pela grandeza da obra [...] como pelos avisamentos delo serem caros e maus de apanhar, e isso porque a dita história foi começada tão tarde que muitas das pessoas que verdadeiramente sabiam eram já partidas deste mundo". A terceira e última parte da obra, intitulada genericamente *Crônica da Tomada de Ceuta*, foi da lavra de seu sucessor, Gomes Eanes de Zurara.

Na *Crônica de Dom João I* é evidente a capacidade descritiva de Fernão Lopes, principalmente quando evoca os movimentos populares ou personaliza uma urbe como a capital do reino, Lisboa.





< **Typus orbis terrarum**

Desenho do mapa publicado na edição latina de *Theatrum Orbis Terrarum* | 1574 ou 1575 | Abraham Ortelius | Papel
Coleção Biblioteca Nacional Portuguesa, Lisboa

A obra *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius [1527-1598], foi publicada em 1570, em Antuérpia. Depois de exercer por vários anos o mister de ilustrador, ele decidiu começar a desenhar mapas e passou a publicar, por conta própria, entre 1564 e 1570, coletâneas encadernadas de representações cartográficas, em várias folhas, acompanhadas de descrições de cidades, países e regiões.

Essa coletânea marca o início da cartografia moderna, pois reúne, pela primeira vez, todos os elementos dos atlas modernos com uma estrutura coerente e homogênea. Na edição de 1570, das 70 cartas publicadas, 56 diziam respeito à Europa, seis à Ásia e três à África. O mapa de Portugal surgiu na oitava posição, decalcado da obra, datada de 1560, de Fernando Álvares Seco, que foi o autor do primeiro mapa impresso do reino lusitano.

Num dos mapas incluídos no atlas do cosmógrafo flamengo aparece o desenho de uma “caravela de descobrir”, do tipo utilizado pelos navegadores portugueses. Essa ilustração é reveladora da repercussão que esse tipo de navio alcançou na Europa quatrocentista e quinhentista, devido ao papel decisivo que desempenhou na exploração oceânica e no reconhecimento dos litorais de diversos continentes.

O *Theatrum Orbis Terrarum* obteve um grande êxito em sua época, tendo conhecido, até 1612, um total de 41 edições em diversas línguas. Em Portugal, foi traduzido com o título de *Teatro do Mundo*.



> **Atlas Catalão**

Reprodução fac-similada do original de 1375, conservado na Biblioteca Nacional de França | 1989
Abraão Cresques | Papel | Coleção Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

O *Atlas* catalão é um mapa-múndi manuscrito, elaborado em 1375 pelo cartógrafo maiorquino de ascendência judaica, Abraão Cresques (?-1387). Foi um dos maiores mestres cartógrafos medievais, que recebeu do rei de Aragão o título de Mestre dos Compassos e dos Mapas. Para elaborar essa obra-prima, Cresques consultou diversas cartas-portulano (mapas marítimos) e relatos de viagem como, por exemplo, o de Marco Polo.

No *Atlas*, Jerusalém surge, conforme era hábito na cristandade da época, como centro do mundo. A obra abarca os conhecimentos geográficos da Europa de seu tempo, contrastando o rigor dos contornos do continente europeu e do norte de África, em especial das margens mediterrânicas, com a imprecisão acentuada dos litorais dos restantes continentes.

Deparamo-nos com pormenores de África e do Oriente, como um junco, uma representação de pesca de pérolas, reis e cenas lendárias correspondendo a notícias que circulavam na Europa, no fim da época medieval, sobre esses lugares distantes e misteriosos. Numa dessas reproduções surge a Guiné entre o cameleiro árabe e um rei africano.

A obra foi incluída no *Atlas* publicado pelo segundo visconde de Santarém (1791-1856), em 1849, em Paris.

< **Atlas Catalão**

Reprodução fac-similada do original de 1375, conservado na Biblioteca Nacional de França | 1989
Abraão Cresques | Papel | Coleção Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

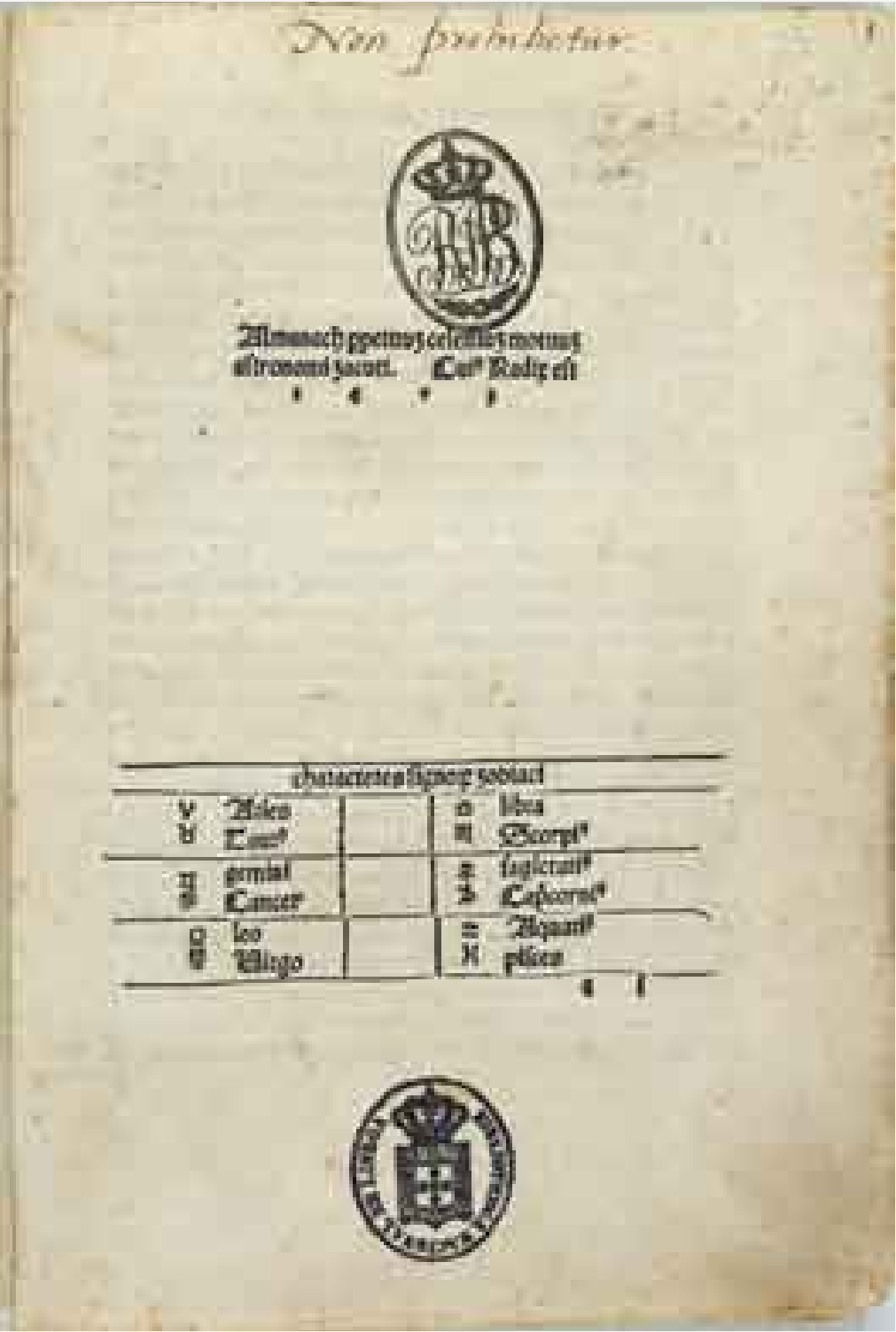
O *Atlas catalão* é um mapa-múndi manuscrito, elaborado em 1375 pelo cartógrafo maiorquino de ascendência judaica, Abraão Cresques (?-1387). Foi um dos maiores mestres cartógrafos medievais, que recebeu do rei de Aragão o título de Mestre dos Compassos e dos Mapas. Para elaborar essa obra-prima, Cresques consultou diversas cartas-portulano (mapas marítimos) e relatos de viagem como, por exemplo, o de Marco Polo.



> **Almanach Perpetuum**

Reprodução fac-similada do exemplar da Biblioteca Nacional de Madri
Edição da Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1986
1496 | Abraão Zacuto | Papel
Coleção Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa
22 x 15,5 cm

O rabi Abraham ben rabi Schemuel (c. 1452-c. 1522), mais conhecido por Abraão Zacuto, foi para Portugal em 1493, depois da expulsão dos judeus de Espanha, no ano anterior, pelos Reis Católicos. Uma de suas obras, o *Almanach Perpetuum Celestium Motuum*, constituiu a base para os cálculos das tábuas de declinação solar utilizadas por Vasco da Gama, em 1497, na viagem que descobriu o caminho marítimo para a Índia. A edição dessa obra foi preparada por um de seus discípulos, mestre José Vizinho, também judeu, que foi um dos principais técnicos e conselheiros de dom João II (1481-1495) para os assuntos relativos à astronomia dos descobrimentos, que a traduziu do hebraico para o latim e o castelhano. O *Almanach Perpetuum*, que continha as tábuas quadri-nais de declinação solar para o período de 1493-1496, foi impresso em Leiria, a 25 de fevereiro de 1496, sendo o último livro a sair dos prelos de uma tipografia judaica em Portugal, no século XV, antes de seu encerramento compulsivo, e o único livro profano e com caracteres góticos a ser impresso em prelos hebraicos lusitanos. A colaboração de Abraão Zacuto para a arte de navegar foi relevante e teve uma intervenção de grande alcance na elaboração do chamado regimento da altura do sol ao meio-dia. Alguns autores lhe atribuem a invenção do astrolábio.





< **Livro dos copos**
Reprodução | 1484
Papel | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

A iluminura, com um retrato muito singelo de um homem coroadado, que tem sido atribuída ao rei dom João II (1481-1495), encontra-se num dos fólhos de um volume vulgarmente conhecido por *Livro dos Copos*. A figura apóia-se nas armas da casa real portuguesa, posteriores à reforma determinada, em 1485, por esse monarca. Esse livro contém a transcrição de registro de cópias de documentos da Ordem de Cavalaria de Santiago. Sua feitura foi ordenada, precisamente, pelo referido soberano, em 1484, e ali se podem encontrar bulas, letras apostólicas, privilégios, doações, entre outros documentos da época. Esse objetivo aparece referido na *História da Ordem de Santiago*, redigida por frei Jerónimo Román, e insere-se na política de afirmação do poder real por parte do rei. Dom João II desempenhou um papel central nos descobrimentos portugueses, conferindo-lhes um impulso fundamental, definindo e dirigindo pessoalmente uma estratégia de âmbito mundial que contribuiu decisivamente para a transformação de Portugal, em sua época, na mais importante e avançada potência naval do mundo. Detentor de uma apurada visão geopolítica, conseguiu defender, em condições difíceis, os interesses estratégicos de seu reino. Sua total dedicação à defesa dos de Portugal, a visão política de longo alcance e sua consumada habilidade política valeram-lhe o cognome de Príncipe Perfeito.

> **Tratado de Tordesilhas**
Reprodução | 1494
Pergaminho
Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa
33 x 25 cm

O *Tratado de Tordesilhas* foi assinado em 7 de junho de 1494, entre representantes, por um lado, do rei de Portugal, e, por outro, dos reis de Castela e Aragão, constituindo um marco na história das relações diplomáticas entre Portugal e a Espanha. O acordo pôs fim a dois anos de intensas disputas e negociações, decorrentes da descoberta de algumas das Antilhas (1492) na primeira viagem de Cristóvão Colombo. Trata-se de um documento de grande significado histórico – que revogou o Tratado de Alcáçovas (1479) –, uma vez que, pela primeira vez, duas potências procederam à divisão de áreas de influência sobre regiões então desconhecidas, fato que viria a ter consequências em nível mundial. Esse documento demarcava as zonas de soberania das duas partes no Oceano Atlântico, estabelecendo uma linha de pólo a pólo, fixada 370 léguas a ocidente do Arquipélago de Cabo Verde. Todas as ilhas e terra firme, achadas ou por achar, que fossem encontradas a oriente desse meridiano pertenceriam para sempre ao reino de Portugal, e as situadas a ocidente, ao reino de Castela. No conjunto dos oito fólhos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, estão incluídos os poderes conferidos pelos Reis Católicos a seus embaixadores plenipotenciários que os representaram em Tordesilhas, bem como respectiva ratificação por Isabel de Castela e Fernando de Aragão. A versão portuguesa do tratado, ratificada por dom João II, em Setúbal, em 5 de setembro de 1494, encontra-se no Arquivo Geral das Índias, em Sevilha. As duas versões do tratado foram, em 2007, classificadas como “patrimônio da memória mundial” pela Unesco.





< **Crônica de Dom Afonso Henriques**
Reprodução | Cerca de 1520
Duarte Galvão | Pergaminho
Coleção Museu Conde de Castro Guimarães, Cascais
41 x 29,5 cm

A iluminura, atribuída a Antônio de Holanda, incluída na *Crônica de Dom Afonso Henriques* (1139-1185), primeiro rei de Portugal, redigida por Duarte Galvão no começo do século XVI, apresenta uma das mais antigas e belas vistas de Lisboa. Nessa imagem da cidade, dominada pelo Castelo de São Jorge, é patente a importância do palácio real, o Paço da Ribeira, à esquerda, visto do Rio Tejo, e os navios que aparecem em primeiro plano. Nesse palácio, mandado construir por dom Manuel I (1495-1521), para onde se mudou em 1505, deixando a antiga morada real, o Castelo de São Jorge, o monarca controlava o poder político e econômico que dependia do comércio marítimo. No piso térreo do paço real funcionavam os escritórios e armazéns da Casa da Índia e da Mina, onde se realizavam as principais transações financeiras e comerciais entre as feitorias ultramarinas e as praças comerciais de toda a Europa. Nas imediações desses edifícios situava-se a Ribeira das Naus, onde se construía os navios destinados às armadas e frotas portuguesas. O porto de Lisboa era, na época, freqüentado por embarcações de todas as potências marítimas que alimentavam a intensa atividade da cidade, ligando-a ao resto da Europa e aos outros continentes de onde eram originárias as mercadorias exóticas.

> **Retrato de Vasco da Gama**
Século XVI | Óleo sobre tela
Coleção Sociedade de Geografia, Lisboa
71 x 56 x 5,5 cm

Vasco da Gama (1468-1524), fidalgo da Casa Real, serviu o rei dom João II (1481-1495) em operações navais nas costas de Portugal e Marrocos. Foi formalmente nomeado por dom Manuel I (1495-1521) para capitanear a armada que tinha por missão descobrir o caminho marítimo para a Índia. A expedição, constituída de quatro navios, zarpou do Tejo em 8 de julho de 1497. A longa viagem incluiu uma "volta pelo largo" no Atlântico – que obrigou a um percurso de três meses em mar alto, sem nunca avistar terra –, destinada a contornar tanto os ventos contrários quanto as calmarias equatoriais. Em 22 de agosto, um dos membros da tripulação registrou, quando se encontravam ao largo da atual costa nordestina do Brasil, a observação do voo de aves em direção ao ocidente. No fim do ano, a expedição alcançou o Cabo da Boa Esperança e iniciou uma viagem de reconhecimento ao longo da costa oriental de África, onde deparou com diversas situações de hostilidade. Em Melinde, o rei concedeu aos portugueses acolhimento favorável, tendo-lhes fornecido um piloto que os conduziu diretamente a seu destino, a cidade de Calecute, onde a armada aportou em 20 de maio de 1498. O capitão-mor foi recebido pelo soberano local, o samorim ("senhor do mar"), a quem entregou uma missiva em que o rei de Portugal propunha a celebração de uma aliança com vertentes política, comercial e religiosa. A viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia permitiu o estabelecimento, pela primeira vez, de relações marítimas diretas entre a Europa e a Ásia, dando ensejo ao início do primeiro processo de globalização. Como recompensa pelos serviços prestados, Vasco da Gama, além do direito ao tratamento de dom, foi nomeado almirante da Índia, benesses extensíveis a seus descendentes. O monarca atribuiu-lhe, ainda, o título de conde da Vidigueira, local onde se encontrava esse retrato. Vasco da Gama regressou à Índia mais duas vezes, a última das quais na qualidade de vice-rei. Ali faleceu.





< Estoque alemão
Século XV/XVI | Bronze e aço
Coleção Museu Militar, Lisboa
115 x 3,2 (lâmina) cm

A espada era a arma exclusiva dos cavaleiros medievais e foi, ao longo dos séculos, a arma dos nobres. Na transição do século XII para o XIII, a espada foi sofrendo modificações, a guarda começou a curvar-se na direção da lâmina, isto é, para baixo, e passou a ser mais estreita, comprida e pontiaguda. O punho, por vezes, era mais comprido, tornando-a, então, uma arma de corte e de estoque. Os cavaleiros utilizavam esses dois modelos de espada segundo o tipo de combate. A espada de corte, mais pesada e comprida, era suspensa na sela e utilizada no caso de combate em que o cavaleiro se mantinha montado. A espada de estoque, por sua vez, mais leve e ligeira, era colocada no cinturão para o caso de o guerreiro ter de combater no solo. O termo "estoque" [derivado do alemão *stock*, bastão] é atribuído a esse instrumento bélico por se assemelhar a um bastão. A arma branca exposta era uma espada de estoque, também denominada "mão-e-meia", pois podia ser utilizada com uma ou as duas mãos. Esse tipo de espada resultou de uma modificação na espada de uma mão, muitas vezes denominada também "espada bastarda", maior e mais pesada, que conferia golpes mais violentos. Tem um punção que indica ter a lâmina sido fabricada por Johann Wender, célebre espadeiro alemão de fins do século XV e inícios do XVI.

> Elmo de Justa, atribuído a D. João II
Mosteiro da Batalha
Século XV | Ferro forjado com vestígios de prata
Coleção Museu Militar, Lisboa
40 x 32 cm

O elmo começou a ser utilizado pelos cavaleiros medievais em fins do século XII. Era um casco grande e muito pesado, quase sempre cilíndrico, que os guerreiros usavam pendurado, envergando-o apenas para combate. Um século mais tarde, as possibilidades técnicas da soldadura e da armaria em geral permitiram melhorar essa peça, tornando-a mais leve. Esse elmo é do tipo "boca-de-sapo", também denominado elmo funerário, forjado em duas peças. A peça dianteira sobrepõe-se à outra e corresponde à guarda do rosto e do pescoço, e a peça traseira garante a defesa da nuca. A visão é proporcionada por uma estreita fenda longitudinal, lembrando uma cabeça de pássaro. Surgiu em resultado das inovações introduzidas no equipamento para as "justas de paz", que eram jogos em que as preocupações com o armamento visavam mais à segurança do que à mobilidade. Nas justas, as exigências de visão eram muito menores do que na guerra e a duração dos "encontros" não ultrapassava uns escassos minutos. É em virtude da curta duração que um elmo desse tipo, com 6,5 quilos de peso e quase todo fechado, era suportável na atividade. A peça exposta provém do Mosteiro da Batalha, deve ter pertencido ao monarca dom João II e foi provavelmente retirada de seu túmulo durante a trasladação de seus restos mortais para a Capela do Fundador. Essa hipótese é admissível a partir da descrição do funeral do Príncipe Perfeito elaborada por Garcia de Resende, informando que o corpo foi exumado acompanhado de sua "bandeira das armas reais, e o escudo, e elmo, com que o santo rei justou em Évora nas festas que fez ao casamento do príncipe seu filho (1490), e a cota de armas, e lança, e espada com que pelejou na Batalha de Toro (1476) sendo príncipe...".



< **Livro das Traças de Carpintaria**
Reprodução do manuscrito da Coleção Biblioteca da Ajuda, Palácio da Ajuda, Lisboa | 1616
Manuel Fernandes | Papel e couro | Coleção Conceição Amaral, Lisboa | 47 x 38 x 5 cm

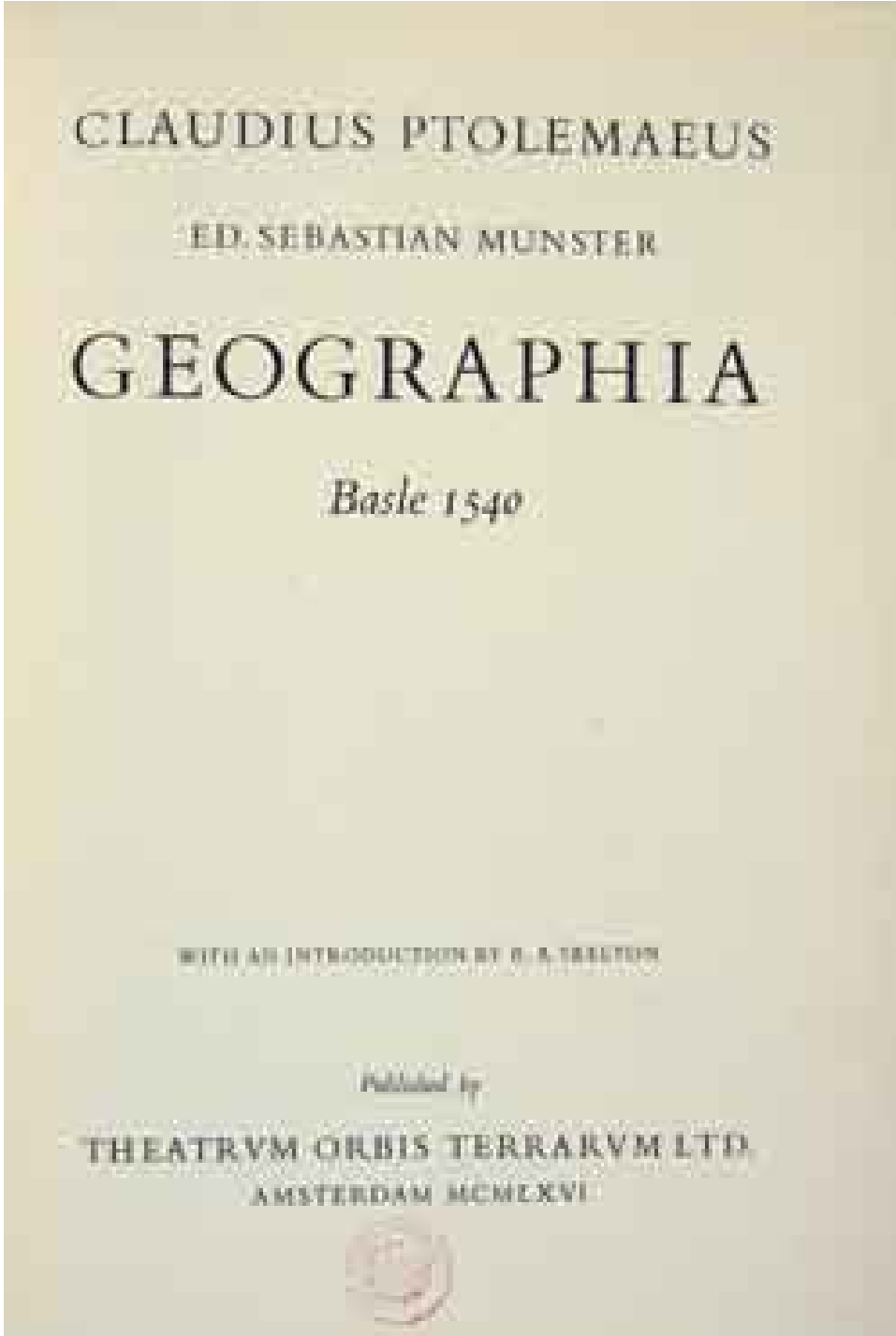
O *Livro das Traças de Carpintaria* é, do ponto de vista iconográfico, o mais notável de todos os textos portugueses de construção naval dos séculos XVI e XVII que sobreviveram às contingências do tempo. Esse tratado contém mais de duas centenas e meia de desenhos técnicos, parte dos quais de grande dimensão, que representam todos os tipos de navios construídos pelos portugueses no início do século XVII (sobretudo caravelas, naus e galeões), instrumentos e apetrechos auxiliares da arte da navegação. Quanto a seu autor, Manuel Fernandes, sabe-se que era um reputado mestre de seu ofício no início do Seiscentos, membro de um prestigiado e influente grupo profissional cujos privilégios e estatuto lhe permitiam dispor de um lugar proeminente nos estaleiros da Ribeira das Naus e na sociedade da época. Seu retrato encontra-se na segunda folha de sua obra-prima, com a seguinte inscrição [adaptada]: “*Livro de Traças de Carpintaria com todos os modelos e medidas para se fazer toda a navegação, assim de alto bordo como de remo, traçado por Manuel Fernandes, oficial do mesmo ofício*”. Contém, ainda, menção explícita à data de conclusão da obra (1616). As contribuições técnicas e teóricas dos portugueses para o progresso da arte de marinharia nos séculos XV e XVI revestiram-se da maior relevância, designadamente na área da construção naval. Nessa obra, o tipo de navio representado é “o modelo de um galeão de 300 toneladas tirado por sua medida e conta, como se achará no regimento”.



> **Maquete de Caravela**
Fim do século XV | Madeira e pano | Coleção Secretaria Geral do Ministério da Cultura, Lisboa | 85 x 25 x 83 cm

A caravela foi o tipo de navio mais utilizado nas viagens de exploração oceânica e de reconhecimento geográfico pelos portugueses na era dos descobrimentos. Trata-se de uma embarcação veloz, de fácil manobra, de proporções modestas, entre os 40 e 80 tonéis de arqueação (caso fosse dotada de duas ou três velas) e com cerca de 14 metros de quilha. Em caso de necessidade, podia ser movida a remos, o que lhe permitia aventurar-se em águas menos profundas. As de maior dimensão encontravam-se dotadas de uma coberta e um pequeno castelo à popa e armavam pano latino em dois ou três mastros. Suas velas latinas, triangulares, permitiam-lhe bolinar, isto é, navegar em ziguezague, ultrapassando ventos contrários. A referência mais antiga que se conhece a esse tipo de navio, em documentos portugueses, remonta ao foral concedido pelo rei Afonso III (1248 -1279) a Vila Nova de Gaia (1255), mas as caravelas latinas de dois e três mastros, como as que foram utilizadas nos descobrimentos no Atlântico, não apareceram senão no início da década de 40 do século XV. No século XVI, começou-se a utilizar a caravela redonda ou de armada, com dois ou três mastros armando pano latino e um mastro com aparelho redondo. O primeiro desenho técnico conhecido de uma caravela redonda aparece no *Livro das Traças de Carpintaria*, de mestre Manuel Fernandes, datado de 1616.





< Geografia

Reprodução da edição de Sebastian Munster | 1540
Papel | Coleção Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

A célebre *Cosmografia* de Ptolomeu, posteriormente designada por *Geografia*, só foi conhecida na Europa ocidental no primeiro quartel do século XV, depois de os manuscritos gregos de Cláudio Ptolomeu, geógrafo alexandrino do início da era cristã (c. 90-168), terem sido descobertos em Bizâncio. Traduzida do grego para o latim por volta de 1460, essa obra teve uma enorme divulgação, primeiramente em manuscrito e depois através de sete edições impressas entre 1476 e 1490.

A edição publicada em Ulme é um belo exemplar, com as tábuas coloridas, mas reflete ainda as concepções geográficas tradicionais que vigoraram durante séculos. Em fins do século XV, a edição da obra ptolomaica foi interrompida quando os editores se deram conta de que os descobrimentos portugueses tornavam a obra profundamente desatualizada dos novos conhecimentos e colocavam em evidência a inutilidade da maioria das tábuas. Os navegadores portugueses demoliram em algumas décadas as concepções de gerações de cosmógrafos e geógrafos, largamente difundidas por iluminadores e tipógrafos. Os editores da obra viram-se forçados a proceder a uma atualização das tábuas, atualizando a configuração do litoral ocidental do continente africano e pondo em causa uma das teorias básicas de Ptolomeu – a da inexistência de comunicação entre os Oceanos Atlântico e Índico –, que ruuiu estrondosamente com os resultados da expedição de Bartolomeu Dias, em 1488, na qual foi descoberta a famosa passagem de sueste, ou seja, a comunicabilidade entre os dois oceanos, abrindo, desse modo, o caminho marítimo para a Índia.

Em 1507, a impressão foi retomada, contendo já as *tabulae novae*, em consequência dos resultados obtidos pelas viagens de exploração empreendidas pelos navios portugueses.

> Livro das Armadas

Reprodução do códice anônimo | 1568 | Papel | Coleção Academia das Ciências, Lisboa | 41,7 x 27,5 cm

A armada de Pedro Álvares Cabral (1467?-1520?), representada nesse *Livro das Armadas*, era composta de 12 embarcações, embora, de acordo com o testemunho mais importante da época – a *Carta do Achamento*, de Pêro Vaz de Caminha –, fosse constituída por 13 navios, sendo nove naus, três caravelas e uma naveta de mantimentos.

Tratava-se da mais poderosa armada que jamais havia sulcado o Atlântico sul, contando com cerca de 1.500 homens, entre tripulantes, gente de guerra, religiosos, agentes comerciais e intérpretes.

A missão prioritária da armada consistia em impor o domínio naval português no Índico, destinado, nomeadamente, a assegurar o controle luso sobre o comércio das especiarias e a difundir a fé cristã.

No decurso da viagem, num desvio ainda hoje objeto de polémica, a frota avistou sinais de terra, rumou para Ocidente e, em 22 de abril de 1500, avistou o Monte Pascoal, episódio que deu origem à célebre Semana de Vera Cruz e aos primeiros contatos entre portugueses e ameríndios, que foram descritos por diversas testemunhas, mas de que apenas restam três textos. Assim se verificou na consagrada expressão de Capistrano de Abreu, o “descobrimento sociológico do Brasil”.

O presente códice, cuja designação formal é *Memória das Armadas*, contém a iconografia dos navios que constituíram as armadas que fizeram a viagem para a Índia entre 1497 e 1566. Tanto esse códice quanto o *Livro das Armadas*, de Lizuarte de Abreu (Pierpont Morgan Library, Nova York), apresentam as embarcações de modo figurativo, complementadas com informações que vão desde a referência ao capitão-mor até à identificação dos respectivos capitães, incluindo as que naufragaram ao longo das viagens.





< Instrumentos Náuticos:
prumos
Instrumentos Náuticos:
Prumos
Século XVII | Coleção Espaço Cultural da Marinha, Ministério da Marinha, Rio de Janeiro
52 x 5,4 cm

Entre os instrumentos de navegação mais antigos contam-se as sondas, instrumentos destinados a obter a profundidade nos sítios por onde navega a embarcação. As primeiras sondas eram simples varas, paus ou pedras atados a uma linha, que permitiam medir a altura da água por baixo de um barco. Textos da antiguidade clássica referem sondagens com esse método, o que pressupõe a utilização regular desse tipo de instrumento já naquela época. O historiador grego Heródoto cita a utilização de uma sonda ou sondador no século V a.C., quando se aproximava da entrada do Rio Nilo. Ao longo dos séculos esse instrumento continuou a ser utilizado, adquirindo várias formas. Uma é o prumo de mão, constituído por um cone alongado de chumbo, redondo, quadrado ou oitavado, de 3 a 5 quilos de peso e com uma alça no vértice superior onde se fixa a linha de prumo ou sondareza. Na base, uma cavidade é enchida com sebo para trazer amostras do fundo do rio ou do mar de modo a dar a conhecer sua natureza (lareia, rocha, lodo etc.). No século XVI utilizava-se uma sonda formada por uma esfera de cortiça unida a um anel lastrado com chumbo. Quando o anel tocava no fundo, a esfera desprendia-se e pelo tempo de emersão calculava-se a profundidade. Foram utilizados chumbos de até 6 quilos nos prumos de mão e de 10 a 20 quilos nas sondarezas. Nas viagens dos portugueses, os marinheiros dispunham de cartas de marear, quadrantes, astrolábios de diversas dimensões, regimentos e tábuas de declinação solar, agulhas de marear (bússolas) e prumos.

> Astrolábio «Agostinho de Goes»
Naufrágio da nau Sacramento, próximo da Bahia de Todos os Santos | 1648
Coleção Comando da Marinha, Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro

O astrolábio, cuja origem remonta à Grécia antiga, sendo atribuída sua invenção a Hiparco, criador da astronomia e da trigonometria, é um instrumento para medir a altura dos astros acima do horizonte. Ptolomeu, no século II d.C., designou por astrolábio a esfera armilar que os árabes combinaram com o globo celeste e aperfeiçoaram, criando o astrolábio esférico. Foi por essa via introduzido na Península Ibérica e no resto da Europa, sendo um instrumento de uso comum em astrologia e astronomia na época medieval. Quando os portugueses efetuaram, no século XV, as experiências que conduziram à concepção do modelo de navegação astronômico – vulgarmente designado por “pesar o sol ao meio-dia” – aperceberam-se da importância vital desse instrumento. O astrolábio náutico deriva de seu congêneres planisférico, um instrumento com séculos de existência, muito utilizado pelos cosmógrafos e astrólogos. É mais resistente, robusto, com peso e forma adequados para operar a bordo dos navios. Compõe-se de duas partes: a roda e a medclina, segundo a nomenclatura usada por dom João de Castro, no *Roteiro de Lisboa a Goa* (1538). A roda é um círculo, com os quadrantes graduados de 0 a 90 graus, munido de um anel de suspensão do instrumento. A medclina é uma alidade móvel em volta do centro do círculo, tendo junto das extremidades duas pínulas furadas; as pontas afiadas da medclina deslizam sobre o limbo graduado para marcar a altura do sol ou sua distância zenital, encontrando-se o zero da graduação situado sobre o diâmetro horizontal ou sobre o diâmetro vertical do astrolábio suspenso. Com nomes próprios que lhes advêm dos navios ou dos locais onde são encontrados ou, ainda, de seus construtores, os astrolábios, na maioria produzidos em Portugal, foram instrumentos marcantes da época da navegação astronômica. O astrolábio náutico exposto, denominado *Agostinho de Goes*, foi confeccionado em Portugal, em 1648, por Agostinho de Góis Raposo, e recuperado em 1976, com outros despojos da nau Sacramento, que naufragou próximo da Bahia de Todos os Santos a 5 de maio de 1666.





< **Leitura Nova – “Inquirições da Beira e Além-Douro”**
Reprodução de iluminura
1552 | Papel
Coleção Arquivo Nacional
Torre do Tombo, Lisboa

Esse volume da coletânea documental vulgarmente conhecida por *Leitura Nova* constitui um dos mais notáveis livros portugueses ilustrados, no qual se podem apreciar magníficas iluminuras que refletem numerosos aspectos da vida cotidiana do Portugal do Quinhentos, nomeadamente as presentes, que têm por objeto instrumentos náuticos da maior importância – como o quadrante, a balestilha e o compasso – utilizados pelos navegadores portugueses e que se encontram incluídas no terceiro livro das “Inquirições da Beira e Além-Douro”. O quadrante é um instrumento utilizado para determinar a altura dos astros e de objetos terrestres, cuja origem remonta à antiguidade clássica. Muito utilizado durante a época medieval, aparece descrito em várias obras, nomeadamente nos *Libros del Saber de Astronomia*, do século XIII. O compasso utilizado na arte náutica é denominado compasso de cartear, tendo-se revelado um instrumento imprescindível para a navegação desde o momento em que a difusão da agulha de marear (bússola) e da carta-portulano permitiram navegar pelo método de rumo e estima, a partir do século XIII/XIV. Iniciada por Rui de Pina por ordem de dom Manuel I (1494-1521), a feitura dos códices da *Leitura Nova* patenteia os valores estéticos da época, já que os frontispícios decorados entre 1504 e 1552 são obras-primas da iluminura em Portugal. Nesses trabalhos colaboraram, entre outros artistas, António de Holanda, Álvaro Pires e António Fernandes. Esse trabalho prosseguiu na quase totalidade do reinado seguinte, ou seja, o de dom João III (1521-1557).

> **Leitura Nova**
Reprodução do códice
Século XVI | Papel
Coleção Arquivo Nacional
Torre do Tombo, Lisboa

Os códices vulgarmente designados por *Leitura Nova* constituem obras-primas e tesouros do renascimento português. Foram mandados executar pelo rei dom Manuel I (1495-1521) como compilação, com leitura atualizada, dos antigos documentos oficiais relevantes que se encontravam arquivados na Torre do Tombo. Essa coletânea documental é constituída por livros de grandes dimensões de cuja decoração participaram iluminadores e pintores do maior renome em seu tempo, como, por exemplo, António de Holanda, Álvaro Pires e António Godinho. Do conjunto de 61 volumes, 43 contêm frontispícios ricamente iluminados em toda a dimensão da folha. Num dos pergaminhos surge a caravela latina, navio utilizado, preferencialmente, pelos portugueses nas viagens de reconhecimento da costa ocidental africana e dos oceanos, sobretudo do Atlântico. Os materiais utilizados em sua construção eram o sobro e o azinho para o cavername, o pinho bravo para a quilha, a roda de proa, o leme de roda ou de cadaste e o forro das obras vivas (parte submersa do navio); e o pinho manso para as obras mortas. O primeiro desenho técnico de uma caravela redonda surgiu no *Livro das Traças de Carpintaria*, de mestre Manuel Fernandes, datado de 1616. Concluída a fase da exploração oceânica, a caravela foi, no século XVI, superada pela nau e pelo galeão, que eram navios de maior dimensão, com superior capacidade de carga e, por conseguinte, mais adaptados à “carreira da Índia”, ou seja, às viagens comerciais transoceânicas.





< **Tratado da Esfera**
Reprodução do tratado de 1537, por Pedro Nunes (1502-1578), é Tratado da sphaera com a theorica do sol e da lua. E do principio oitavo da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexandrino tirado fielmente do latim em linguagem portugueza. Tem dous tratados que o mesmo autor fez sobre a carta de marear, a qual contém uma tradução do Tratado da Esfera, de João de Sacrobosco, com comentários; a tradução das chamadas «teóricas» do Sol e da Lua segundo Ptolomeu; parte do primeiro livro da já então chamada Geografia de Ptolomeu. Inclui, ainda, dois pequenos tratados de Pedro Nunes, um «sobre certas dúvidas da navegação» suscitadas pela viagem de Martim Afonso de Sousa ao longo da costa sul-americana (de Pernambuco à bacia do rio da Prata, efetuada em 1531-1532 e outro «em defesa da carta de marear».

O seu autor foi um dos mais notáveis cientistas portugueses e europeus do século XVI. Contou com a proteção de D. João III (1521-1557), que o nomeou cosmógrafo régio (1529) e cosmógrafo-mor (1547). Foi professor da Universidade de Lisboa e de Coimbra e distinguiu-se nas áreas da Matemática, inventando o "nónio", da Cosmografia e da Física. Este Tratado da Esfera foi o seu primeiro trabalho impresso, tratando-se, sobretudo, de uma obra teórica que, conjuntamente com os «Guias náuticos» de 1509 e 1516, criou tradição nos meios náuticos portugueses.

> **Ciuitatis Orbis Terrarum**
Volume I (seis tomos em três volumes) | Colônia, Alemanha | 1572-1616 | Papel
Coleção Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

A presença militar portuguesa no norte de África iniciou-se com a conquista de Ceuta, em agosto de 1415, representada nessa gravura quinhentista. O domínio português de cidades estratégicas norte-africanas ficou assinalado por uma situação de conflito quase permanente, que levou à edificação de uma rede de fortificações. Eram fortalezas construídas segundo as mais modernas tendências da arquitetura militar da época, adaptadas às exigências das avançadas táticas bélicas. A obra *Ciuitatis Orbis Terrarum* foi editada por Georgio Braunio Agrippinate e ilustrada por Franciscus Hegenberg, entre 1572 e 1616, sendo considerada uma "peça monumental da renascença". Um dos mais importantes trabalhos do início da cartografia e topografia, no qual estão representadas muitas das mais importantes urbes do mundo. A cidade de Lisboa aparece numa iluminura incluída no volume V, gravada em 1598. Na mesma obra existem, ainda, reproduções das fortalezas de Tânger, Safim, Arzila, Salé e São Jorge da Mina, entre outras edificadas pelo reino de Portugal, na mesma época, na costa africana.



< Cabo esculpido do Benim
Benim | Séculos XV/XVI | Marfim | Coleção José Lico, Lisboa
25,5 x 2,8 x 4,5 cm

A arte afro-portuguesa foi, durante muito tempo, denominada arte do Benim. Essa designação englobou, durante séculos, todos os artefatos de marfim executados pelas populações da costa ocidental de África, inspirados em objetos e temáticas portugueses.

De fato, desde os primeiros contatos que entabulou com os portugueses, o rei do Congo enviou um impressionante presente ao rei dom João II (1481-1495), constituído por dentes de elefante e muitas outras peças de marfim lavrado, além de panos de palma bem tecidos e de muitas cores.

As peças de marfim confeccionadas no Benim e na costa, precisamente por essa razão, denominada do Marfim, foram muito apreciadas na Europa do renascimento. Os reis portugueses utilizaram, muitas vezes, essas peças de grande qualidade artística como presentes de natureza diplomática, mandando gravar suas armas e, por vezes, as de seus destinatários.

Nas peças de marfim eram esculpidas figuras de europeus, animais, escudos heráldicos, motivos vegetais, cenas tiradas de ilustrações de livros e outros símbolos europeus. Objetos como colheres, garfos, buzinas e trompas de caça ou olifantes, polvorinhos, saleiros com ou sem tampa, pixides e hostiários eram encomendados pelos portugueses e trazidos para Lisboa, sendo posteriormente difundidos pela Europa.

> Contador indo-português
Séculos XVI/XVII | Madeira e marfim | Coleção José Lico, Lisboa | 28,5 x 27 x 35 cm

O mobiliário indo-português apresenta, em regra, duas características comuns: formas européias e decoração oriental. Podia ser fabricado em território pertencente ao Império Português do Oriente ou em terras governadas pelo grão-mogol.

Nas peças tipicamente indo-portuguesas utilizou-se o sissó (pau-santo indiano) ou o ébano, que eram de tom negro, para realçar o desenho embutido na teca e para compor as guarnições. Nas peças de tipo mogol, marchetou-se o ébano com marfim e osso e aplicaram-se filetes de metal. Num caso ou no outro, pontearam-se os embutidos com delicados pinos de marfim, metal ou madeira, consoante a cor de fundo.

Os elementos ornamentais e sua densa distribuição pela superfície das peças são primordiais na caracterização desses móveis ornamentais. Nesse contador, a decoração em embutidos de marfim evidencia grandes jarras com flores completamente desabrochadas, de múltiplas pétalas, que se dispõem no centro da composição. Com perfeita simetria, podemos observar alguns animais, como coelhos, leões e pássaros, além de desenhos geométricos. Os contadores, de que esse constitui exemplo, dispunham ainda de entradas de fechaduras, dobradiças e outros encaixes de metal dourado rendilhado, sobrepostos ao lavor dos embutidos, que lhe conferiam uma suntuosidade verdadeiramente notável.



< **Livro de Marinharia**

Reprodução | Século XVI | Papel e pergaminho | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa | 45 cm

Os livros de marinharia são textos redigidos pelos pilotos e navegadores em cadernos, como resultado de suas viagens nos séculos XVI e XVII, para uso pessoal. Essas compilações incluem roteiros, regras de navegação, tábuas de declinações solares, dados sobre as marés e diários de viagens, ainda que muito elementares. Uma das mais significativas obras desse tipo é precisamente o *Livro de Marinharia* subordinado ao título *Breve Tratado de Marinharia com Alguns Emxemplos que Fallão acerca Dalltura*, atribuído ao piloto quinhentista João de Lisboa, por nele se incluir um texto de sua autoria, o "Tratado da Agulha de Marear", datado de 1514. Lisboa procedeu, na primeira vintena do Quinhentos, a medições de latitude de norte a sul do litoral da Terra de Santa Cruz, conforme demonstram, por um lado, a tábua incluída em sua obra que apresenta os primeiros topônimos e "alturas da costa do Brasil" para a região costeira sul-americana compreendida entre 25 e 35 graus e, por outro, o fato de nas imediações da Baía do Maranhão (2º 1/3 S) surgir cartografado no atlas Homem-Reinéis um rio denominado Joham de Lixboa. Essa obra inclui, ainda, um atlas geográfico universal com 20 cartas, todas elas desenhadas e iluminadas em uma das faces do pergaminho, de autor quinhentista desconhecido. A partir dessa obra, os manuscritos similares passaram a ser designados da mesma forma. É o caso, entre outros, de *O Livro de Marinharia* de André Pires, *O Livro de Marinharia* de Manuel Álvares e *O Livro de Marinharia* de Gaspar Moreira, também elaborados no Quinhentos.

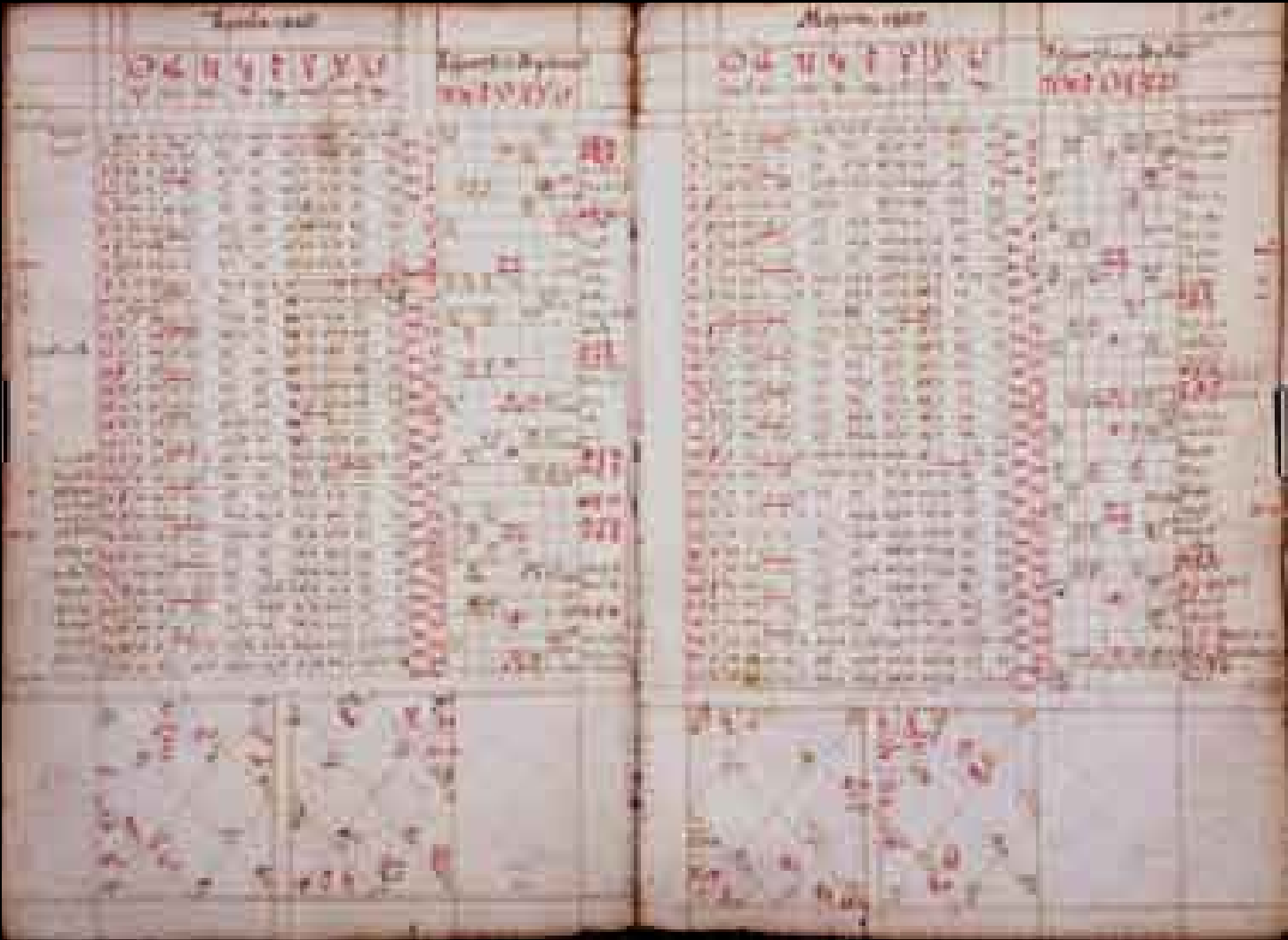


> **Duas Viagens ao Brasil**

Magdeburgo, Alemanha | 1557 | Hans Staden | Gravura de papel
Coleção Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

O famoso livro de Hans Staden, que apresenta um título de grande, é apenas usualmente conhecido pela versão simplificada de *Duas Viagens ao Brasil*. Na obra que o celebrou, o artilheiro alemão descreve as duas viagens que realizou ao Brasil, entre 1548 e 1555. Esse livro, publicado em Madeburgo (Hessel), na Alemanha, em 1557, por André Kolbe, foi ilustrado com litografias notáveis que descrevem, sobretudo, cenas da vida cotidiana dos ameríndios, mais precisamente de um grupo tribal – os tupinambá – pertencente à família tupi-guarani, além de artefatos, utensílios, armas, cenas guerreiras e episódios de rituais antropofágicos. Mas as gravuras iniciais da obra, que ilustram a descrição da viagem oceânica do aventureiro alemão, constituem úteis representações da utilização do astrolábio e da balestilha em pleno oceano, na nau do capitão Penteado, na qual se engajou Hans Staden. Não se sabe quem foi o autor dessas xilogravuras, mas na flâmula do mastro grande observam-se as iniciais D.H., que podem corresponder às do desenhista ou gravador. No que se refere à balestilha, é um instrumento astronômico utilizado para determinar a latitude do navio por meio da observação da altura do sol. Sua origem tem sido situada na antiguidade, mas outros especialistas consideram que a balestilha foi uma adaptação, provavelmente do início do século XVI, de um instrumento medieval designado por báculo de Jacob ou *virga visoris*, utilizado em operações de topografia e agrimensura ou, ainda, do *kamal*, a denominada balestilha do mouro, observada pela primeira vez pelos tripulantes da armada de Vasco da Gama no Índico, em 1498.





< **Tábua solar**
Reprodução do Códice 1711 | Século XVI | Papel | Coleção Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

O avanço dos navios portugueses em direção ao Atlântico sul e, em particular, a passagem do Equador, na segunda metade do século XV, tornaram imprescindível o desenvolvimento de um novo método de navegação, uma vez que se tratava de um instrumento indispensável para a exploração do hemisfério sul.

Mestre José Vizinho, Duarte Pacheco Pereira, mestre Rodrigo e o licenciado Calçadilha, entre outros, foram encarregados de encontrar um processo global de navegação. O método de navegação por latitudes – ou método de navegação astronômico, vulgarmente designado na época por “pesar o sol ao meio-dia” –, obtidas pela observação meridiana do sol, foi experimentado com sucesso no Golfo da Guiné por mestre Vizinho e Duarte Pacheco Pereira. Como resultado desse trabalho teórico e experimental apareceram as primeiras tábuas anuais de declinação solar, provavelmente da autoria dos mestres Vizinho e Rodrigo, seguindo-se, alguns anos depois, as tábuas quadrienais, em cuja elaboração participou Abraão Zacuto. A dificuldade de aplicar o método em alto-mar levou à decisão de elaborar novas tábuas que trouxessem o valor de declinação solar expresso e passível de leitura direta. Surgiram, assim, as tábuas do gênero das que se encontram nos *Guias Náuticos* de 1509 e 1516, no *Livro* de Francisco Rodrigues e em outros textos náuticos como o *Livro de Marinharia*, de João de Lisboa.

As tábuas quadrienais de declinação solar permitiram o desenvolvimento da navegação, continuando a aparecer nos séculos XVI e XVII. Um exemplo paradigmático é fornecido pelas referentes ao quadriênio 1537-1540, publicadas no *Tratado da Esfera*, de Pedro Nunes, em quase todas as obras náuticas escritas pelos cosmógrafos e em muitos atlas que incluíam esse tipo de informação, como, por exemplo, os de Fernão Vaz Dourado.

> **Salva de pé baixo**
Séculos XV/XVI | Prata | Coleção Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo, Lisboa | 5,7 x 38,2 x 19 (base) cm

A arte portuguesa quinhentista enriqueceu a ourivesaria com novos temas resultantes dos contatos com povos africanos, asiáticos e ameríndios, em consequência dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI. Populações, terras, animais e plantas exóticas foram representados em peças que enriqueceram o paço real, os palácios de nobres e do alto clero, bem como as residências de ricos burgueses, sinais reveladores da opulência proporcionada pelas redes comerciais intercontinentais.

A salva de pé baixo, de cobre dourado e esmaltado, está gravada e ricamente decorada com temas inspirados nos contatos com o continente africano. No círculo principal e mais evidenciado, em relevo dourado num fundo negro, são representados, em cenas simétricas, homens, animais exóticos e frutos. A faixa central é ornamentada por uma orla, tradição perfeitamente ocidental evidente nos trabalhos desse período, e mesmo em épocas anteriores.

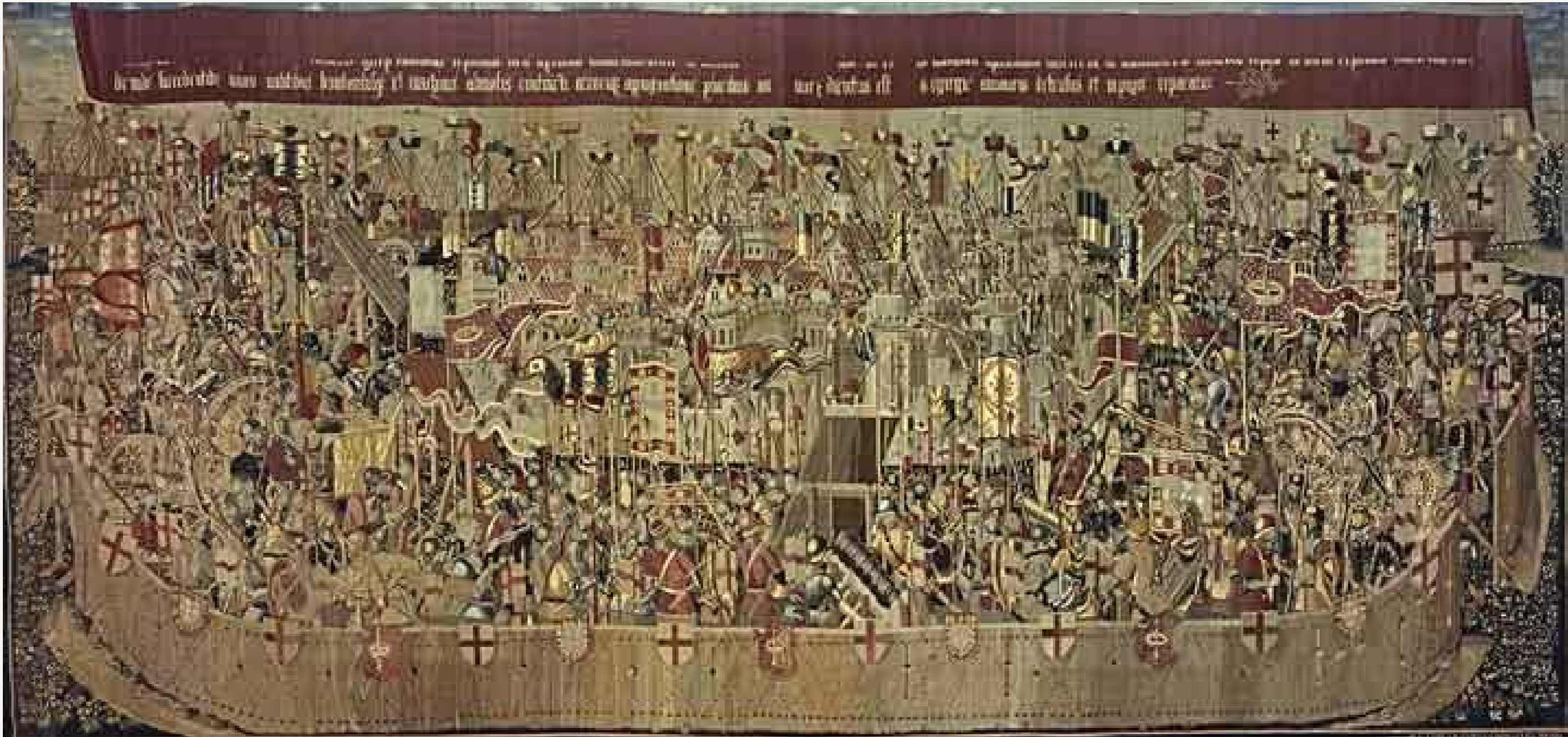
O exotismo da flora e da fauna da África constituiu, para os ourives e joalheiros portugueses, um dos temas preferidos de decoração de suas peças. Pode-se observar essa influência nas salvas, gomis, fruteiros, saleiros, talheres e outros objetos do cotidiano das famílias mais opulentas da época quinhentista.



> Tapeçaria de Pastrana

Cópia espanhola, a partir do original do século XV feito na oficina de Pasquier Grenier, em Tournai | 1944 | Lã e seda
Coleção Paço dos Duques de Bragança, Guimarães
1110 x 360 cm

O reinado de dom Afonso V (1438-1481) foi marcado pelo empenho pessoal do monarca na retomada da política de conquista de cidades do litoral marroquino, fato que se encontra na origem do cognome "o Africano". Entre as principais praças conquistadas assinalam-se Alcácer-Ceguer (1458), Arzila (1471), bem como Tânger e Larache, abandonadas por seus habitantes face à aproximação da armada portuguesa (também em 1471). O monarca passou a utilizar o título de Rei de Portugal e dos Algarves Daquém e Dalém-Mar em África, mostrando a intenção de continuar as conquistas para o sul. Após a terceira campanha de Marrocos, dom Afonso V mandou executar, segundo se crê, na oficina de Pasquier Grenier, em Tournai, quatro grandes tapeçarias que evocam os episódios de Arzila e Tânger, de acordo com cartões do pintor régio Nuno Gonçalves. As três primeiras representam, com contornos heróicos, o desembarque, o cerco e o assalto às muralhas de Arzila, enquanto a última constitui um documento iconográfico de grande alcance da ocupação de Tânger. Essas valiosas obras de arte, de grande significado histórico e expressão da produção artística quatrocentista, encontram-se no Museu da Igreja da Colegiada de Pastrana, uma vila espanhola a quem foram oferecidas por dom Afonso V no decurso da luta pela sucessão do trono de Castela, em que esteve envolvido, entre 1474 e 1479. Foram realizadas cópias, na década de 40 do século XX, destinadas ao Paço dos Duques, em Guimarães.



A LÍNGUA E O COMÉRCIO



A nossa magna língua portuguesa

De nobres sons é um tesouro.

Secou o poente, murcha a luz represa.

Já o horizonte não é oiro: é ouro.

Negrou? Mas de altas sílabas os mastros

Contra o céu vistos nossa voz afoite.

O claustro negro céu alva azul de astros,

Já não é noute: é noite.

26-8-1930
Poema 314 [Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930, ed. Ivo Castro, Edição
Crítica, Lisboa, Imprensa Nacional-CAsa da Moeda, 2001]

> Livro das Aves

Século XIV | Manuscrito
Coleção Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Manuscrito português do séc. XIV, constituído no estado atual por nove folhas soltas de pergaminho, muito mutiladas, escritas em minúscula gótica por uma única mão, a duas colunas e com miniaturas quadrangulares representando diversas aves (falcão, águia, andorinha, cegonha, ema, noitibó, pavão). É tradução (anônima) do tratado De Avibus, de Hugo de Folieto. Encontram-se em Portugal três manuscritos medievais, em latim, deste tratado. Mas apenas é conhecido este exemplar da tradução portuguesa: os seus antigos proprietários foram Jorge de Faria e Serafim da Silva Neto, pertencendo hoje à Biblioteca da Universidade de Brasília.

Transcrição:

O pavão, assim como diz Santo Isidro, tira o nome do som da voz espantosa que dá. Pois pavão lhe chamam porque faz pavor e espanto àqueles que o ouvem, quando não estão prevenidos.

Dos pavões diz a Escritura Santa que os mandava trazer Rei Salomão da cidade de Tarsis para a cidade de Jerusalém. E, porque por Tarsis se entendem aqueles que buscam os gozos e prazeres do mundo e por Jerusalém aqueles que buscam a paz das almas e dos corpos, por isso entendemos, pelos pavões que traziam de Tarsis a Jerusalém, os pregadores do Evangelho de Jesus Cristo, que pregam aos homens para que se afastem dos gozos e dos prazeres mundanos para poderem vir à glória do Paraíso, em que terão paz e alegria e prazer para todo sempre e sobre todo tempo sem fim.

Dos pavões disseram os sábios que têm as carnes tão duras que não podem apodrecer tão depressa como as carnes dos outros animais, que as têm moles. Com dificuldade as pode cozer fogo ou calor de estômago de animal, por grande que seja. Assim, as mentes e vontades dos bons pregadores que a verdade da fé praticam e pregam não podem ser queimadas por fogo de cobiça, nem calor de luxúria.

Disseram ainda que o pavão tem um brado muito espantoso, pois muito se espantam os pecadores quando o pregador os ameaça com as penas do Inferno e do Purgatório ou com a justiça de Deus, que virá sobre eles neste mundo ou no outro pelas maldades em que vivem e de que se não querem partir.

Disseram ainda que o pavão anda simplesmente, pois não mostra nenhuma vaidade em seu andar. Pelo mesmo motivo o pregador, que pelo pavão se entende, como dito é, deve mostrar em todas suas obras humildade.

Disseram ainda que o pavão tem cabeça de serpente, pois o pregador deve guardar todos os sentidos que Deus pôs em seu corpo, e entendimento e vontade, para nunca consentir nem fazer coisa que seja contra Deus e contra sua alma, ou em dano de alguém. E então guardará sempre o seu estado, assim como a serpente guarda sempre a sua cabeça.

Disseram ainda que o pavão tem as penas das asas avermelhadas. Assim o pregador, quando se eleva nas asas de seu entendimento para observar como o filho de Deus quis ser homem para salvar os pecadores pela morte que por eles sofreu, todo se banha e deleita naquele sangue que de seu corpo saiu e quis deixar verter. E assim em imaginação fica todo tinto daquele sangue que do seu corpo saiu para salvar o mundo.

Disseram ainda que o pavão tem cauda longa e em cada pena da cauda tem muitos olhos. Assim o pregador deve pregar que a vida futura, que teremos no outro mundo, é muito longa e sem fim. E tem muitos olhos para podermos ver e entender quantos são os perigos em que os homens caem, enquanto neste mundo vivem, se for vontade de Deus. E pelas muitas cores que aparecem na cauda do pavão entendemos muitas e variadas virtudes que os pregadores terão na vida futura da glória do paraíso, em que viverão para todo sempre.

Deveis ainda entender, vós que ouvis a natureza do pavão, que o pavão alça a cauda quando o louvam, e por isso dizem os meninos ao pavão: faz a roda, faz a roda. Então ele alça e estende toda a sua cauda e anda de volta, mostrando-se de uma parte e outra, pois sabe por virtude natural que a cauda é a parte mais formosa do seu corpo. E por isso ao prelado, que por ofício deve pregar a palavra de Deus, quando o louvam na sua pessoa alguns lisonjeiros, alçam as suas mentes e corações por vanglória, e arredondam as penas e põem-nas por ordem uma sobre outra, pois cuidam que quanto disseram e fizeram foi dito e feito muito ordenadamente.

E, quando o pavão alça a cauda por louvor que lhe dizem, aparece a parte posterior do seu corpo desnudada e descoberta, muito feia e torpe e ridícula. Assim o pregador que se deixa vangloriar pelos louvores que lhe disseram, aqueles que vêem ou ouvem que se deleita na glória do louvor vão consideram-no louco e vaidoso e riem e escarnecem dele, como de homem de mau recado e mau entendimento.

É preciso que o pavão traga a cauda descida para cobrir a parte posterior do seu corpo, que tão feia e torpe é. Assim o pregador, que é doutor dos povos a que prega e que todos devem tomar por exemplo, deve cobrir de humildade todas as obras que fizer e disser, pois sem humildade não há coisa que possa receber.

[Versão moderna por Ivo Castro]

[fontes bibliográficas: Livro das Aves, dir. Nelson Rossi, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1965; Livro das Aves, ed. Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa, Colibri, 1999]







Não tocar ou ingerir os alimentos

TEXTOS E LEGENDAS EM INGLES



LUSA - A matriz portuguesa

Patrocínio | Sponsorship
Banco do Brasil

Realização | Presentation

Centro Cultural Banco do Brasil - Rio de Janeiro
Rua Primeiro de Março 66, Centro
20010-000 Rio de Janeiro RJ
Tel 21 3808 20202

Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília
Setor de Clubes Esportivos Sul trecho 2 lote 22
70200-002 Brasília DF
Tel 61 310 7087

Centro Cultural Banco do Brasil - São Paulo
Rua Álvares Penteado 112, Centro
01012-000 São Paulo SP
Tel 11 3113 3651 / 3652

bb.com.br/cultura

Apoio - Rio de Janeiro | XXXXXX
Ourocap

EXPOSIÇÃO | *EXHIBITION*

Idealização do Projeto e Desenho de Montagem |
Exhibition Project and Design
Marcello Dantas

Curadoria | Curators
Conceição Lopes – Presença Romana/ Roman Presence
Cláudio Torres – Presença Islâmica/ Islamic Presence
Ivo Castro – Língua/ Language
Jorge Couto – A Ciência e os Descobrimentos / Science and Discoveries
José Custódio Vieira da Silva – Cristianismo Medieval/ Medieval Christianity
Luís Raposo – Pré-História/ Prehistory
Maria José Ferro Tavares – Presença Judaica/ Jewish Presence
Paulo Almeida Fernandes – Alta Idade Média/ High Middle Ages
Santiago Macias – Alta Idade Média / High Middle Ages

Coordenação | Coordination
MAG+ REDE CULTURAL

Produção Executiva | Executive Production
Angela Magdalena – Brasil
Conceição Amaral - Portugal

Arquitetura| Architecture
Jeanine Menezes

Assistente de Curadoria| Curatorial Assistance
Sílvia Albertini

Produção | Production
Izabel Campello- Rio de Janeiro
Ana Bartolo- Rio de Janeiro
Nathalia Ungarelli- Brasília
Luís Campos - Portugal
TerraCulta, Ltda (Portugal)
Sérgio Santos- Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo

Assistente de Desenvolvimento | Development Assistance
Karin Kauffmann

Identidade visual | Visual Identity
19 Design / Heloisa Faria
Hugo Rafael, Elisa Janowitz, Romulo Lima

Iluminação | Lighting design
Beto Kaiser

Cenografia | Setup
Cenotech

Equipe Técnica Brasil | Technical Team Brazil
Angela Freitas- museologia
Iramá Gomes – multimídia
Jorge Garcia- montagem
José Neunann– multimídia
Marcelo Oliveira – multimídia

Transportes e Embalagens | Shipping and Crating
Alves Tegam – Brasil
FeirExpo- Portugal

Despacho Aduaneiro | Custom Clearance
Waiver Logística

Seguro | Insurance
JMS
Apoio produção | Production assistance
Adma Sara
Dario Francisco Silva
Sergio Ricardo
Edson Citriniti

Agradecimentos | Acknowledgements
Academia das Ciências de Lisboa
Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa
Cabido da Sé – Lisboa
Campo Arqueológico de Mértola
Direção Geral dos Arquivos (Torre do Tombo) – Lisboa
Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Fundação Calouste Gulbenkian – Biblioteca de Arte / Lisboa
IMC - Instituto dos Museus e da Conservação (Portugal)
Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras de Coimbra
José Lico
Ministério da Cultura (Portugal)
Museu da Língua Portuguesa – São Paulo
Museu Arqueológico de Sines - Câmara Municipal de Sines
Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa
Museu de Alberto Sampaio, Guimarães / IMC
Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva
Museu de Mértola - Câmara Municipal de Mértola
Museu de Moura - Câmara Municipal de Moura
Museu Geológico – Lisboa
Museu Judaico do Rio de Janeiro
Museu Militar – Lisboa
Museu Monográfico de Conímbriga / IMC
Museu Municipal de Faro – Câmara Municipal de Faro
Museu Municipal de Arqueologia de Silves – Câmara Municipal de Silves
Museu Municipal de Santarém – Câmara Municipal de Santarém
Museu Municipal de Torres Novas – Câmara Municipal de Torres Novas
Museu Nacional de Arqueologia – Lisboa / IMC
Museu Nacional de Arte Antiga – Lisboa / IMC
Museu Nacional do Azulejo – Lisboa / IMC
Museu Nacional Machado de Castro – Coimbra / IMC
Museu Regional de Beja
Museu Santos Rocha - Câmara Municipal da Figueira da Foz
Paço dos Duques de Bragança – Guimarães / IMC
Secretaria Geral do Ministério da Cultura – Lisboa
Serviço de Documentação da Marinha – Brasil
Sociedade de Geografia – Lisboa
TAP Portugal
Turismo de Portugal, IP
Universidade do Algarve – Faro

PUBLICAÇÃO | *PUBLICATION*

Textos | Texts
Conceição Lopes
Cláudio Torres
Ivo Castro
Jorge Couto
José Custódio Vieira da Silva
Luís Raposo
Marcello Dantas
Maria José Ferro Tavares
Paulo Almeida Fernandes
Santiago Macias

Direção de Arte | Art Direction
Heloisa Faria
Marcello Dantas

Projeto Gráfico | Graphic Project
19 design / Heloisa Faria
Hugo Rafael, Elisa Janowitz, Romulo Lima

Produção | Production
Sílvia Albertini

Tradução | Translation
Alexandra De Vries
Justin Miller
Sergio Campos Mello

Revisão | Copydesk
Marca texto editorial

Fotografias | Photography
Cesar Barreto – paginas xxxxxxxx
Antonio Cunha- páginas xxxxxxxx
IMC/ IPM- páginas xxxxxxxxx

Impressão e CTP | Printing and CTP



Este catálogo foi impresso em couché matt 170g/m² pela Gráfica XXXXXX, em novembro de 2007